



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

DÉBORA CRISTINA NASCIMENTO DE LIMA

O LUGAR DA MULHER É REALMENTE ONDE ELA QUISE?
COMPREENDENDO O ASSÉDIO SEXUAL ONLINE À LUZ DO MODELO GERAL
DA AGRESSÃO

JOÃO PESSOA – PB

2025

DÉBORA CRISTINA NASCIMENTO DE LIMA

**O LUGAR DA MULHER É REALMENTE ONDE ELA QUISER?
COMPREENDENDO O ASSÉDIO SEXUAL ONLINE À LUZ DO MODELO GERAL
DA AGRESSÃO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, como requisito final para obtenção do título de Doutora em Psicologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel

Coorientador: Prof. Dr. Cícero Roberto Pereira

JOÃO PESSOA – PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732l Lima, Débora Cristina Nascimento de.

O lugar da mulher é realmente onde ela quiser? :
compreendendo o assédio sexual online à luz do modelo
geral da agressão / Débora Cristina Nascimento de Lima.
- João Pessoa, 2025.
147 f. : il.

Orientação: Carlos Eduardo Pimentel.
Coorientação: Cícero Roberto Pereira.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Assédio sexual online. 2. Sexismo ambivalente. 3.
Afetos negativos. 4. Personalidade. I. Pimentel, Carlos
Eduardo. II. Pereira, Cícero Roberto. III. Título.

UFPB/BC

CDU 343.541(043)

ATA DE DEFESA DE TESE

Aos vinte e um dias do mês de março de dois mil e vinte e cinco, de modo remoto pelo Google Meet, reuniram-se em solenidade pública os membros da comissão designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social (CCHLA/UFPB), para a defesa de Tese da aluna **DÉBORA CRISTINA NASCIMENTO DE LIMA**– mat. 20211012698 (orientando(a), UFPB, CPF: 020.882.182-11). Foram componentes da banca examinadora: Prof.^(a) Dr.^(a) **CARLOS EDUARDO PIMENTEL** (UFPB, Orientador, CPF: 023.802.314-19), Prof.^(a) Dr.^(a) **CICERO ROBERTO PEREIRA** (UFPB, Membro Interno ao Programa, CPF: 982.070.754-49), Prof.^(a) Dr.^(a) **JAQUELINE GOMES CAVALCANTI SA** (UFPB, Membro Interno ao Programa, CPF: 046.281.144-12), Prof.^(a) Dr.^(a) **TAILSON EVANGELISTA MARIANO** (UNICAP, Membro Externo à Instituição, CPF: 008.681.253-00 e Prof.^(a) Dr.^(a) **TAMYRES TOMAZ PAIVA** (FACENE, Membro Externo à Instituição, CPF: 086.012.394-47). Na cerimônia compareceram, além do(a) examinado(a), alunos de pós-graduação, representantes dos corpos docente e discente da Universidade Federal da Paraíba e interessados em geral. Dando início aos trabalhos, o(a) presidente da banca, Prof.^(a) Dr.^(a) **CARLOS EDUARDO PIMENTEL**, após declarar o objetivo da reunião, apresentou o(a) examinado(a) **DÉBORA CRISTINA NASCIMENTO DE LIMA** e, em seguida, concedeu-lhe a palavra para que discorresse sobre seu trabalho, intitulado: "O LUGAR DA MULHER É REALMENTE ONDE ELA QUISER? COMPREENDENDO O ASSÉDIO SEXUAL ONLINE À LUZ DO MODELO GERAL DA AGRESSÃO". Passando então ao aludido tema, a aluna foi, em seguida, arguida pelos examinadores na forma regimental. Ato contínuo, passou a comissão, em secreto, a proceder a avaliação e julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe o conceito de "APROVADO", o qual foi proclamado pela presidente da banca, logo que retornou ao recinto da solenidade pública. Nada mais havendo a tratar, eu, Júlio Rique Neto, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFPB, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada por todos assino juntamente com os membros da banca. João Pessoa, 21 de março de 2025.

Documento assinado digitalmente
 **CARLOS EDUARDO PIMENTEL**
Data: 25/03/2025 19:01:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^(a) Dr.^(a) **CARLOS EDUARDO PIMENTEL**

Documento assinado digitalmente
 **TAILSON EVANGELISTA MARIANO**
Data: 22/03/2025 13:47:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^(a) Dr.^(a) **TAILSON EVANGELISTA MARIANO**

Documento assinado digitalmente
 **CICERO ROBERTO PEREIRA**
Data: 25/03/2025 08:03:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^(a) Dr.^(a) **CICERO ROBERTO PEREIRA**

Documento assinado digitalmente
 **TAMYRES TOMAZ PAIVA**
Data: 24/03/2025 20:32:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^(a) Dr.^(a) **TAMYRES TOMAZ PAIVA**

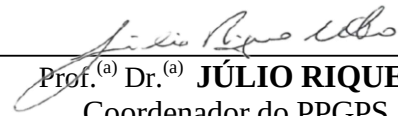
Documento assinado digitalmente
 **JAQUELINE GOMES CAVALCANTI SA**
Data: 25/03/2025 06:38:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^(a) Dr.^(a) **JAQUELINE GOMES CAVALCANTI SA**



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social




Prof.^(a) Dr.^(a) **JÚLIO RIQUE NETO**
Coordenador do PPGPS

À minha família e amigos

“A pesquisa científica é criativa, artesanal e tem que dizer algo da vida real”.

(L.C)

AGRADECIMENTOS

O momento de agradecer é certamente o mais sensível e especial. É impossível não se emocionar, pois relembro todo o caminho percorrido até esse momento. No entanto, por mais difícil que tenha sido, eu fui agraciada com pessoas incríveis que tanto me ajudaram e aqui quero expressar minha gratidão. Quero iniciar dedicando este trabalho aos meus pais Raimunda e Roberval, que sempre incentivaram e apoiaram todos os meus sonhos. Quero agradecer às minhas irmãs Marta e Clicia por estarem do meu lado nos bons e maus momentos. Obrigada por cuidarem tão bem de mim. Agradeço aos meus irmãos Jedaías e Cleverton e aos meus incríveis sobrinhos: Davi, Gabriel, Silas, Eduardo, Manu, Miguel e Sophia. Não poderia deixar de citar aqui meu primo Natan, que tantas vezes ouviu meus desabafos e mesmo assim conseguia enxergar o lado leve da situação. Seguidamente, agradeço pela recepção ao meu orientador e coorientador, Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel e Prof. Dr. Cicero Roberto Pereira, respectivamente, com os quais eu pude aprender e crescer tanto academicamente quanto pessoalmente. Também gostaria agradecer a banca formada pelo Prof. Dr. Tailson Evangelista Mariano, Prof^a Dr^a Jaqueline Sá e Prof^a Dr^a Tamyres Tomaz, tê-los em minha banca é motivo de grande orgulho, pois, cada um impactou positivamente minha trajetória acadêmica, mais uma vez, muito obrigada por todas as contribuições e pelo zelo com meu trabalho. Aos meus amigos, Isabella, Thais, Edson, Suiane, Ericarla, Thayro e a todo LPM, muito obrigada pela acolhida. Gostaria de deixar registrado minha gratidão aos meus incríveis amigos Lucas e Allysson, dois presentes que ganhei em João Pessoa, vocês são maravilhosos e obrigada por tudo. À Priscila e sua família, especialmente Rosélio e Sônia que abriram as portas de sua casa para mim quando cheguei em João Pessoa em 2017. Agradeço a todos meus amigos, no Acre ou em João Pessoa, vocês foram fundamentais. Por último, mas, não menos importante, gostaria de agradecer à minha namorada Évelin por todo companheirismo, carinho, cuidado e amor ao longo desses últimos dois anos. Estendo meus agradecimentos também à família. Por fim,

gostaria de agradecer à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio financeiro sem o qual não seria possível concluir meu doutorado.

O LUGAR DA MULHER É REALMENTE ONDE ELA QUISER?
COMPREENDENDO O ASSÉDIO SEXUAL ONLINE À LUZ DO MODELO GERAL
DA AGRESSÃO

Resumo

O presente programa de estudos teve como objetivo explorar o fenômeno do Assédio Sexual *Online* (ASO) a partir do Modelo Geral da Agressão (GAM). No primeiro estudo, uma revisão de escopo, identificou-se que a literatura investiga principalmente os efeitos do ASO na saúde mental das vítimas. A partir disso, propomos o segundo estudo, no qual foi validada a Escala de Assédio Sexual *Online*. Através das análises fatoriais: exploratória (N = 204; M_{idade} = 25,18; DP = 17,49) e confirmatória (N = 203; M_{idade} = 34,37; DP = 9,76), a escala foi fixada em uma estrutura bifatorial (atenção sexual indesejada e assédio de gênero), com 11 itens e apresentou índices de ajuste adequados: ($\chi^2/df = 0,84$, CFI = 1,00, GFI = 0,94, TLI = 1,00, RMSEA = 0,00 | 90% CI 0,00 - 0,02|, SRMR = 0,1). No terceiro estudo as relações entre ASO, personalidade e sexismo ambivalente foram exploradas, além de testar o papel mediador do sexismo ambivalente na relação entre personalidade e ASO. Os resultados indicaram que os dois fatores do sexismo (benévolo e hostil) medeiam a relação entre a personalidade e ASO (GFI = 0,92, CFI = 0,94, TLI = 0,93, RMSEA = 0,06 (90% CI: 0,05 - 0,06), SRMR = 0,09). Por fim, no estudo experimental testou-se o ciclo proximal do GAM e concluímos que os sujeitos expostos a conteúdo de ASO compartilharam mais conteúdo do tipo, quando experienciaram afetos negativos. Assim, a exposição à este conteúdo contribui para a perpetuação das violências digitais contra às mulheres.

Palavras-chave: assédio sexual online; personalidade; sexismo ambivalente; afetos negativos.

IS A WOMAN'S PLACE REALLY WHEREVER SHE WANTS? UNDERSTANDING ONLINE SEXUAL HARASSMENT THROUGH THE GENERAL AGGRESSION MODEL

Abstract

The present study program aimed to explore the phenomenon of Online Sexual Harassment (OSH) through the General Aggression Model (GAM). In the first study, a scoping review, we identified that the literature mainly investigates the effects of OSH on the victims' mental health. Based on this, we proposed the second study, in which we validated the Online Sexual Harassment Scale. Through factor analyses: exploratory ($N = 204$; $M_{age} = 25.18$; $SD = 17.49$) and confirmatory ($N = 203$; $M_{age} = 34.37$; $SD = 9.76$), the scale was fixed into a bifactorial structure (unwanted sexual attention and gender harassment), with 11 items and showed adequate indices: ($\chi^2/df = 0.84$, CFI = 1.00, GFI = 0.94, TLI = 1.00, RMSEA = 0.00 | 90% CI 0.00 - 0.02 |, SRMR = 0.1). In the third study, we explored the relationships between OSH, personality, and ambivalent sexism, and to testing the mediating role of ambivalent sexism in the relationship between personality and OSH. The results indicated that both factors of sexism (benevolent and hostile) mediate the relationship between personality and OSH (GFI = 0.92, CFI = 0.94, TLI = 0.93, RMSEA = 0.06 (90% CI: 0.05 - 0.06), SRMR = 0.09). Finally, in the experimental study, we tested the proximal cycle of the GAM and concluded that participants exposed to OSH content shared more content of the same type when they experienced negative emotions. Exposure to such content contributes to the ongoing normalization and perpetuation of digital violence against women.

Keywords: Online sexual harassment; personality; ambivalent sexism; negative affects.

Sumário

Introdução	1
CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO	5
Breve histórico do Assédio Sexual: do Offline ao Online	6
Relações de trabalho: primeiros relatos de assédio sexual	8
Assédio Sexual x Importunação Sexual	11
Assédio sexual: além do ambiente de trabalho	12
Violência Sexual Facilitada pela Tecnologia (VSFT).	14
Conceituando o Assédio Sexual Online	15
Medindo o assédio sexual online	16
O que dizem os estudos sobre os agressores?	17
Assédio Sexual Online Contra Mulheres	18
Perspectiva teórica: o Modelo Geral da Agressão	19
CAPÍTULO 2 - ESTUDOS EMPÍRICOS	29
Estudo 1. Assédio Sexual Online e Variáveis Associadas: Uma Revisão de Escopo	31
Método	31
Protocolo do estudo	31
Critérios de Inclusão e Exclusão	32
Bases de Dados e Estratégias de Busca	32
Coleta e Qualidade de Dados	33
Análise de Dados	34

Resultados	34
Discussão Parcial	46
Capítulo 3:	50
Estudo 2. Escala de Assédio Sexual Online: evidências psicométricas iniciais e variáveis relacionadas	50
2.1. Estudo Piloto	51
Método	51
Participantes	51
Instrumentos	51
Procedimentos	52
Processo de tradução e adaptação cultural	52
Análise de dados	53
2.2. Análise Fatorial Exploratória da Estrutura da Escala	55
Participantes	55
Instrumentos	55
Procedimentos	56
Análise de dados	56
Resultados	57
Discussão Parcial	58
2.3. Análise Fatorial Confirmatória da Estrutura da Escala	59
Participantes	59
Instrumentos	60

Procedimentos	60
Análise de dados	60
Resultados	61
Discussão Parcial	63
Capítulo 4:	66
Estudo 3. Personalidade e assédio sexual online: o papel mediador do sexismo ambivalente	66
Participantes	67
Instrumentos	67
Procedimentos	68
Análise de dados	68
Resultados	69
Discussão Parcial	70
Capítulo 5:	73
Estudo 4. Os impactos da exposição à conteúdo de assédio online no comportamento: o papel mediador dos afetos positivos e negativos	73
Participantes	74
Instrumentos	74
Procedimentos	75
Análise de dados	77
Resultados	77
Discussão Parcial	80

Capítulo 6:	83
Discussão Geral da Tese	83
Referências	93
ANEXOS	116

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Iceberg de Assédio Sexual	10
Figura 2. Visão geral do Modelo Geral da Agressão.....	21
Figura 3. Overview dos Estudos.....	30
Figura 4. PRISMA.....	33
Figura 5. Variáveis relacionadas.....	45
Figura 6. Modelo da EASO.....	63
Figura 7. Sexismo ambivalente medeia a relação entre a personalidade e o ASO.....	70
Figura 8. Trecho do Estímulo do Grupo Experimental.....	76
Figura 9. Trecho do Estímulo do Grupo Controle.....	76
Figura 10. Média dos Grupos	78
Figura 11. SEM do Modelo Explicativo do Compartilhamento de Conteúdo de ASO.....	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Dados Bibliométricos.....	34
Tabela 2. Caracterização dos estudos.....	37
Tabela 3. Detalhamento dos estudos	40
Tabela 4. Tabela com correções dos itens.....	54
Tabela 5. Estrutura Fatorial da Escala de Assédio Online.....	57
Tabela 6. Parâmetros dos itens da escala.....	62
Tabela 7. Médias, Desvio Padrão e Correlações Bivariadas.....	69

LISTA DE SIGLAS

AFE - Análise Fatorial Exploratória

AS – Assédio Sexual

ASBI - Abuso Sexual Baseado na Imagem

ASO – Assédio Sexual Online

ABSP - Anuário Brasileiro de Segurança Pública

CFA - Análise Fatorial Confirmatória

EASO - Escala de Assédio Sexual Online

FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública

GAM - General *Aggression Model*

ISA- Inventário de Sexismo Ambivalente

IS – Importunação Sexual

SA – Sexismo Ambivalente

SEM - Modelagem por Equações Estruturais

SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

VSFT - Violência Sexual Facilitada pela Tecnologia

Introdução

As violências praticadas no ambiente digital são, relativamente, novas e complexas assim como os fenômenos ligados ao espaço virtual, já que se modificam à medida que avanços tecnológicos são alcançados. As consequências deste novo cenário se traduzem em demandas teóricas, metodológicas e sociais, representando desafios aos pesquisadores da área (Henry & Powell, 2018). Na tentativa de sistematizar, caracterizar e compreender estes comportamentos online, as autoras Powell e Henry (2019) desenvolveram o conceito de "Violência Sexual Facilitada pela Tecnologia" (VSFT).

A VSFT é definida como uma gama de comportamentos em que as tecnologias de informação e comunicação são utilizadas para facilitar o dano sexual virtual, ou seja, uma nova categoria proporcionada pelas redes digitais, que são os crimes cibernéticos. As autoras categorizaram a VSFT em quatro dimensões: abuso sexual baseado na imagem (ASBI), agressão e/ou coerção sexual, assédio baseado no gênero e/ou na sexualidade e assédio sexual online (ASO; Powell & Henry, 2019).

Acerca do ASO, objeto de estudo da presente tese, Buchanan e Mahoney (2021) conceituaram este comportamento como avanços sexuais indesejados ou ameaças sexuais, experimentados mediante meios eletrônicos (*e.g.*, internet, dispositivos móveis). Os autores incluem, mas não se limitam, ao envio ou recepção não desejada de material digital privado, ou de conteúdo explícito, insultos baseados no gênero, comentários ou pedidos sexuais indesejados.

Pesquisas mostram que os homens também podem ser vítimas desta ciber agressão e que há efeitos negativos na saúde mental (*e.g.*, ansiedade e depressão) (Champion et al., 2022); contudo, majoritariamente, as vítimas ainda são as mulheres. No estudo conduzido por Salerno – Ferraro et al. (2022), as vítimas sofreram ASO mediante: mensagens sexualmente

inadequadas, observações ou comentários sexistas, comportamento sedutor ou atenção sexual indesejada, em diversos meios online (*e.g.*, redes sociais, e-mail ou mensagem de texto). Estes comportamentos impactaram, aumentando, os níveis de ansiedade e depressão (Buchanan & Mahoney, 2021; Reed et al., 2019). Além disso, as consequências também incluíram problemas para dormir (Hill & Kearn, 2011), aumento de consumo de álcool e níveis mais altos de depressão e ansiedade (Wolff et al., 2017).

Considerando os efeitos deletérios do ASO na saúde mental de suas vítimas (Dahlqvist & Gadin, 2018), estudos têm buscado explorá-lo tanto a partir da relação com outros construtos psicossociais, quanto dos possíveis preditores deste crime virtual. A literatura objetiva apreender este fenômeno partindo de duas perspectivas principais: fatores internos, considerados subjetivos, como a personalidade (Tang et al., 2019; Zeigler-Hill et al., 2016), e fatores externos ou aspectos socioculturais, a exemplo do sexismo ambivalente (SA, Martínez-Bacaicoa, et al., 2024; Schokkenbroek et al., 2024).

Mas, por que é importante aprofundar o estudo deste comportamento no cenário nacional? Sabe-se que o debate acerca do ASO passou a ganhar força recentemente, e ao nível de pesquisas, poucas são as que abordam esse construto mesmo que não seja uma novidade que ele aconteça (Fuzinelli et al., 2019). No contexto nacional é possível encontrar estudos recentes de revisão da literatura (Patrocino & Bevilacqua, 2021; Souza & Lordello, 2020), contudo, abordam o comportamento de *sexting* e não de ASO, e mesmo que ambos se manifestam no ambiente online, são operacionalmente distintos. Por fim, os estudos sobre ASO ou até mesmo comportamentos similares (*e.g.*, *sexting*, *sextortion*, *revenge porn*) no Brasil são poucos e se concentram na vitimização do público infanto-juvenil, ou seja, além da necessidade de diversificação da amostra, também é importante explorar os processos envolvidos na expressão e manutenção deste comportamento agressivo (Deslandes et al., 2024).

Desta forma, o presente programa de estudos se justifica, primeiramente: pelo avanço na investigação dos processos subjacentes a este comportamento, tendo em vista o impacto negativo do ASO na saúde mental de suas vítimas (*e.g.*, ansiedade, depressão, insônia) e carência de estudos com os agentes deste comportamento. Também pretendemos progredir, teoricamente, na aplicação do Modelo Geral da Agressão (GAM, Anderson & Bushman, 2002, 2018) e seus pressupostos na compreensão do ASO e como os brasileiros expressam este comportamento. Além disso, por meio de estudos correlacionais e experimentais, buscou-se explorar outras variáveis envolvidas na manutenção deste comportamento no espaço virtual, os efeitos de mídias contendo ASO no estado interno dos indivíduos e como estes construtos interagem entre si para proliferação desta violência.

Portanto, o objetivo geral do trabalho é verificar os efeitos da exposição às mídias com conteúdo gradual de ASO no estado interno do sujeito, a partir dos afetos. Como objetivos específicos, pretendemos explorar a literatura acerca da temática por meio de uma revisão de escopo, adaptar e validar *The Online Sexual Harassment Scale* (Buchanan & Mahoney, 2021), investigar as relações entre ASO e personalidade, testando o papel mediador do sexismo ambivalente nessa relação.

Ainda, a partir do comportamento de perpetração do ASO são propostas as seguintes hipóteses: (H¹) As estruturas de conhecimento (sexismo ambivalente e personalidade) irão se relacionar com o ASO e, (H²) sexismo ambivalente irá mediar, de maneira positiva e significativa, a relação da personalidade e ASO, (H³) espera-se que os participantes do grupo experimental tenham escores significativamente mais altos de afetos negativos e menos em afetos positivos (H⁴), além disso, hipotetiza-se o papel preditor da personalidade no compartilhamento de conteúdo de ASO (H⁵) e por fim, destaca-se a hipótese geral da presente tese (H⁶) os participantes expostos ao conteúdo contendo ASO irão compartilhar mais postagens de ASO quando comparados ao grupo controle.

Para melhor organização, esta tese é apresentada em capítulos. O capítulo 1 refere-se ao marco teórico. O capítulo 2 trata-se de uma revisão de escopo acerca da temática. O capítulo 3 trata da adaptação e validação da *The Online Sexual Harassment Scale*, onde realizou-se as análises fatoriais exploratória e confirmatória da medida, visando alcançar o modelo mais adequado do construto aplicado com amostras brasileiras. O capítulo 4 explora a relação entre personalidade e ASO, testando o papel mediador do sexismo ambivalente. O capítulo 5 se trata de um experimento, onde verificou-se os impactos da exposição ao conteúdo de ASO a partir de duas perspectivas: na rota dos afetos (positivos e negativos) e no comportamento de compartilhar este tipo de mídia. Finalmente, no capítulo 6 discutimos os achados da tese de maneira integrada com a teoria utilizada, repassando também os objetivos alcançados e as hipóteses testadas.

CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO

Breve histórico do Assédio Sexual: do Offline ao Online

O assédio sexual (AS) é um fenômeno complexo que inclui uma grande variedade de comportamentos. A literatura o conceitua como qualquer comportamento agressivo sexual e indesejado, que se expressa por meio de comentários escritos, verbais ou comportamentos com conotação sexual e podem ocorrer em qualquer lugar (*e.g.*, universidades, transportes públicos), não estando restrito a apenas um ambiente (Hill & Kearn, 2011; Pereira & Amorim, 2020; Sánchez-Jiménez et al., 2024).

Este comportamento pode ser categorizado a partir de duas perspectivas: a primeira, de acordo como Till (1980), que considera a existência de cinco tipos de assédio sexual: assédio de gênero (*e.g.*, comportamento sexista); comportamento sedutor (*e.g.*, avanços inapropriados e ofensivos); suborno sexual (*e.g.*, oferta de recompensas em troca de atividades sexuais); ameaça (*e.g.*, coerção baseada em punição para obtenção de vantagens sexuais) e por fim, imposição sexual (*e.g.*, imposição do ato sexual).

A segunda perspectiva se trata do modelo tripartite de assédio sexual proposto por Fitzgerald et al. (1988) que o define em três categorias: assédio sexual com base no gênero (*e.g.*, “mulheres não pertencem à ciência” ou chamar uma supervisora de “incapaz”), atenção sexual não-desejada (*e.g.*, conversas sexuais indesejadas ou toques não consensuais) e coerção sexual (*e.g.*, tornar uma oferta de/promoção/demissão de emprego dependente de um ato sexual). Assim, independente da perspectiva adotada, nota-se que o AS pode se expressar de diferentes formas e em diferentes espaços, desde o ambiente de trabalho, transportes públicos (Pereira & Amorim, 2020).

Considerando que o AS é um crime, o art. 216 - A do Código Civil Brasileiro (1940) o define como “ato de constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência

inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função”. É importante salientar que nesta definição o comportamento de AS se remete especificamente ao expressado no ambiente laboral.

Mesmo o Brasil já tenha uma legislação acerca do AS (Código Civil Brasileiro, 1940) a definição empregada apresenta lacunas, como, por exemplo, a limitação do comportamento apenas ao espaço das relações de trabalho, excluindo os demais espaços da vida social (Fukuda, 2012). Na tentativa de preencher esta lacuna, e principalmente, pelos inúmeros casos de ataques sexuais em transportes coletivos pelo país, em 2018 foi proferida a Lei Federal n.º 13.718/2018, conhecida como Lei de Importunação Sexual, mas, ainda sem abranger todos os ambientes que este comportamento pode ocorrer.

Desta forma, quando o aparato jurídico não é eficaz em operacionalizar e punir as diversas formas que um crime pode ocorrer, abre-se uma brecha onde os agressores se sentem livres e desinibidos para expressarem suas perspectivas hostis ou para se envolverem em atos desviantes. Principalmente, em um ambiente marcado pelo anonimato e “invisibilidade”, como é o online, onde, impulsionado pela popularização das redes sociais, interferem na maneira como os usuários se comportam no espaço virtual (Rosner & Kramer, 2016; Santos et al., 2023a).

Estas demandas teóricas, metodológicas e sociais, frutos da constante expansão da tecnologia, da informação e meios de comunicação, além da proliferação de casos de assédio, levaram ao desenvolvimento do conceito de "Violência Sexual Facilitada pela Tecnologia" (VSFT). A VSFT é definida como uma gama de comportamentos em que as tecnologias de informação e comunicação são empregadas como ferramentas para causar o dano sexual virtual, ou seja, uma nova roupagem aos crimes, proporcionada pelas redes digitais (Henry & Powell, 2018).

A violência online possui quatro dimensões: abuso sexual baseado na imagem (ASBI), agressão e/ou coerção sexual, assédio baseado no gênero e/ou na sexualidade e assédio sexual online (ASO; Powell & Henry, 2019). A população feminina, mais uma vez, é um dos grupos mais vitimizados por estes cibercrimes. Um exemplo, são os registros de crimes de ódio contra mulheres que aumentaram em 184% em relação a 2022. Além disso, no país, em cinco anos, as denúncias de misoginia na internet aumentaram quase 30 vezes (Borrajo et al., 2015; Safernet Brasil, 2023).

O debate acerca deste fenômeno passou a ganhar força recentemente e ainda há um longo caminho tanto ao nível de pesquisas quanto de leis, mesmo que não seja uma novidade que ele aconteça, um exemplo é que até 2001 não existia uma legislação específica para o crime de AS (Fukuda, 2012; Fuzinelli et al., 2019). Além disso, autores alertam para o fator sociocultural envolvido, já que casos de assédio sexual podem ser entendidos “apenas” como a forma com que nós brasileiros nos relacionamos (Pereira & Amorim, 2020).

Portanto, mesmo característico do ciberespaço, é necessário salientar que este comportamento se remete às origens das relações humanas e os primeiros relatos acerca do mesmo datam de 1940, e surgiram a partir das relações de trabalho. A seguir, discutiremos em qual contexto se deram os primeiros relatos de AS, quais os atores sociais envolvidos, as repercussões culturais, sociais e econômicas na época e também, como as ferramentas políticas e socioculturais foram utilizadas para preservar o *status quo*, fazendo que as desigualdades se perpetuam até hoje (Lima et al., 2021).

Relações de trabalho: primeiros relatos de assédio sexual

Em 1940, na Universidade de Cornell, feministas norte-americanas utilizaram pela primeira vez o conceito de AS, as mesmas observaram “práticas de conotações sexuais dos homens contra as mulheres no contexto das relações de trabalho” (Diniz, 2017). Tais práticas

estão intimamente ligadas ao trabalho desde os primeiros relatos e são consideradas “evolução” do assédio moral, também comum no espaço laboral, pois, em ambos os contextos, a outra pessoa é humilhada e tratada como um objeto à disposição (Hirigoyen, 2008).

Até meados do século XX, muitas mulheres toleravam o AS porque era uma condição quase inevitável para conseguir ou manter um emprego fora de casa. Contudo, a partir da década de 1970, como resultado do período de efervescência política, a sociedade começou a observar e a estudar as violências às quais as mulheres eram submetidas e o sofrimento silencioso em seus locais de trabalho. Neste período houve o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, marcando a transição feminina da esfera privada (*e.g.*, ambiente doméstico) para a esfera produtiva ou pública (espaço de atuação do homem) (Fukuda, 2012).

No entanto, embora as mulheres tenham alcançado a emancipação, mesmo que aparente, a inserção das mulheres no mercado de trabalho, produto da crise econômica, ganhou ar de inferioridade ao invés de se caracterizar pela igualdade de oportunidades entre os gêneros, já que o ambiente fora de casa era predominantemente reservado aos homens (Dias, 2008). A partir deste momento, as mulheres foram relegadas à posição de subordinação e menor valor (*e.g.*, trabalho desvalorizado, subordinação ao modelo sexista) que relega a mulher ao *status* de inferior e, conseqüentemente, tiveram menos acesso aos espaços atribuídos aos homens (Diniz, 2017).

Atualmente, apesar dos avanços nos direitos das mulheres (*e.g.*, a inserção em postos de trabalho prestigiados em que antes eram ocupados somente por homens), os comportamentos de AS ainda são presentes, contudo, adquiriram uma nova roupagem no ambiente organizacional. Cortina e Areguim (2021) propõem a analogia do modelo tripartite de assédio sexual (Fitzgerald et al., 1988) com um *iceberg*. Na **Figura 1** os comportamentos

mais expostos são a atenção sexual não-desejada e a coerção sexual, essas duas formas que exercem um controle mascarado de “flerte ou paquera”, são mais salientes, mais flagrantes, enquanto o assédio de gênero, retratado abaixo da linha d'água, é naturalizado, ou seja, é retratado como uma política organizacional.



Figura 1. *Iceberg de Assédio Sexual* (Adaptado de Cortina & Areguin, 2021)

Portanto, o fenômeno do AS não é algo novo, ele existe há milhares de anos, mas, só passou a ser objeto de estudo no final do século XX e início do século XXI, quando se observou que práticas agressivas e abusivas causavam danos psicológicos e físicos, o que afetava a produção no ambiente de trabalho. Neste caso, as vítimas eram as mulheres, que passaram a adentrar o mercado de trabalho, ambientes tipicamente masculinos (Hirigoyen, 2008).

A literatura aponta o AS já se configura como uma gestão de trabalho, estando presente em diversos setores, contudo, mulheres em ocupações dominadas por homens eram

mais propensas a relatar assédio ou agressão por um supervisor. O estudo conduzido por Hom et al. (2017) mostrou que 22% das mulheres bombeiras sofreram AS no local de trabalho. Os resultados da pesquisa de Raj et al. (2020) indicaram que, no setor industrial, 42% dessas mulheres sofreram algum tipo de AS.

Considerando que os primeiros relatos de AS ocorreram no espaço laboral, o ordenamento jurídico brasileiro, em um primeiro momento, o restringiu basicamente às relações entre superior e subordinado (Código Civil Brasileiro, 1940). Porém, a partir das mudanças nas relações socioculturais, políticas, econômicas, e da sociedade como um todo, nota-se que o comportamento de AS passou a ser frequente em outros ambientes (*e.g.*, rua, universidades, redes sociais) (Soares et al., 2018).

Portanto, nota-se que existe a necessidade da adequação e/ou criação de leis no âmbito jurídico para que as normas protejam efetivamente os cidadãos de comportamentos inadequados em todos os ambientes em que este se manifestar. A seguir discutiremos, de maneira breve, a implementação da Lei de Importunação Sexual na tentativa de sanar esta problemática: as violências às quais as mulheres são submetidas diariamente. Assim, como a diferença jurídica e na literatura entre a IS e o ASO.

Assédio Sexual x Importunação Sexual

No Brasil, a partir das denúncias de assédio no transporte público, foi criada a Lei 13.718/2018, tipificando o crime de Importunação Sexual (IS). Destaca-se que para ordenamento jurídico AS e a IS são fenômenos diferentes, sendo o primeiro todo tipo de comportamento de caráter sexual, não solicitado pela vítima, visando constranger ou criar um ambiente hostil. Já o segundo, caracteriza-se como todo ato libidinoso realizado na presença da vítima, sem o seu consentimento. No crime de IS não existe, como no primeiro, uma

relação hierárquica ou de subordinação (Fórum Brasileiro de Segurança Pública - FBSP, 2023).

Porém, a literatura, principalmente a internacional, a qual se fundamenta a presente tese, não tem considerado que para haver AS, por exemplo, na internet, o componente hierárquico ou de subordinação tenha que existir. Dessa forma, no geral, os comportamentos de cunho sexual e indesejados, realizados por meio de meios eletrônicos (*e.g.*, chamadas de voz/vídeo, mensagens de texto/imagem e publicações em redes sociais) são categorizados como AS (Araújo et al., 2022).

Esta diferenciação é necessária, pois, nomear adequadamente estes comportamentos cria um vocabulário comum para descrever e discutir ações específicas. A partir da identificação destas práticas é possível explorar, analisar, compreender e combatê-las. Estes comportamentos são comuns em diversos espaços e extrapolam o ambiente laboral, onde originalmente foi identificado. Portanto, apresentaremos a seguir exemplos dos diversos espaços em que estas práticas têm ocorrido, o que acende um alerta para pesquisadores e profissionais da área.

Assédio sexual: além do ambiente de trabalho

A partir do que foi apresentado anteriormente, percebe-se que a prática do AS no espaço laboral é institucional, algo sobre o qual se estruturam as organizações. Porém, este comportamento é danoso e pode interferir na saúde ocupacional, psicológica e física de vítimas, contribuindo para um baixo rendimento em virtude do clima organizacional fatigante. O estudo realizado por Lim e Cortina (2005), mostrou que o AS se correlacionou de forma positiva com o estresse ocupacional ocasionado pelo trabalho.

No entanto, mesmo com os primeiros relatos sobre o AS originando-se no ambiente de trabalho, ele também se manifesta em outros espaços. O AS está presente nas escolas,

especificamente, no Distrito Federal e Santa Catarina, os quais possuem proporções de AS equivalentes a mais de duas vezes a média nacional, que é de 2,3% das escolas com registros desse tipo de situação. Em 2021, 5,2% das escolas no DF e 4,8% em Santa Catarina relataram ocorrências de AS (FBSP, 2023).

Também está presente no transporte público, razão pela qual foi tipificado o crime de importunação sexual em 2018 (Lei 13.718/2018) onde 32% das mulheres brasileiras afirmaram ter vivido situações de importunação ou assédio sexual no transporte público. Esse crime é comum e pode se manifestar de diferentes maneiras nos meios de transporte coletivo (*e.g.*, gestos obscenos, exibir as partes íntimas ou masturbação). Além disso, 45% das mulheres relataram já ter sofrido toques indesejados sem seu consentimento em espaços públicos (Instituto Patrícia Galvão, 2022).

E por fim, no ambiente universitário não é diferente. A literatura indica que AS também se manifesta no ambiente universitário (Fielding-Miller et al., 2021; McMahon et al., 2018), também há relatos no Brasil (Almeida, 2019; Linhares & Laurenti, 2019; Maito et al., 2019a, 2019b), ressaltando, ainda, os vários impactos adversos dessa prática na saúde física e mental das pessoas afetadas (Linhares & Laurenti, 2019).

Dados do FBSP (2023) apontam, de modo geral, que os registros de AS cresceram 49,7%, somando 6.114 casos em 2022, e os casos de IS aumentaram 37%, totalizando 27.530 ocorrências no último ano. É possível observar um aumento expressivo que afeta todas as formas de violência, desde o assédio, o estupro até os feminicídios.

Diante deste cenário destaca-se a necessidade urgente de desenvolver políticas realmente eficazes para enfrentar e prevenir a violência sexual. Pois, protocolos e políticas institucionais formais não garantem, por si só, o tratamento adequado do problema (Almeida, 2019). Existe um abismo entre a criação das leis e sua aplicação prática, tornando a criação de

normas insuficiente, havendo a necessidade do efetivo enfrentamento pelas instituições legalmente responsáveis (Maito et al., 2019a).

Portanto, a partir dos dados expostos acima, observa-se que mesmo ocorrendo em diversos ambientes (*e.g.*, universidades, transportes públicos). A prática do AS não se limitou ao presencial, ao offline, esta prática também ocorre por meios da internet ou dispositivos móveis (online), propiciando comportamentos agressivos desafiadores para pesquisadores, dado a rapidez dos avanços tecnológicos e suas consequências (Barak, 2005; Hill & Kearn, 2011; Salgado & Prodócimo, 2017).

Violência Sexual Facilitada pela Tecnologia (VSFT).

No atual cenário de avanços tecnológicos constantes temos observado o surgimento de diversas formas virtuais de violências (Araújo et al., 2022). Estas novas formas foram nomeadas como “Violência Sexual Facilitada pela Tecnologia” (VSFT) (Henry & Powell, 2018; Yeo & Chu, 2017) e refere-se às ações em que a tecnologia (*e.g.*, dispositivos móveis, redes sociais e aplicativos de namoro) é utilizada para ofender, intimidar ou humilhar as vítimas (*e.g.*, enviar material sexualmente explícito sem consentimento e partilhar comentários discriminatórios baseados em sexualidade e gênero).

A VSFT é categorizada em quatro dimensões: Abuso Sexual Baseado na Imagem (ASBI), exemplificado pelos comportamentos de *sexting* (*e.g.*, quando o compartilhamento de imagens ou vídeos privados não é consensual) ou *revenge porn* (*e.g.*, vídeo ou imagem sexual privada é compartilhada com amigos ou colegas de trabalho da vítima (Bates, 2017; Branch et al., 2017). E a agressão e/ou coerção sexual, a exemplo do *sextortion* (*e.g.*, casos de extorsão em que alguém está ameaçando divulgar imagens sexualmente explícitas que foram adquiridas, voluntariamente ou não) (Patchin & Hinduja, 2020).

Já o assédio baseado no gênero e/ou na sexualidade pode ser expresso mediante misoginia online, ou discurso de ódio com base no gênero. Trata-se de comunicação verbal ou visual indesejada relacionada com a identidade de gênero, ou a sexualidade, real ou aparente, de uma pessoa. Este tipo de assédio objetiva silenciar e censurar as mulheres mediante discursos ou conduta ofensiva que pode incitar ao ódio ou desprezo com base na sexualidade ou gênero (Araújo et al., 2022). Por fim, assédio sexual online (ASO), por ser o fenômeno estudado na presente tese, será explorado de maneira detalhada a seguir.

Conceituando o Assédio Sexual Online

O conceito de ASO foi sendo expandido ao longo dos anos para abranger os diversos meios pelos quais um agressor pode cometê-lo. Barak (2005) o definiu como comportamentos não solicitados que explicitamente comunicam desejos ou intenções sexuais em relação a outro indivíduo (*e.g.*, pedidos sexuais ou imagens sexualmente explícitas não desejados, comentários, e-mails, mensagens), o diferenciando assim do assédio sexual, em geral.

Já Powell e Henry (2016) incluíram esse comportamento como umas das quatro dimensões da VSFT, conceituando-o como comportamentos sexuais indesejados ou indesejáveis realizados por meios eletrônicos (*e.g.*, correio eletrônico, chamadas de voz e/ou vídeo, mensagens de texto e/ou imagens e mensagens em contextos online, incluindo redes sociais, fóruns de discussão online e mundos virtuais).

Contudo, Buchanan e Mahoney (2021) forneceram uma definição mais operacionalizada e abrangente, definindo o ASO como avanços sexuais ou atenção sexual indesejados, além de ameaças sexuais, experimentados mediante meios eletrônicos (*e.g.*, internet, dispositivos móveis). Os autores incluem, mas não se limitam, ao envio ou recepção não desejada de material digital privado, ou de conteúdo explícito, insultos baseados no gênero, comentários sexuais indesejados ou pedidos sexuais indesejados.

Assim, com os avanços promovidos pela tecnologia, emergiram novas formas virtuais de violência, já as antigas formas de perpetrar a violência foram exacerbadas com a utilização da internet e das redes sociais (Araújo et al., 2022). Desta forma, mesmo que as definições acima considerem os avanços tecnológicos envolvidos neste comportamento (*e.g.*, meios eletrônicos, redes sociais) este comportamento não é atual, apenas possui uma nova roupagem, como bem colocado por Beran e Li (2004): o ciber assédio é novo método para um velho comportamento.

Medindo o assédio sexual online

As medidas atuais para o comportamento de assédio sexual online, ainda se concentram, majoritariamente, nas vítimas e é medido de diversas maneiras. No estudo de Guerra et al. (2020) foi utilizado o “Cuestionario de victimización juvenil online”, que conta com 14 itens (*e.g.*, alguém me ameaçou ou chantageou para falar sobre sexo online). A “Escala de assédio sexual online”, proposta por Buchanan e Mahoney (2021) conta com 12 itens (*e.g.*, sentiu-se pressionado a compartilhar uma fotografia sua nua com alguém). Ainda, na pesquisa conduzida por Hong et al., (2023) o ASO foi medido por meio um item (*e.g.*, já foi provocado sexualmente no ciberespaço?) com opções de resposta para o item: não (0) e sim (1).

No estudo conduzido por Dahlqvist et al. (2022) foram utilizadas quatro perguntas abertas sobre pedidos ou solicitações de atividades sexuais com adolescentes (*e.g.*, no ano passado, alguém na internet tentou alguma vez levá-lo a falar sobre sexo sem que você quisesse?). Também por meio de perguntas (*e.g.*, que frequência alguém fez comentários, piadas ou gestos sexuais indesejados, ou espalhou rumores sexuais indesejáveis?) Copp et al. (2021) mediram o ASO em crianças e adolescentes.

Por outro lado, os estudos acerca da perpetração do ASO se concentram no ambiente de jogos online. A pesquisa de Burnay et al. (2019) mediu o comportamento em jogadores online por meio de piadas (sexistas ou não sexistas) enviadas através do Skype. Já o estudo de Tang et al. (2019) utilizou oito itens (e.g., piadas sobre estupro, comentários ou insultos sexistas) da subescala de Assédio em Videogames (Fox & Tang, 2013) para medir a perpetração do comportamento.

Como podemos observar, a maioria dos instrumentos está voltado para medir o ASO nas vítimas em idade escolar. Ainda, tais medidas correspondem a estudos realizados fora do Brasil, e mesmo sabendo que este comportamento é prolífico no país, ainda não dispomos de ferramentas para medi-lo na população brasileira. Ademais, poucas são as medidas focadas no agressor e as que existem são invariavelmente para o ambiente dos jogos online.

O que dizem os estudos sobre os agressores?

Os estudos acerca dos agressores online se concentram essencialmente no campo dos jogos online, e tem se fundamentado no conjunto de pesquisas existentes sobre assédio sexual em contextos organizacionais. Esses estudos identificaram traços importantes, como o sexismo ambivalente (benevolente e hostil) e orientação à dominância social (Diehl et al., 2012; Pryor et al., 1995; Russell & Trigg, 2004), que preveem a probabilidade de assediar outras pessoas. Ainda, abrangendo as variáveis relacionadas está a tríade sombria da personalidade (psicopatia, narcisismo e Maquiavelismo), conjunto de traços referentes a tendências individuais antissociais (Paulhus et al., 2018).

Nos jogos online, ambiente predominantemente masculino, as personagens femininas são objetificadas sexualmente, as mulheres são frequentemente alvo de insultos, comentários e piadas sexistas, e até mesmo de estupro (Burnay et al., 2019; Lynch et al., 2016; Summers & Miller, 2014; Gervais et al., 2013; Brehm, 2013). Estudos trazem aspectos tanto da

personalidade (*e.g.*, Maquiavelismo, psicopatia e identificação do jogador) e fatores contextuais (orientação à dominância social e sexismo hostil) predizendo o comportamento de assédio (*e.g.*, comentários sexistas e piadas sobre estupro) dos homens em jogos online (Tang & Fox, 2016; Tang et al., 2019).

Neste espaço, onde as experiências das mulheres e de outros grupos retratados como outsiders ou minorias na cultura dos jogadores, o assédio sexual é praticado com mais frequência por homens contra mulheres (Henry & Powell, 2016; Pina et al., 2009). Os resultados de um experimento em que os pesquisadores interagem com outros jogadores anônimos usando mensagens neutras pré-gravadas revelaram que esses jogadores reagiram dependendo do gênero da voz, indicaram que o jogador com voz feminina recebeu três vezes a quantidade de comentários negativos que o jogador com voz masculina e a voz feminina recebeu mais comentários de jogadores menos habilidosos (Kasumovic & Kuznekoff, 2015; Kuznekoff & Rose, 2013).

Contudo, as pesquisas envolvendo os agressores ainda são uma limitação da área e os autores destacam que o ASO é o comportamento antissocial online com menor investigação científica, em especial no contexto latino-americano (Santos & Pimentel, 2024), mesmo que suas consequências - como destacado por Benítez-Hidalgo et al. (2024) - causem danos significativos à saúde das vítimas, que são majoritariamente, as mulheres.

Assédio Sexual Online Contra Mulheres

O comportamento de assediar sexualmente alguém na internet pode ser nomeado de diversas formas, como: agressão eletrônica, assédio eletrônico, assédio online, comportamento coercitivo baseado na tecnologia, vitimização online, cyber vitimização. Isto constitui um desafio para os investigadores e os decisores políticos, porém, algo que parece

não mudar é o perfil das vítimas, que são, majoritariamente, mulheres (Powell & Henry, 2016).

Desde o início da expansão tecnológica houve receios sobre como as mulheres iriam adentrar e permanecer nesse espaço, principalmente no que diz respeito a sua segurança (Cassel & Cramer, 2008). A partir do momento que as tecnologias de informação e comunicação se entrelaçam com o trabalho, na vida social e lazer, as preocupações com a segurança online se expandiram para incluir diversas formas de ASO praticado contra mulheres, seja por parceiros, ex-parceiros íntimos ou até estranhos, fruto dos papéis sexuais antiquados e a mitos enraizados na sociedade (Bates, 2017; Henry & Powell, 2015; Powell & Henry, 2016).

Ainda que pesquisas mostram que os homens também podem ser vítimas desta ciber agressão e que há impactos negativos na sua saúde mental (*e.g.*, ansiedade, depressão) (Buchanan & Mahoney, 2021; Champion et al., 2022), contudo, as maiores vítimas ainda são as mulheres. As consequências podem ir desde problemas para dormir (Hill & Kearl, 2011), a um impacto negativo na saúde mental das vítimas (*e.g.*, sintomas ansiosos e/ou depressivos) (Reed et al., 2019). De fato, a saúde mental é bastante impactada em casos de ASO, existindo o aumento de consumo de álcool e aumento nos níveis de depressão e ansiedade (Wolff et al., 2017).

As mulheres são o público mais afetado emocionalmente quando comparadas aos homens (Buchanan & Mahoney, 2021). No estudo de Salerno - Ferraro et al. (2022) as mulheres relataram terem sido assediadas de várias formas, seja por meio de mensagens sexualmente inadequadas, observações ou comentários sexistas, ou atenção sexual indesejada em espaços online (*e.g.*, mídia social, e-mail). No universo dos jogos online, as mulheres são vistas como outsiders ou minorias, o que relega a elas um intenso tratamento hostil por parte de outros jogadores, levando a desistência do jogo (Fox & Tang, 2016; Shores et al., 2014).

Por fim, no experimento conduzido por Burnay et al. (2019), os jogadores que utilizaram as personagens femininas sexualizadas, enviaram mais insultos, comentários e piadas sexistas às mulheres do que aqueles que não jogaram com as personagens femininas sexualizadas. Este estudo, além das contribuições metodológicas importantes, avança teoricamente ao adotar o Modelo Geral da Agressão (GAM, Anderson & Bushman, 2002, 2018) que é um dos mais utilizados, especialmente tratando-se do impacto da mídia em comportamentos antissociais/agressivos.

Perspectiva teórica: o Modelo Geral da Agressão

O Modelo Geral da Agressão (GAM) é utilizado para investigar como variáveis biológicas, sociais, cognitivas e de desenvolvimento impactam tanto o estado interno atual do sujeito e seu comportamento (Anderson & Bushman, 2002, 2018). Foi desenvolvido para descrever e prever a probabilidade de ocorrência de comportamentos agressivos no curto e longo prazo, e reúne várias teorias sobre a agressão desenvolvidas anteriormente, como, por exemplo, a teoria da transferência de excitação, a teoria da aprendizagem social, a teoria cognitiva social, a teoria da neoassociação cognitiva, a teoria dos scripts, a teoria do cultivo e a teoria da dessensibilização (Bandura & Walters, 1977; Baron et al., 2001; Berkowitz, 1984; Gerbner et al., 2002; Griffiths, & Shuckford, 1989; Subrahmanyam & Greenfield, 1994; Tomkins, 1978; Zillmann, 2008).

Um dos aspectos fundamentais do GAM é a consideração das estruturas de conhecimento, que são adquiridas e influenciadas por fatores pessoais e situacionais, os quais afetam a maneira como o ambiente é interpretado na realização de um comportamento (Blankenship et al., 2019). Pode-se observar na **Figura 2** a visão geral do GAM, apresentando seus dois principais componentes, destacando as diferenças entre fatores e

processos de risco distais, que são relativamente estáveis e de longo prazo, e fatores e processos de risco proximais, que são mais temporários e de curto prazo.

Além disso, o modelo evidencia como esses dois sistemas principais se afetam reciprocamente por meio de um mecanismo denominado 'resposta do ambiente social'. Isso demonstra o papel do ambiente social como mediador entre o resultado de um episódio social e as mudanças duradouras em aspectos mais estáveis da personalidade do indivíduo (Allen & Anderson, 2017; Anderson & Bushman, 2018).

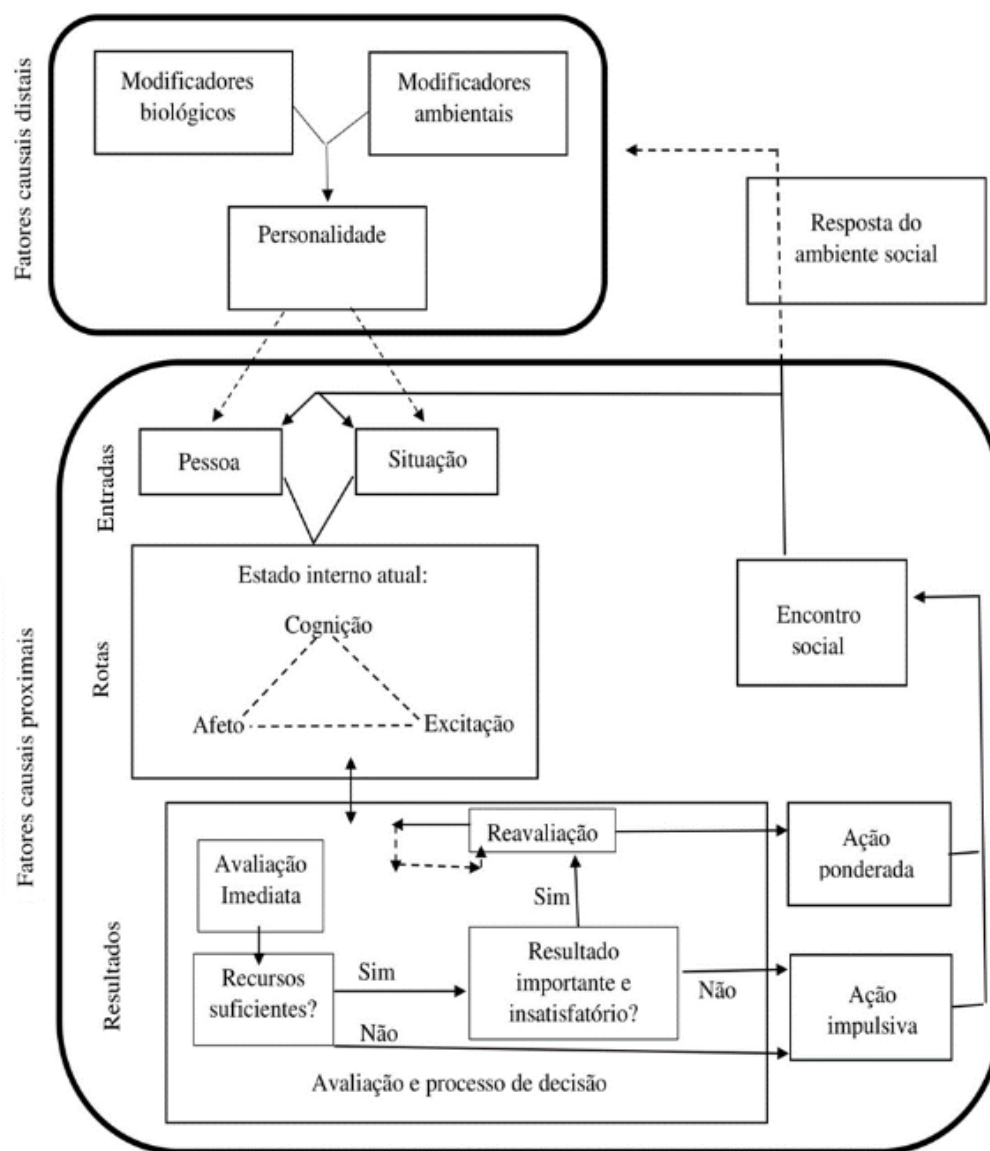


Figura 2. Visão geral do Modelo Geral da Agressão (adaptado de Allen & Anderson, 2017).

Os fatores distais geralmente são estáveis e desempenham um papel crucial na compreensão da formação da personalidade de uma pessoa, assim, levar em conta esses aspectos é fundamental para entender a origem de uma resposta comportamental. Neste componente, existem dois modificadores que sustentam e moldam sua estrutura, além de afetar características pessoais futuras já integradas ao componente proximal. Esses fatores podem ser classificados em aspectos ambientais e biológicos. Dentre os modificadores ambientais, estão fatores causais como: amigos envolvidos em atividades delinquentes, normas culturais, privação, condições de vida precárias, convivência em grupos conflituosos, estrutura familiar desorganizada e vizinhanças violentas, entre outros.

Os modificadores biológicos incluem fatores como déficits de impulsividade, transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, baixa excitação, baixos níveis de serotonina, problemas nas funções executivas, influência hormonal e outros fatores genéticos de risco. Para ambos os tipos de fatores causais distais, alterações na personalidade, como a adoção de uma postura mais hostil, podem levar a mudanças persistentes na tendência a comportamentos agressivos (Allen et al., 2018; Anderson & Bushman, 2018).

Qualquer interação social (*e.g.*, discutir com uma pessoa) ou individual (*e.g.*, consumir conteúdo violento nas redes sociais) pode ser considerada um episódio, influenciado tanto por variáveis pessoais quanto situacionais (as entradas dos fatores causais proximais). As variáveis pessoais incluem aspectos como características de personalidade, atitudes, crenças, roteiros mentais e predisposições biológicas. Por outro lado, as variáveis situacionais envolvem detalhes específicos da situação imediata, como a presença de um insulto, a presença de espectadores ou a recente experiência com conteúdo violento nas redes sociais (Anderson & Bushman, 2018; Gentile & Stone, 2005).

As variáveis pessoais e situacionais se interagem para moldar o estado interno atual do indivíduo, representando as rotas dos fatores causais proximais. Este estado interno pode ser influenciado por três principais mecanismos: excitação, afeto e cognição, embora essas dimensões não sejam totalmente independentes uma da outra. O indivíduo, então, avalia a situação e decide como responder, o que leva a uma ação.

Essa ação, após a avaliação, produz um resultado, representando os efeitos dos fatores causais proximais. Os resultados desse episódio impactam diretamente o próximo, modificando tanto as variáveis situacionais quanto o estado interno do indivíduo. Se os resultados dessa avaliação forem reforçados ou não pela resposta do ambiente social, será isso que determinará se a resposta comportamental será descartada ou repetida no futuro (Anderson & Bushman, 2018; Gentile & Stone, 2005).

A seguir temos os processos de decisão intermediários nos estágios iniciais de um episódio e nas respostas comportamentais que emergem dessa situação (última parte da **Figura 2**). Primeiro, ocorre uma avaliação imediata da situação, como determinar se ela é perigosa, ameaçadora ou justifica uma reação agressiva. Essa avaliação inicial pode resultar em um comportamento automático ou impulsivo, ou levar a uma reavaliação mais profunda. Se a avaliação inicial for insatisfatória e a pessoa tiver tempo e recursos cognitivos disponíveis, ocorrerá uma reavaliação. Durante este processo, a pessoa examina explicações alternativas e avalia outras opções de comportamento (Allen et al., 2018; Barlett & Anderson, 2011).

Quando a avaliação atinge um nível satisfatório ou quando o tempo ou os recursos se tornam inadequados, o processo de avaliação se conclui, e a pessoa ajusta seu comportamento com base na avaliação mais recente, encerrando o ciclo. Para a maioria das pessoas, em condições normais, agir de maneira ponderada costuma resultar em comportamentos menos agressivos do que agir impulsivamente. Contudo, em algumas situações, combinadas com

determinados fatores (*e.g.*, traços de personalidade) pode-se resultar em ações mais agressivas do que o que teria ocorrido sem essa reavaliação (Allen & Anderson, 2017).

Os processos psicológicos que explicam como uma mídia (*e.g.*, violenta) influencia a uma ação (*e.g.*, agressão) podem ser categorizados em dois grupos: aqueles que causam efeitos imediatos e passageiros no comportamento agressivo e aqueles que provocam efeitos mais tardios e duradouros (Bushman & Huesmann, 2006). Os efeitos de curto prazo na agressão são predominantemente atribuídos a três processos psicológicos: a ativação de esquemas de aprendizado agressivos já presentes, incluindo *scripts*; a reprodução direta de comportamentos agressivos; e alterações na excitação fisiológica desencadeadas pela mídia violenta (Bandura, 1997; Berkowitz, 1989; Fiske & Taylor, 1991).

Os efeitos de longo prazo na agressão são majoritariamente explicados por dois processos psicológicos: a aprendizagem observacional e a dessensibilização emocional. Se um episódio resulta em recompensas ou punições, é provável que o indivíduo aprenda com essas experiências, o que pode levar a mudanças no comportamento (Bussey & Perry, 1976; Carnagey et al., 2007; Wolpe, 1958).

A exposição repetida ao longo do tempo oferece várias oportunidades de aprendizado, resultando em mudanças mais profundas e duradouras (efeito de longo prazo). O que é aprendido ao longo do tempo depende das experiências acumuladas, incluindo a influência de fatores biológicos, como tendências inatas para associar recompensas e punições a determinados comportamentos (Anderson & Bushman, 2018; Brockmyer, 2015; Carnagey et al., 2007; Engelhardt et al., 2011; Gentile & Stone, 2005). Assim, entender essas diferenças individuais é fundamental para prever como os conteúdos podem afetar as pessoas, dessensibilizando-as à agressão e influenciando suas crenças, esquemas e *scripts*.

Com base no que foi apresentado, é possível perceber que o GAM contribui para a compreensão do comportamento agressivo ao analisar como fatores internos e externos

interagem, influenciando a probabilidade de uma ação ser ou não antissocial (Blankenship et al., 2019). Assim, o modelo se revela valioso para a análise do ASO, já que a adoção do GAM na compreensão de comportamentos nocivos online, como o cyberbullying, seria extremamente relevante (Barlett, 2019).

Nesta tese, serão abordados tanto os processos distais quanto os proximais do GAM. O estudo correlacional se concentrará nos impactos distais, enquanto o estudo experimental explorará os processos proximais. Em seguida, serão discutidos os objetos psicológicos relevantes, destacando seu papel dentro do GAM e apresentando os resultados de pesquisas anteriores que apoiam essa perspectiva.

Variáveis pessoais: personalidade e sexismo ambivalente

Considerando os efeitos prejudiciais do ASO (Dahlqvist & Gadin, 2018), é fundamental explorar as variáveis que potencializam a perpetuação desse comportamento. Uma possibilidade dentro desse contexto é a tríade sombria da personalidade, um conjunto de traços aversivos relacionados a tendências individuais antissociais (Paulhus et al., 2018). Embora compartilhem a insensibilidade (*e.g.*, a menor empatia) como característica central, a tríade é composta por três traços distintos, cada um com suas particularidades: a psicopatia, associada à agressividade, impulsividade e falta de remorso; o narcisismo, caracterizado por crenças de grandiosidade e superioridade; e o Maquiavelismo, marcado pela busca de dominância social e manipulação interpessoal (Santos & Mariano, 2020).

Diante dessas características, diversos estudos têm demonstrado a associação entre a tríade sombria e uma maior propensão a comportamentos agressivos e antissociais. Como evidenciado na meta-análise de Muris et al. (2017), os três traços estão relacionados à agressão, dificuldades interpessoais e condutas sexuais antissociais. Em relação aos comportamentos antissociais no ambiente digital, a revisão de Santos e Pimentel (2024)

constatou que a tríade sombria está associada a quatro categorias de atitudes agressivas no ambiente virtual, incluindo o assédio sexual online. Os autores também destacam que o ASO é um dos comportamentos antissociais online menos explorados cientificamente, especialmente no contexto latino-americano (Santos & Pimentel, 2024).

Outra variável que pode influenciar a relação entre a tríade sombria e o ASO é o sexismo ambivalente como uma alternativa. Para Glick e Fiske (1996), o contexto de diferenças de poder baseadas em gênero geram duas ideologias: o sexismo benevolente, onde mulheres são vistas como passivas, fracas e puras, que devem ser protegidas e admiradas (desde que atendam esses estereótipos); e o sexismo hostil, que vê as mulheres competidoras manipuladoras, que desejam dominar os homens. Como sumarizado por Bareket e Fiske (2023), o sexismo hostil seria uma estratégia de proteção do poder dos homens, enquanto o benevolente auxilia na manutenção de papéis de gênero tradicionais.

A literatura anterior já indica relações tanto do sexismo hostil quanto do benevolente com os componentes da tríade sombria (Navas et al., 2020), principalmente com o Maquiavelismo e a psicopatia (Bria et al., 2022). Por sua vez, o sexismo (em especial o hostil) seria um preditor do ASO, como identificado por estudos anteriores (*e.g.*, Agueli et al., 2024; Tang & Fox, 2016): especificamente, Seo et al., (2022) apontam que o sexismo pode ser um mediador eficaz dos impactos de diversos preditores no ASO. Apesar disso, essa possibilidade ainda é escassamente investigada.

Variáveis situacionais: exposição a conteúdo de assédio sexual online

Uma das maiores contribuições do GAM é sua ênfase no impacto da mídia violenta sobre comportamentos agressivos, sendo essa uma das abordagens mais amplamente reconhecidas (Anderson & Bushman, 2018). Já foi identificado, por exemplo, que músicas e videogames violentos aumentam a probabilidade de ações agressivas (Fischer & Greitemeyer,

2006; Gentile et al., 2004; Mariano, 2020). Embora pesquisas tenham investigado os efeitos das mídias disponíveis na internet (*e.g.*, conteúdo antissocial) (Santos, 2022), os impactos do ASO ainda são pouco explorados e carecem de uma investigação mais aprofundada.

O conteúdo de ASO pode englobar uma forma de mídia (*e.g.*, vídeos, mensagens, fotos) ou comunicação (*e.g.*, comentários, troca de mensagens) que está disponível na internet, visa causar danos, prejudicar ou humilhar tanto a pessoa diretamente atingida pelo conteúdo quanto aqueles que o consomem de forma indireta (Buchanan & Mahoney, 2021). Uma foto publicada e comentada em uma determinada rede ou espaço social rede social e que contém xingamentos, por exemplo, pode impactar tanto o sujeito retratado no vídeo quanto outros usuários que acabam por assisti-lo (Santos, 2022).

Como destacam Henry e Powell (2016), estudos sobre o ASO em populações adultas ainda são escassos, mais ainda no contexto da América Latina e particularmente, o Brasil. A gravidade da questão torna-se ainda mais saliente quando discorremos sobre a alta disponibilidade de conteúdo violento nas redes sociais e que pode levar a dessensibilização da violência e a redução de empatia daqueles que o consomem, sendo este também um dos pressupostos do GAM (Konrath et al., 2010). Dessa forma, considerando que a pesquisa em questão se concentra em comportamentos online, será analisado o papel da variável situacional “conteúdo de ASO”.

Rotas: afetos positivos e negativos

Os afetos, um conceito amplo que abrange estados de humor e emoções, representam uma via afetiva para o comportamento (Ramsey & Gentzler, 2015). Não se limitam apenas aos diferentes estados emocionais (estar triste ou com raiva), mas também à intensidade com que essas emoções se manifestam (Zanon et al., 2013). A forma que nos sentimos em

determinadas situações tem um impacto direto no comportamento, sendo necessário observar seu papel na perpetração de ações de assédio online.

O papel dos afetos em comportamentos de agressões online está associado a maior dificuldade na regulação emocional, até mesmo em comparação com agressores no contexto presencial (Kokkinos & Voulgaridou, 2017). Ainda, estar envolvido em situações de cyber-vitimização por ASO tem uma associação positiva com o humor negativo, e apesar do estudo conduzido por Mitchell e Stulhofer (2021) não focar exclusivamente em perpetradores, pode-se observar a importância desta variável tanto para compreender a perpetuação quanto à vitimização por este comportamento.

Os afetos também se conectam a outras variáveis abordadas neste estudo, particularmente à personalidade. Pesquisas anteriores indicam que a extroversão é um preditor consistente para a vivência de afetos positivos, especialmente em contextos de interação social (Howell & Rodzon, 2011). Em menor intensidade, a amabilidade e a abertura também se associam a esses afetos, enquanto a conscienciosidade apresenta resultados diversos, e o neuroticismo está positivamente relacionado à experiência de afetos negativos (McNiel & Fleeson, 2006; Mitte & Kampfe, 2008; Zanon et al., 2013).

Dessa forma, pode-se concluir que os afetos são elementos essenciais para análise na perspectiva teórica do GAM, ajudando a compreender o comportamento de ASO. A seguir serão apresentados os estudos empíricos, iniciando com uma revisão sistemática da literatura que visa responder a uma questão fundamental como ponto de partida: Quais são as principais características do ASO e os fatores psicossociais associados a esse comportamento?

CAPÍTULO 2 - ESTUDOS EMPÍRICOS

A **Figura 3** traz uma visão geral dos estudos empíricos que serão desenvolvidos na tese.

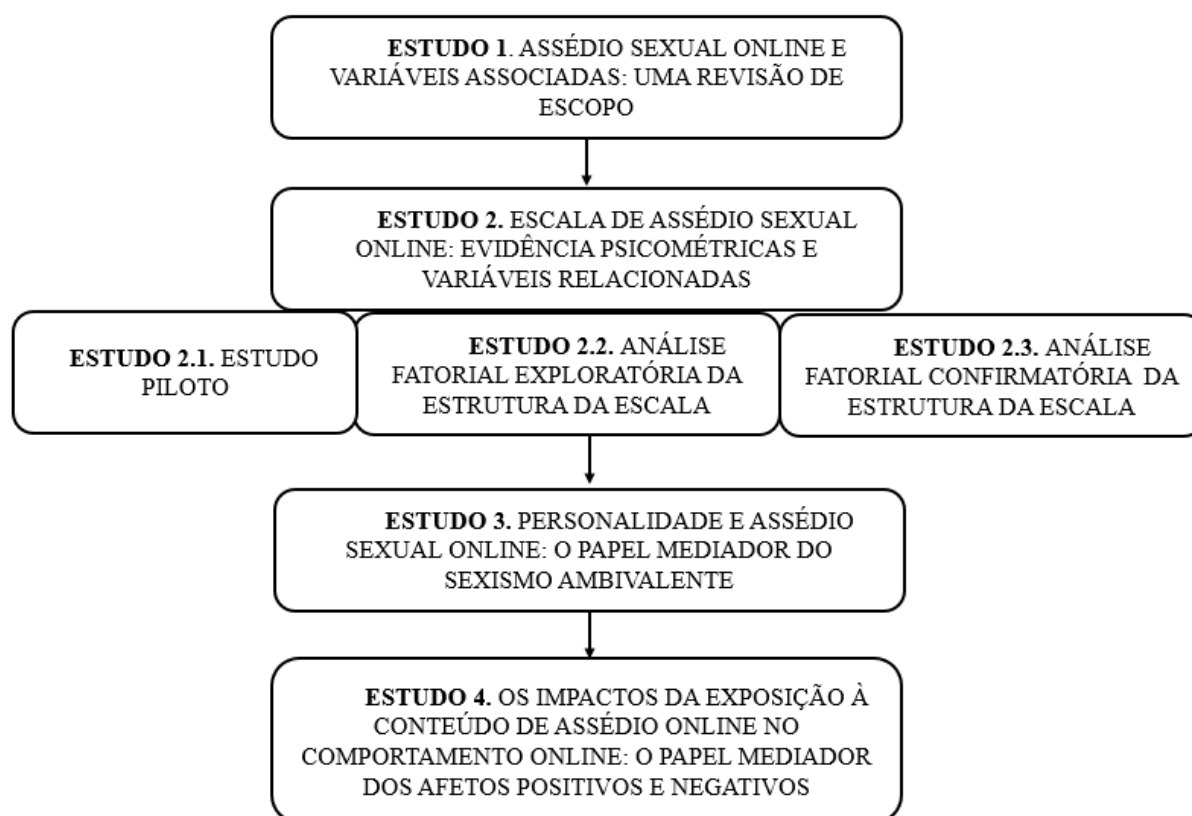


Figura 3. *Overview dos estudos empíricos*

Estudo 1. Assédio Sexual Online e Variáveis Associadas: Uma Revisão de Escopo¹

Neste estudo pretendemos mapear a literatura contemporânea acerca do ASO, assim como variáveis associadas a essa problemática. São objetivos específicos: contextualizar, identificar características do ASO, e observar relações com fatores psicossociais.

Método

Foi utilizado *Scoping Review* (revisão do escopo) como método de coleta de dados, isso se justifica pela busca em mapear os conceitos-chave que sustentam uma área de pesquisa (Arkey & O'malley, 2005). Mais também: identificar tipos de evidências disponíveis e fatores relacionados, assim como, constatar lacunas teóricas (Munn et al., 2018). A pesquisa se organizou em oito sessões: formulação da questão de pesquisa, criação do protocolo, busca sistemática, seleção dos estudos, avaliação dos estudos, extração dos dados, síntese dos resultados e interpretação dos resultados. Destaca-se que este estudo dispensa a submissão a um Comitê de Ética em Pesquisa, visto que investiga dados secundários presentes em bases eletrônicas.

Protocolo do estudo

Como forma de abarcar a primeira sessão metodológica, a seguinte questão orientadora foi formulada: como a pesquisa científica tem explorado a problemática do assédio sexual online contra mulheres? Como essa investiga o impacto psicossocial do fenômeno? A elaboração da pergunta de pesquisa visou atentar-se à adaptação do tema para o acrônimo PEO (Moola et al., 2015). Sendo esse: P (População de interesse) = mulheres; E (Exposição de interesse) = assédio sexual online; e O (Desfecho) = impacto psicossocial.

¹ Estudo submetido à Revista Estudos Feministas.

Crêterios de Inclusão e Exclusão

Foram utilizados os seguintes cr terios de inclusão: ser um artigo empírico (correlacional ou experimental), de modo a considerar achados dos efeitos do consumo ou produção desse conteúdo midiático. Assim como publicado nos últimos dez anos (2013-2023), visto a necessidade de delimitar estudos que abordassem assim a realidade online mais recente (*e.g.*, redes sociais e aplicativos de namoro). Ainda, publicados nos idiomas: inglês ou espanhol e português, não excluindo a possibilidade de inclusão de outros idiomas no decorrer da pesquisa, essa seleção se dá devido ao interesse no escopo de publicação internacional, mas também nacional.

Por outro lado, os cr terios de exclusão utilizados foram: quando o assédio não ocorria no ambiente online (*e.g.*, assédio vivenciado no ambiente de trabalho ou acad mico), e pesquisas que não abordam especificamente o assédio sexual e tiveram foco em outras formas de assédio (*e.g.*, assédio moral, psicológico). Também, foram excluídos estudos teóricos, estudos diferentes do formato artigos científicos, com resumo indisponível na sessão de triagem ou artigo indisponível na sessão de elegibilidade.

Bases de Dados e Estratégias de Busca

Foram utilizadas as bases *PsycInfo*, *Scielo* e *Pepsic*, de modo a acessar a literatura científica no âmbito internacional e nacional a respeito do tema. Especificamente foram utilizados os descritores “assédio sexual online” (*online sexual harassment*) e/ou “mulheres” (*women*), isso justifica-se pela necessidade em operacionalizar o constructo de modo a encontrar os estudos mais relevantes na atualidade a respeito do tema. Em todas as bases de dados, foi selecionado o filtro de que esses termos estivessem presentes no título, resumo ou palavras-chave. As buscas foram realizadas por dois revisores independentes, e, quando houve discordâncias na seleção final dos manuscritos incluídos, um terceiro revisor foi consultado para a tomada de decisão.

Coleta e Qualidade de Dados

A pesquisa por estudos nas bases de dados supracitadas foi realizada entre 15 e 19 de maio de 2023, porém as pesquisas foram recuperadas no mesmo dia, evitando viés de seleção, devido à atualização das bases de dados diariamente. Inicialmente, foram listados e organizados todos os manuscritos que se adequaram aos critérios de inclusão. Com essa lista, foi realizado o descarte de estudos repetidos e inadequados conforme os critérios de exclusão. Como detalhado no fluxograma do processo de busca de estudos, **Figura 3**, dos 447 estudos localizados através dos descritores, 38 remanesceram após o processo de triagem. Por fim, 25 estudos foram considerados para análise final (taxa de retenção: 5,59%).

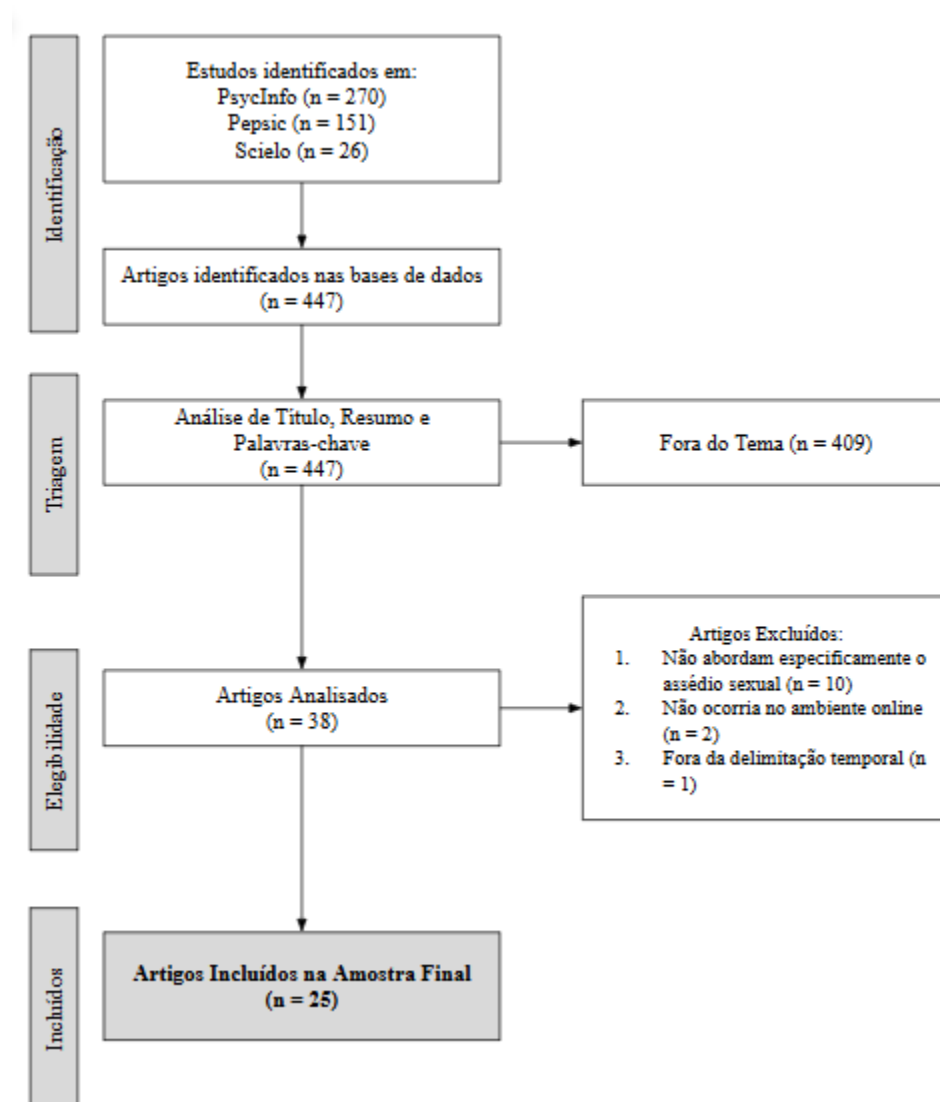


Figura 4. Prisma

Análise de Dados

Os estudos que compuseram a amostra final foram organizados por uma síntese qualitativa, dividida em três sessões: a sessão 1 buscou apresentar os principais dados bibliométricos das publicações (autores, ano, revista). Já a segunda teve como foco identificar definições e características do ASO, além de contextualizar e elucidar a literatura acerca do fenômeno nos trabalhos que compuseram a análise final (respondendo ao primeiro e segundo objetivo específico); por fim, a seção 3 observou as relações entre o ASO com fatores psicossociais apontadas pelos estudos (se referindo ao terceiro objetivo específico).

Resultados

Os dados bibliométricos dos estudos, apresentados na **Tabela 1**, mostram que: o período de publicação dos estudos da amostra entre 2016-2023, sendo artigos publicados em inglês. O periódico que concentrou a maioria das publicações foi a *Aggressive Behavior*, com 16% dos estudos.

Tabela 1

Dados Bibliométricos

Autor	Ano	Título	Revista
Taylor et al.	2019	Profiles of Youth In-Person and online Sexual Harassment Victimization	Journal of Interpersonal Violence
Burnay et al.	2019	Effects of sexualized video games on online sexual harassment	Aggressive Behavior
Dahlqvist et al.	2022	Cooccurrence of online and offline bullying and sexual harassment among youth in Sweden: Implications for studies on victimization and health a short communication	International Journal of Circumpolar Health

Dahlqvist & Gadin	2018	Online sexual victimization in youth: predictors and cross-sectional associations with depressive symptoms	The European Journal of Public Health
Douglass et al.	2018	Correlates of in-person and technology-facilitated sexual harassment from an online survey among young	Sexual Health
Espino et al.	2022	Violence among adolescents: A study of overlapping of bullying, cyberbullying, sexual harassment, dating violence and cyberdating violence	Child Abuse & Neglect
Jonsson et al.	2019	Online sexual abuse of adolescents by a perpetrator met online: a cross-sectional study	Child Adolesc Psychiatry Ment Health
Kaakinen et al.	2021	Online dating applications and risk of youth victimization: A lifestyle exposure perspective	Aggressive Behavior
Patchin & Hinduja	2018	Sextortion Among Adolescents: Results From a National Survey of U.S. Youth	Sexual Abuse
Powell & Henry	2016	Technology-Facilitated Sexual Violence Victimization: Results From an Online Survey of Australian Adults	Journal of Interpersonal Violence
Buchanan & Mahoney	2021	Development of a scale measuring online sexual harassment: Examining gender differences and the emotional impact of sexual harassment victimization online	Legal and Criminological Psychology
Ståhl & Denahag	2021	Online and offline sexual harassment associations of anxiety and depression in an adolescent sample,	Nordic Journal of Psychiatry
Tang & Fox	2016	Men's Harassment Behavior in Online Video Games: Personality Traits and Game Factors	Aggressive Behavior
Champion et al.	2022	Examining the Gendered Impacts of Technology-Facilitated Sexual Violence: A Mixed Methods Approach	Archives of Sexual Behavior

Copp et al.	2021	Online sexual harassment and cyberbullying in a nationally representative sample of teens: Prevalence, predictors, and consequences	Journal of Adolescence
Díaz-Aguado et al.	2022	Typology of Victimization against Women on Adolescent Girls in Three Contexts: Dating Offline, Dating Online, and sexual Harassment Online	Int. J. Environ. Res. Public Health
Hong et al.	2023	Pathways from Polyvictimization to Offline and Online Sexual Harassment Victimization Among South Korean Adolescents	Archives of Sexual Behavior
Mitchell & Stulhofer	2021	Online sexual harassment and negative mood in Croatian female adolescents	European Child & Adolescent Psychiatry
Reed et al.	2019	Cyber Sexual Harassment: Prevalence and association with substance use, poor mental health, and STI history among sexually active adolescent girls	Journal of Adolescence
Salerno-Ferraro et al.	2022	Young Women's Experiences With Technology-Facilitated Sexual Violence From Male Strangers	Journal of Interpersonal Violence
Tang et al.	2019	Investigating sexual harassment in online video games: How personality and context factors are related to toxic sexual behaviors against fellow players	Aggressive Behavior
Chang et al.	2016	Predictors of unwanted exposure to online pornography and online sexual solicitation of youth	Journal of Health Psychology
Fox & Tang	2017	Women's experiences with general and sexual harassment in online video games: Rumination, organizational responsiveness, withdrawal, and coping strategies	New media & Society
Guerra et al.	2021	Online sexual harassment and depression in Chilean adolescents: Variations based on gender and age of the offenders	Child Abuse & Neglect

Os artigos observados (**Tabela 2**) podem ser divididas em três categorias principais: a) o comportamento de ASO, como exemplificado pelo estudo de Burnay et al. (2019), ou de formas específicas, com a pesquisa de Patchin e Hinduja (2018); b) a composição da amostra (*e.g.*, se era população geral, mulheres, meninas, como exemplificado pelos estudos de Douglass et al. (2018) ou Powell e Henry (2016), e finalmente, c) se eram vítimas ou agressores, ou ainda agressor/vítima (*e.g.*, Dahlqvist et al., 2022 ou Espino et al., 2022).

Tabela 2

Caracterização dos estudos

Autor	Fenômeno	Amostra	Perspectiva Agressor/Vítima
Burnay et al. (2019)	ASO*	Jogadores online	Agressor (211 estudantes do sexo masculino e feminino; M = 21,87) ***
Dahlqvist et al. (2022)	ASO*	Adolescentes	Vítima (1. 193 estudantes do sexo masculino e feminino; Idade = 14 a 16 anos) ***
Dahlqvist & Gadin (2018)	Atenção Sexual Indesejada	Adolescentes	Vítima (1. 193 estudantes do sexo masculino e feminino; Idade = 14 a 16 anos) ****
Douglass et al. (2018)	ASO*	População Geral	Vítima (1. 272 participantes do sexo masculino e feminino; Idade = 15-29 anos) ****
Espino et al. (2022)	ASO*	Adolescentes	Agressor/vítima (2. 514 estudantes do sexo masculino e feminino; M = 13, 97) ***
Jonsson et al. (2019)	ASO*	Adolescentes	Vítima (5. 175 estudantes do sexo masculino e feminino; M = 17, 97) ***

Kaakinen et al. (2021)	ASO*	Adolescentes	Vítima (1. 451 estudantes do sexo masculino e feminino; M = 16,4) ***
Patchin & Hinduja (2018)	<i>Sextortion</i>	Adolescentes	Agressor/vítima (5. 568 estudantes do sexo masculino e feminino; M = 14,5) ***
Powell & Henry (2016)	ASO*	População Geral	Vítima (2. 956 participantes do sexo masculino e feminino; Idade = 18 a 54 anos) *****
Stahl & Dennhag (2021)	ASO*	Adolescentes	Vítima (594 participantes do sexo masculino e feminino; M = 15,73) ***
Tang & Fox (2016)	ASO*	Jogadores online	Agressor (425 participantes do sexo masculino; M = 23,40) ***
Taylor et al. (2019)	ASO*	Adolescentes/Jovens	Vítima (1. 184 participantes do sexo masculino; Idade = 12 a 21 anos) *****
Champion et al. (2022)	<i>Revenge Porn</i>	População Geral	Vítima (333 participantes do sexo masculino e feminino; M = 33, 91) ***
Copp et al. (2021)	ASO*	Adolescentes	Vítima (1. 152 participantes do sexo masculino e feminino; Idade = 10 a 18 anos) *****
Diaz – Aguado et al. (2022)	ASO*	Adolescentes (sexo feminino)	Vítima (3. 532 participantes do sexo feminino; Idade = 14 a 18 anos) *****
Hong et al. (2023)	ASO*	Adolescentes	Vítima (6. 353 participantes do sexo feminino e masculino; M = 15,6) ***

Mitchel & Stulhofer (2021)	ASO*	Adolescentes (Sexo feminino)	Vítima (6. 353 participantes do sexo feminino e masculino; M = 15,6) ***
Reed et al	ASO*	Adolescentes (Sexo feminino)	Vítima (159 participantes do sexo feminino; M = 17) ***
Salerno- Ferraro et al. (2022)	ASO*	Mulheres	Vítima (381 participantes do sexo feminino; M = 19,39) ***
Tang et al. (2019)	ASO*	Jogadores online	Agressor (856 participantes do sexo feminino e masculino; M = 26,76) ***
Buchanan & Mahoney (2021)	ASO*	População Geral	Vítima (233 participantes do sexo feminino e masculino; Idade = + 18 anos) ****
Chang et al. (2016)	ASO*	Adolescentes	Vítima (2. 315 participantes do sexo feminino e masculino) ****
Fox & Tang (2017)	ASO*	Jogadoras Online	Vítima (293 participantes do sexo feminino; M = 26, 20 anos) ****
Guerra et al. (2021)	ASO*	Adolescentes	Vítima (18. 872 participantes do sexo feminino e masculino; Idade = 12 a 17 anos) ****
Mitchell et al. (2016)	ASO*	Adolescentes/Jovens	Vítima (1. 560 participantes do sexo feminino e masculino; Idade = 10 a 17 anos) ****

Nota: Assédio Sexual Online *; sujeitos que trabalhavam em uma mesma empresa*; M = média de idade ***
Trabalhos que não apresentaram a média de idade da amostra ****

Com o intuito de detalhar os artigos em termos, método, contexto e os avanços na literatura, foram detalhados os estudos trazendo os principais resultados. O detalhamento dos

estudos, em síntese, pode ser visto na **Tabela 3** abaixo. Abaixo os estudos com diferentes tipos de métodos, contextos e resultados encontrados.

Tabela 3

Detalhamento dos estudos

Autor	Delineamento	Ambiente	Principais resultados
Burnay et al.	Experimental	Jogos online	Os níveis de assédio sexual contra uma parceira feminina foram mais altos para os participantes que jogaram o jogo com personagens femininas sexualizadas do que para os participantes que jogaram o mesmo jogo com personagens femininas não sexualizadas.
Dahlqvist et al.	Correlacional	Ambiente online de modo geral*	O assédio sexual online foi associado ao assédio sexual offline em ambos os sexos e ao bullying offline em meninos. Além disso, os perpetradores tendiam a evitar a visão dos adultos.
Dahlqvist & Gadin	Correlacional	Ambiente online de modo geral*	Ambos os sexos relataram vitimização por atenção sexual indesejada online. Nos meninos os preditores associados foram a vitimização por bullying offline e assédio sexual e nas meninas a atenção sexual indesejada.
Douglass et al.	Correlacional	Redes sociais e aplicativos de namoro	O TFSV** se relacionou com identidades femininas, trans e idade mais avançada. Ser heterossexual reduziu significativamente as chances de assédio sexual facilitado pela tecnologia.
Espino et al.	Correlacional	Ambiente online de modo geral*	Os adolescentes, tanto vítimas quanto agressores, se envolveram em violência no namoro, assédio sexual e namoro cibernético.
Jonssom et al.	Correlacional	Ambiente online de modo geral*	Os participantes que sofreram assédio online indicaram como comportamentos de risco: saúde psicológica ruim, o relacionamento ruim com os pais e a autoestima mais baixa.
Kaakinen et al.	Correlacional	Aplicativos de namoro	O uso de aplicativos de namoro online foi associado à maior probabilidade de vitimização por assédio sexual online. Essa relação foi explicada pelo fato dos usuários se envolverem em atividades mais arriscadas na comunicação e compartilhamento de informações online.

Patchin Hinduja	&	Correlacional	Ambiente online de modo geral*	Os alunos relataram tanto terem sido vítimas de <i>sextortion</i> quanto agressores. Meninos não heterossexuais tinham maior probabilidade de serem alvos (tanto como vítima quanto como infrator) e os homens eram mais propensos a atacar outras pessoas.
Powell Henry	&	Correlacional	Ambiente online de modo geral*	A vitimização por TFSV em mulheres é provável por assédio sexual e os homens tinham maior probabilidade de relatar vitimização por distribuição de imagens não consensuais, bem como assédio baseado em gênero e/ou sexualidade.
Stahl Dennhag	&	Correlacional	Ambiente online de modo geral*	Ambos os sexos já foram vítimas de assédio sexual. O assédio online apresentou correlação significativa com o aumento da ansiedade e dos sintomas depressivos em meninas, mas não em meninos. O bom relacionamento com os colegas foi um fator protetivo.
Tang & Fox		Experimental	Jogos online	O assédio sexual, incluindo comentários sexistas e piadas sobre estupro, foi predito pela orientação à dominância social e sexismo hostil. O estudo também constatou que o sexismo hostil estava relacionado ao assédio sexual.
Taylor et al.		Correlacional	Ambiente online de modo geral*	O sexo biológico, atitudes, raiva, exposição prévia à violência e estereótipos de gênero, cada um deles previu pelo menos uma forma de assédio sexual online.
Champion et al.		Correlacional	Ambiente online de modo geral*	Os efeitos do TFSV foram: ansiedade, estresse, depressão, perda de controle, desconfiança, múltiplas vitimizações, mau funcionamento acadêmico/ocupacional, consumo problemático de álcool, constrangimento e mudanças de comportamento online. Nossas descobertas sugerem que as experiências de TFSV de homens e mulheres são semelhantes na maioria dos tipos de TFSV.
Copp et al.		Correlacional	Ambiente online de modo geral*	A vitimização por cyberbullying e assédio sexual online foi associada a problemas de saúde mental.
Diaz Aguado	–	Correlacional	Ambiente online de modo geral*	O comportamento sexual de risco foi a principal condição para inclusão no grupo vítimas de assédio sexual online, sem estar em um relacionamento, mas com uma baixa incidência de vitimização por

namoro.

Hong et al.	Correlacional	Ambiente online de modo geral*	Os resultados mostraram uma associação direta entre a polivitimização e o assédio sexual offline e online. Além disso, a polivitimização foi positivamente relacionada à evasão escolar, que foi positivamente associada ao assédio sexual offline.
Mitchel & Stulhofer	Correlacional	Ambiente online de modo geral*	O assédio sexual online e o humor negativo foram associados de forma transversal. A resiliência foi associada de forma consistente e negativa ao humor negativo, mas não ao assédio sexual online.
Reed et al.	Correlacional	Ambiente online de modo geral*	O assédio sexual cibernético (<i>e.g.</i> , ser pressionada a enviar fotos sexuais e ter fotos sexuais compartilhadas sem permissão), foi associada ao uso de álcool, uso de drogas, sentimento de depressão, ansiedade, pensamentos suicidas no último ano e diagnóstico de DST.
Salerno-Ferraro et al.	Correlacional	Ambiente online de modo geral*	A vitimização ocorreu via mensagens sexualmente inadequadas, comentários sexistas, comportamento sedutor e atenção sexual indesejada, em uma plataforma online, conta de mídia social, e-mail ou mensagem de texto. Em geral, elas adotaram estratégias de não confronto para lidar com o assédio, contudo, alguns homens persistiram com o assédio, levando alguns a excluir suas próprias contas de mídia social.
Tang et al.	Correlacional	Jogos online	O sexismo hostil, orientação à dominância social, Maquiavelismo, psicopatia e a identificação do jogador previram maior perpetração de assédio sexual.
Buchanan & Mahoney	Correlacional	Ambiente online de modo geral*	Ambos os sexos foram vitimizados por assédio de gênero e a atenção sexual indesejada. O tipo mais frequente encontrado entre os participantes do sexo masculino e feminino foi a atenção sexual indesejada, contudo, o impacto emocional foi significativamente mais incomodo para as mulheres.
Chang et al.	Correlacional	Ambiente online de modo geral*	Nos jogos online a exposição à mídia pornográfica, comportamentos de risco na internet, depressão e experiências de cyberbullying previam vitimização por sexual online. Enquanto nas salas de bate-papo a exposição à mídia pornográfica, comportamentos de risco, experiências de cyberbullying e assédio

			sexual offline previam a perpetração de sexual online.
Fox & Tang	Correlacional	Jogos online	No campo dos jogos online, o assédio sexual leva à ruminação e ao afastamento das jogadoras. As mulheres evitam comunicação com outros jogadores para diminuir a possibilidade de assédio. O caminho do assédio sexual para a desistência também foi mediado pela capacidade de resposta da organização.
Guerra et al.	Correlacional	Ambiente online de modo geral*	Os resultados revelaram que os agressores podem ser tanto homens (<i>e.g.</i> , adulto ou menos de 18 anos) quanto mulheres (<i>e.g.</i> , adultas ou com menos de 18 anos). Além disso, os níveis de polivitimização ao longo da vida e a frequência de assédio sexual online no último ano previam a sintomatologia depressiva. Os níveis de depressão eram mais altos, em ambos os sexos, quando: o agressor era do mesmo sexo, adulto ou menor de 18 anos, ou quando a vítima não conseguiu identificar seu agressor.
Mitchell et al.	Correlacional	Ambiente online de modo geral*	O número de assediadores online e a adição de contato offline pelos perpetradores predizem a angústia.

Nota: Referem-se às plataformas online, aos espaços de fóruns online, blogs, redes sociais (WhatsApp, Instagram, Facebook, Reddit e Twitter), aplicativos de namoro, e-mail, mensagem de texto, jogos online*; Assédio Sexual Facilitado pela Tecnologia**

Finalmente, foram observadas as variáveis associadas ao ASO dentre os estudos da amostra. A **Figura 4** sumariza as principais relações observadas e foram divididas em quatro grandes eixos. O primeiro eixo trata dos comportamentos que se expressam fora do ambiente online. Nesta categoria o ASO foi relacionado positivamente aos construtos assédio sexual offline (Dahlqvist et al., 2022), ao bullying offline (Dahlqvist & Gadin, 2018) e a evasão escolar (Hong et al., 2023). No eixo seguinte, denominado de “Polivitimização e aspectos online” são apresentados outras formas de vitimização online dos sujeitos, ou seja, além de sofrerem ASO, também foram expostas ao *cyberbullying* (Chang et al., 2014), ao *cyberstalking* (Salerno – Ferraro et al., 2022). Além disso, comportamentos de risco (Reed et

al., 2019) e exposição a mídias pornográficas (Chang et al., 2014) também compuseram esta categoria.

O terceiro eixo, denominado “Características Psicológicas e Sociais” trata-se de aspectos psicológicos, podendo ser entendidos como mais subjetivos, e fatores sociais. Nesta categoria, em resumo, os estudos indicaram que, nos agressores, o ASO se relacionou com traços de personalidade (*e.g.*, Maquiavelismo e psicopatia) (Tang et al., 2019), e autoestima (Jonsson et al., 2019), sexo (Taylor et al., 2021) ou gênero (Douglass et al., 2018) nas vítimas. Por fim, no quarto eixo, definido como “Aspectos Psicopatológicos” foram agrupadas as correlações com patologias e os impactos negativos do ASO, como, por exemplo, sintomas depressivos e ansiosos (Stahl & Denhag, 2021), pensamentos suicidas (Reed et al., 2019) e consumo problemático de álcool e drogas (Champion et al., 2022).

Figura 5. Variáveis relacionadas

Nota: → = variável é um preditor do ASO; ↔ = correlação; + = relação positiva; - = relação negativa

Discussão Parcial

O presente estudo objetivou realizar uma revisão sistemática de escopo para explorar, de forma geral, a literatura acerca do fenômeno do ASO, além de, investigar os estudos que

envolviam as mulheres, considerando a proliferação dessa problemática nos últimos anos. Especificamente, objetivou-se contextualizar e detalhar estes trabalhos, além de identificar as principais variáveis correlacionadas. Estes objetivos foram cumpridos, entretanto, observou-se que a maioria dos estudos selecionados se referia ao público infanto-juvenil, com as meninas em posição de vítimas, e não necessariamente a mulheres adultas. Também destaca-se que todos os artigos foram internacionais, demonstrando a carência de estudos com amostra brasileira. Os resultados remanescentes serão discutidos a seguir.

Os artigos selecionados datam de 2016 a 2023, o que mostra que mesmo que esse fenômeno não seja recente, os estudos, sua definição operacional e a contextualização de como ele se expressa no ciberespaço, parecem ser. Uma das explicações é que estudos anteriores geralmente não separam o assédio que ocorre online e o assédio offline (European Union Agency, 2014). São dois ambientes diferentes, com características e formas de expressão diversas. Assim, especificamente, sobre o contexto online e considerando que o acesso a *smartphones* e o uso da internet são quase universais (potenciais vítimas e agressores), é necessário entender o impacto, de maneira específica, que ASO têm sobre a saúde mental das vítimas.

Como a definição operacional do ASO ainda é tema de bastante debate, observou-se que a maioria estudos (Salerno – Ferraro et al., 2022) se concentraram em comportamentos próprios de ASO, que entendemos com uma ampla gama de comportamentos online caracterizado por avanço sexual indesejado, ameaças sexuais ou importunação sexual sofridos por meios eletrônicos (telefone celular ou internet). Tendo como alvo alguém com base no gênero (*e.g.*, piadas sexuais inapropriadas), atenção sexual não-desejada (*e.g.*, comentários sexuais indesejados) e coerção sexual (*e.g.*, fazer pedidos de atos sexuais).

Considerando as dimensões da VSFT (Henry & Powell, 2016) pesquisas também abordaram outros comportamentos, temos como exemplo o compartilhamento não consensual

de imagens ou vídeos privados, encaminhamento de *sexts* (*e.g.*, uma imagem pessoal de nudez é compartilhada com outras pessoas sem consentimento) (Branch et al., 2017) ou *revenge porn* (*e.g.*, vídeo ou imagem sexual privada é compartilhada com amigos ou colegas de trabalho da vítima) (Bates, 2017).

Um aspecto relevante em relação à composição final dos estudos foi a especificidade da amostra. A maioria dos artigos tinha como população crianças/adolescentes/jovens, variando dos 10 aos 18 anos (Coop et al., 2021), o que pode ser explicado pela preocupação com o intenso consumo pela população de adolescentes/jovens que, são as faixas etárias que mais acessam a internet (Ferreira et al., 2020). Por exemplo, nos últimos anos, a presença online de crianças e adolescentes cresceu no Brasil: de acordo com dados da TIC Kids Online Brasil (2020), a proporção de usuários de Internet de 9 a 17 anos passou de 79%, em 2015, para 89%, em 2019, chegando em 94% em 2020.

Entretanto, como o foco do presente estudo eram as mulheres, foi possível observar a barreira na literatura. Contudo, esse resultado nos conduz a outra perspectiva preocupante: o ASO é uma prática contínua que se inicia na infância e se estende até a fase adulta da vida, principalmente, das mulheres. Assim, desde muito cedo as meninas, em idade muito jovem (12-14 anos), passam a ter essa atenção sexual, que geralmente vem de homens conhecidos e desconhecidos (Salerno – Ferraro et al., 2022). Por fim, embora nosso estudo não tivesse como foco meninas em idade escolar, a inserção dessas pesquisas na composição final nos trouxe luz acerca das características particulares deste fenômeno.

Segundo Cassel e Cramer (2008) desde o início da expansão tecnológica houve receios sobre como as mulheres iriam adentrar e permanecer nesse espaço, principalmente no que diz respeito à sua segurança. No estudo de Salerno – Ferraro et al. (2022), que compôs a amostra final da presente revisão, a maioria das mulheres relataram ter recebido mensagens sexualmente inadequadas (84%); observações ou comentários sexistas (74%);

comportamento sedutor ou (70%); ou atenção sexual indesejada (64%); em uma plataforma online, conta de mídia social, e-mail ou mensagem de texto.

Com relação ao delineamento dos estudos, destaca-se que, em sua maioria, trata-se de pesquisas correlacionais. Primeiro, há trabalhos que se concentram na relação entre o ASO e o assédio sexual offline (Dahlqvist et al., 2022; Dahlqvist & Gadin, 2018), o que nos traz importante perspectiva da “migração” deste comportamento para o ciberespaço, entretanto, expõe questões de suma importância para compreensão deste fenômeno. Não é possível apenas importar o modelo offline para o online, considerando que algumas formas de ASO não são encontradas offline, essas comparações podem não oferecer um verdadeiro reflexo das taxas de vitimização, correlações, características, e motivos pelos quais esse comportamento se sustenta (Buchanan & Mahoney, 2021).

Ainda, não há discussão sobre duas características importantes do ASO, o anonimato permitido pelas redes e a falta de consequências para o agressor (Salgado & Prodócimo, 2017). Enquanto as características do anonimato e invisibilidade, parecem deixar seus usuários livres e desinibidos para expressarem suas perspectivas hostis ou para se envolverem em atos desviantes (Barak, 2005; Hill & Kearl, 2011; Suler, 2004), a falta de leis para o ASO, mesmo que não seja uma novidade que ele aconteça (Fuzinelli et al., 2019) parecem contribuir para que essa prática seja cada vez mais frequente e intensa, vale lembrar que até 2001, não existia no Brasil uma legislação específica para o crime de assédio sexual (Fukuda, 2012).

Também, as pesquisas que abordam o ASO em sua relação com sintomas psicopatológicos (*e.g.*, depressão, ansiedade) (Stahl & Denhag, 2021). De fato, a saúde mental é bastante impactada em casos de ASO, existindo o aumento de consumo de álcool e apresentam níveis mais altos de depressão e ansiedade (Wolff et al., 2017). As mulheres são o

público mais afetado emocionalmente quando comparadas aos homens (Buchanan & Mahoney, 2021).

Nas pesquisas de delineamento experimental, nota-se uma concentração no campo dos jogos online e trazem a importante contribuição acerca da perspectiva do agressor, ou seja, são os homens que geralmente tanto nos jogos online, quanto nos outros ambientes (*e.g.*, redes sociais) mais cometem ASO (Burnay et al., 2019). Tais estudos trazem aspectos tanto da personalidade (*e.g.*, Maquiavelismo, psicopatia e identificação do jogador) e fatores contextuais (orientação à dominância social e sexismo hostil) predizendo o comportamento de assédio (*e.g.*, comentários sexistas e piadas sobre estupro) dos homens em jogos online (Tang & Fox, 2016; Tang et al., 2019).

Quando as mulheres jogam videogames, elas são frequentemente alvo de insultos, comentários sexistas e piadas sexistas (e até mesmo de estupro) (Brehm, 2013). Além disso, muitos videogames que contêm personagens femininas objetificadas sexualmente, ou seja, a representação se concentra em partes ou funções do corpo de uma pessoa, são reduzidas à condição de instrumentos ou consideradas capazes de representar a pessoa inteira (Gervais et al., 2013; Lynch et al., 2016; Summers & Miller, 2014).

Portanto, os achados aqui reportados apontam em duas direções principais: a primeira, o ASO é uma prática contínua que se inicia na infância e se estende até a fase adulta da vida (Salerno – Ferraro et al., 2022). A segunda, há uma grande preocupação com a vitimização por ASO em crianças e adolescente, mas, a investigação em mulheres adultas não recebe a mesma atenção, mesmo que sejam, majoritariamente, as vítimas (Powell & Henry, 2016).

Apesar das contribuições, o presente estudo não está livre de limitações. A principal se centra no fato da maioria das pesquisas abordarem as vítimas e nas consequências do ASO, o que não possibilita de fato a compreensão da engrenagem deste fenômeno, como e porque ele

se mantém. Finalmente, não foram observados estudos no contexto brasileiro, o que limita o quão esses resultados são passíveis de generalização para essa realidade.

Contudo, essas limitações nos indicam uma série de possibilidades para estudos futuros. Desta forma, sendo a prática do ASO muito frequente em contextos offline e online (Henry & Powell, 2016; Pina et al., 2009), é de suma importância aprofundar estudos para além das vítimas, investigando os processos subjacentes a este comportamento, pois, a exceção dos estudos sobre videogames (dois no total) não há investigações sobre os agressores. A partir desta limitação, procedemos no estudo seguinte a adaptação e validação da Escala de Assédio Sexual Online (Buchanan & Mahoney, 2021).

Capítulo 3:

Estudo 2. Escala de Assédio Sexual Online: evidências psicométricas iniciais e variáveis relacionadas²

A fim de abordar essa lacuna na literatura, este estudo inicial teve como objetivo principal adaptar, validar e calibrar a medida *The Online Sexual Harassment Scale* (Buchanan & Mahoney, 2021). Sua versão possui 12 itens que descrevem experiências indesejadas vivenciadas nos últimos doze meses enquanto o participante usava a internet ou dispositivos móveis (*e.g.*, pressionei alguém para compartilhar nudes). Os itens estavam dispostos em uma escala Likert variando entre 0 = nunca e 4 = o tempo todo, e se distribuem em dois fatores: atenção sexual indesejada ($\omega = 0,95$) e assédio de gênero ($\omega = 0,86$) e $\omega = 0,95$ da escala geral. Por fim, também buscou-se verificar a direção e a força da relação entre o assédio sexual online e o comportamento antissocial sexual online. Realizou-se a adaptação e validação em três estudos: primeiramente, um estudo piloto para revisar a compreensão dos itens. Após, a exploração os fatores da escala através da análise fatorial exploratória. A seguir, através da

² Estudo submetido à Revista Psico – USF

análise fatorial confirmatória buscando a adequação de ajuste ao modelo, testando a calibração dos itens, procedemos com a análise de TRI e por fim, investigou-se a relação da medida com outros construtos por meio da Modelagem por Equações Estruturais (SEM).

2.1. Estudo Piloto

Nosso objetivo com este estudo foi refinar a medida a fim de diminuir o máximo possível de confusões, vieses e falhas.

Método

Participantes

Participaram 33 alunos da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, cursavam entre o quarto e o décimo período de psicologia, a amostra foi do tipo não probabilística e por conveniência. Os participantes possuíam idades entre 19 a 55 anos ($M = 23,45$; $DP = 8,02$; $EP = 1,39$). A amostra contou majoritariamente com indivíduos do sexo feminino (63,6%), em um relacionamento (54,5%) e heterossexuais (60,6%). Por fim, se caracterizavam como classe média (69,7%), com ensino superior incompleto (69,7%), e se declararam religiosos (42,4%).

Instrumentos

The Online Sexual Harassment Scale. Desenvolvida por Buchanan & Mahoney (2021), sua versão possui 12 itens que descrevem experiências indesejadas vivenciadas nos últimos doze meses enquanto o participante usava a internet ou dispositivos móveis (*e.g.*, pressionei alguém para compartilhar nudes). Os itens estavam dispostos em uma escala Likert variando entre 0 = nunca e 4 = o tempo todo.

Questionário sociodemográfico. Para caracterizar a amostra, o questionário apresentava perguntas sobre idade, sexo, estado civil, orientação sexual, escolaridade, nível socioeconômico e religiosidade

Procedimentos

A primeira etapa consistiu em apresentar o projeto ao Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) para emissão do parecer favorável (5.659.342). Os sujeitos foram informados do caráter voluntário da pesquisa, de cunho acadêmico sem fins lucrativos. Os indivíduos que aceitaram participar do estudo concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que garante o anonimato das respostas e sigilo da identidade dos participantes, bem como o comprometimento de que a pesquisa não ofereça nenhum risco a saúde, a integridade biopsíquica, moral e espiritual, recomendados pela Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Os dados foram coletados de maneira presencial na Universidade Federal da Paraíba - UFPB no dia 11 de outubro de 2022. O único critério de participação era que os sujeitos possuísem acima de 18 anos. Por fim, foram seguidos as diretrizes da Carta Circular 01/2021 - CONEP/SECNS/MS referente as coletas em ambientes virtuais.

Processo de tradução e adaptação cultural

Inicialmente traduzimos *The Online Sexual Harassment Scale* (Buchanan & Mahoney, 2021) como Escala de Assédio Sexual Online (EASO), assim como suas instruções e os itens, por meio de quatro juízes independentes e bilíngues. Ainda, a medida original foi construída sob a percepção da vítima do assédio, contudo, levando em consideração o intuito de se adequar a proposta da pesquisa, fornecemos uma tradução na perspectiva do perpetrador para análise dos juízes, dessa forma, o material continha o item em inglês, a tradução do item original e a item sob a perspectiva do agressor. Posteriormente, as quatro versões traduzidas foram encaminhadas a dois psicólogos para identificar a melhor tradução para cada item. É importante ressaltar a necessidade de não apenas traduzir de forma literal os itens do questionário original, é preciso ser cuidadoso na adaptação do instrumento ao contexto social e cultural onde ele será aplicado. Esse processo consiste em também considerar as

particularidades locais da linguagem, com o intuito de aplicar um instrumento com maior fidedignidade (Nora et al., 2017).

Em sequência realizou-se a validação semântica, implicando em entrevistas cognitivas, usando o método Delphi em duas rodadas. Esse método consiste em que os entrevistados verbalizem o processo mental e, respondessem se os itens são compreensíveis, se estavam redigidos de maneira clara (Boateng et al., 2018). Para isso, foi incluída a participação de quatro entrevistados. Foi evidenciado que tanto as instruções da escala quanto alguns itens precisavam de modificações quanto à clareza. Atendemos aos critérios solicitados e os itens foram novamente modificados. Na segunda rodada, conduzimos outra entrevista com os mesmos participantes, para obter a versão final dos itens. Nessa etapa, observou-se que os itens estavam claros para serem aplicados à população-alvo. O passo seguinte foi a validação semântica por meio de entrevista presencial com os respondentes. Constatando-se nessa fase (e última) indicações e sugestões importantes demandadas pelos participantes, estudantes universitários do primeiro e décimo período do curso de graduação em psicologia.

Análise de dados

Para a tabulação e análise descritivas dos dados foi utilizado o *Statistical Package for the Social Sciences* - SPSS (versão 26). Foram realizadas análises descritivas e inferenciais (e.g., média, desvio padrão, frequência das respostas).

Resultados

Em síntese, a partir do estudo piloto se apresentaram dificuldades quanto à compreensão do contexto das perguntas, ou seja, os participantes mostraram preocupação quanto ao cenário em que se dava as experiências. Assim, como pode ser visto na **Tabela 4**, as instruções do instrumento foram adequadas a fim de sanar tal confusão. Por fim, o termo

"solicitação prévia" pareceu confundir os respondentes, dessa forma, realizou-se modificações nos itens.

Tabela 4

Tabela com correções dos itens

Item Original	Item Revisado
Leia atentamente as perguntas abaixo, e responda de acordo com o quadro indicado abaixo, se nos últimos 12 meses teve alguma das seguintes experiências enquanto utilizava a internet ou um dispositivo móvel....	As perguntas abaixo se referem ao seu próprio comportamento associado às pessoas que você tem um relacionamento afetivo e/ou sexual, pessoas próximas ou desconhecidas. Leia atentamente e responda conforme o quadro indicado abaixo. Você nos últimos 12 meses teve alguma das seguintes experiências enquanto utilizava a internet ou um dispositivo móvel. Sem me pedirem/ sem ser solicitado eu já...
Você enviou nudes sem solicitação prévia	Enviei nudes.
Você já pediu a alguém algum favor sexual por meio de mensagem virtual.	Fiz propostas/convites sexuais por meio de mensagem virtual (propor sexo).
Você já enviou mensagem privada para alguém comentando a sua aparência que fez a pessoa se sentir desconfortável	Fiz um comentário desagradável sobre a aparência de alguém.

Discussão Parcial

O objetivo do estudo foi testar e aperfeiçoar a medida para diminuição de eventuais vieses, de modo geral, foi possível alcançar tal objetivo. A literatura aponta que reproduzir os meios e métodos planejados para o estudo (principal) que serão encontrados na coleta de dados definitiva é um passo importante em uma pesquisa (Mackey & Gass, 2005; Silva & Oliveira, 2015). Trata-se de uma espécie de mini versão do estudo completo, é por meio desse

momento na pesquisa que é possível testar a adequação de todos os instrumentos e procedimentos contidos no método com vistas a possibilitar adaptações que se julguem necessárias para a coleta de dados definitiva (Canhota, 2008).

Ainda, Bailer et al. (2011) afirmam que, apesar de serem tomados todos os possíveis cuidados na fase de planejamento da pesquisa, é no momento do delineamento e implementação do piloto que falhas antes imperceptíveis podem vir à tona. Por fim, após superada esta etapa, seguiu-se para a realização do estudo principal.

2.2. Análise Fatorial Exploratória da Estrutura da Escala

Participantes

Participaram 204 sujeitos em uma amostra não probabilística e por conveniência. Os participantes possuíam idades entre 18 e 62 anos ($M = 25,18$; $DP = 7,49$; $EP = 0,52$). A amostra foi composta, em sua maioria, por indivíduos do sexo feminino (64,2%), solteiros (55,9%) e heterossexuais (60,3%). Por fim, se caracterizavam como classe média (68,6%), com ensino superior incompleto (56,9%), autodeclarados brancos (49,5%) e sem religião (32,4%).

Instrumentos

Escala de Assédio Sexual Online. Desenvolvida por Buchanan e Mahoney (2021), sua versão possui 12 itens que descrevem experiências indesejadas vivenciadas nos últimos doze meses enquanto o participante usava a Internet ou dispositivos móveis (*e.g.*, fiz comentários com teor sexual sobre o corpo de alguém nas redes sociais?). Os itens estavam dispostos em uma escala Likert variando entre 0 = nunca e 4 = o tempo todo.

Questionário sociodemográfico. Para caracterizar a amostra, o questionário apresentava perguntas sobre idade, sexo, estado civil, orientação sexual, escolaridade, nível socioeconômico e religiosidade

Procedimentos

Após a emissão parecer favorável (5.659.342), o questionário foi desenvolvido na plataforma *Google Forms* e compartilhado em diversas redes sociais (*e.g.*, *Facebook*, *Instagram* ou *e-mails*). Os respondentes foram informados, primeiramente, que a pesquisa era voluntária, com objetivo acadêmico e sem fins lucrativos e que a pesquisa não oferecia nenhum risco à saúde, à integridade biopsíquica, moral e espiritual, recomendados pela Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Por fim, os participantes que concordaram em participar do estudo assinalaram a opção “concordo” no TCLE e podiam deixar a pesquisa a qualquer momento.

Análise de dados

Utilizou-se o *Software Factor* para efetuar o teste KMO e teste de esfericidade de Bartlett (avaliar a estrutura fatorial da medida), a análise fatorial pelo método dos eixos principais e um teste de fiabilidade considerando o índice de consistência interna ômega de McDonald. O estimador utilizado foi o *Diagonally Weighted Least Squares (DWLS)* (Asparouhov & Muthen, 2010). Considerando a existência de dois fatores, foi aplicada a rotação Robust Promin (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2019).

Por fim, foram observados os índices de ajuste *Goodness-of-Fit Index (GFI)*, *Comparative Fit-Index (CFI)* e *Tucker Lewis Index (TLI)* e *Comparative fit-index (CFI)* (que apresenta 0,90 ou preferencialmente 0,95 como ponto de corte para bons indicadores); o *Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA)* (que considera valores até 0,08) (Byrne, 2012; Hu & Bentler, 1999; Kline, 2016; Marôco, 2010). Por fim, todos os dados foram disponibilizados publicamente no *Open Science Framework (OSF)* e podem ser acessados a partir do osf.io/t9g6j.

Resultados

A extração de índices de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o Teste de Esfericidade de *Bartlett* garantiram que havia um tamanho de amostra adequado para realizar a análise fatorial exploratória (AFE). O KMO = 0,81 e o teste de Bartlett [$X^2(66) = 2223,9; p < 0,001$] atenderam aos requisitos mínimos para o tamanho da amostra para a AFE de KMO > 0,60 e um *Bartlett* de $\leq 0,05$ (Carpenter, 2018). O parâmetro utilizado para medir a consistência interna do instrumento foi o alfa de *Cronbach*, o qual demonstrou precisão adequada com a estrutura fatorial proposta. A escala total obteve um alfa de *Cronbach* de 0,89 e Ômega $\omega = 0,88$. A escala foi fixada em dois fatores: atenção sexual indesejada e assédio de gênero com valores de 5,81 e 2,17, que representaram 48,51% e 18,09% da variância explicada. Os itens apresentaram cargas fatoriais adequadas e o critério de carga fatorial igual ou superior a 0,30 foi aplicado. Os itens apresentaram cargas fatoriais adequadas (**Tabela 5**). Os índices de ajuste do instrumento foram também adequados (RMSEA = 0,05; CFI = 0,97; GFI = 0,94; TLI = 0,95).

Tabela 5

Estrutura Fatorial da Escala de Assédio Online

Itens	Atenção Sexual Indesejada	Assédio de Gênero
1. Enviei mensagens propondo sexo a alguém.	0,93*	-0,16
2. Enviei mensagens de texto, imagens e/ou vídeos com conteúdo sexual explícito.	0,95*	-0,12
3. Enviei mensagens com teor sexual (por ex.: você me deixa excitado)	0,95*	- 0,07

4. Fiz comentários com teor sexual nas fotos de alguém nas redes sociais.	0,43*	0,25
5. Enviei mensagens preconceituosas contra mulheres (por ex.: mulher no volante, perigo constante)?	0,45*	0,25
6. Pressionei alguém para compartilhar nudes.	0,55*	0,24
7. Enviei mensagens com teor sexual.	0,58*	0,40
8. Enviei nudes.	0,92*	0,24
9. Enviei mensagens com um comentário negativo sobre o gênero ou orientação sexual de alguém.	0,40	0,60*
10. Comentei de maneira preconceituosa sobre a aparência de alguém nas redes sociais.	-0,11	0,98*
11. Fiz propostas/convites sexuais por meio de mensagem virtual	0,66*	0,40
12. Fiz um comentário desagradável sobre a aparência de alguém	-0,12	0,91*
H-latent	0,95	0, 92
H-observed	0,75	0,58

Discussão Parcial

O presente estudo objetivou testar a organização fatorial e a precisão da Escala de Assédio Sexual Online. Em síntese, as análises iniciais indicaram que o instrumento possui validade e confiabilidade satisfatórias (Asparouhov & Muthén, 2010). A EASO apresentou

estrutura bidimensional que também foi encontrada no estudo original da escala (Buchanan & Mahoney, 2021). Os resultados apresentam que o instrumento pode ser utilizado em uma comparação transcultural, já que a medida de replicabilidade da estrutura fatorial (H-index) (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018) também indica que a estrutura fatorial pode ser replicada em estudos futuros. Observou-se os índices de consistência interna satisfatório, $\alpha = 0,89$; (ω) = 0,88 (Kline, 2015; Revelle & Zinbarg, 2009). Por fim, a escala apresentou cargas fatoriais acima de 0,40 nos seus respectivos fatores.

Destaca-se que o item 5 (*e.g.*, enviei mensagens preconceituosas contra mulheres (*e.g.*, mulher no volante, perigo constante) compôs o fator atenção sexual indesejada (0,45), o que não condiz com a literatura prévia, já que no estudo original o mesmo item compôs o fator assédio de gênero (0,25) (Buchanan & Mahoney, 2021). Mesmo assim, por razões teóricas, decidimos manter o item para próxima análise (confirmatória) com o fim de testar a adequação do modelo, o qual, ao final, foi satisfatório.

Por fim, apesar dos bons índices apresentados, ainda é necessário confirmar a estrutura fatorial da medida, para isso procedemos com a análise fatorial confirmatória do instrumento, bem como explorar os parâmetros dos itens por meio de análises baseadas na Teoria de Resposta ao Item (TRI) e sua relação com outros construtos por meio da Modelagem por Equações Estruturais (SEM).

2.3. Análise Fatorial Confirmatória da Estrutura da Escala

Participantes

Participaram 203 sujeitos em uma amostra não probabilística e por conveniência. Os participantes possuíam idades entre 18 e 64 anos ($M = 34,37$; $DP = 9,76$; $EP = 0,68$). A amostra foi constituída majoritariamente por participantes do sexo feminino (65,5%), solteiros (33%) e heterossexuais (76,8%). Por fim, se caracterizavam como classe média

(69%), com ensino superior incompleto (29,1%), se autodeclararam pardos (45,8%) e católicos (30%).

Instrumentos

Além das medidas anteriormente apresentadas, foi adicionada:

Escala de Comportamento Antissocial Sexual Online (anexo 2). Adaptada para o Brasil por Santos et al. (2022), esta possui 4 itens que descrevem o comportamento antissocial sexual na Internet (*e.g.*, eu uso a Internet para tirar proveito do anonimato). Os itens estavam dispostos em uma escala Likert variando entre 1 = Discordo totalmente e 5 = Concordo totalmente.

Procedimentos

Já apresentados no estudo anterior.

Análise de dados

Os dados foram analisados por meio do *Software Jasp* (versão 0.16, 2022), utilizando especificamente os módulos de análise fatorial confirmatória e correlação de Pearson. Foram observados indicadores de adequação de ajuste ao modelo, que podem ser avaliados levando em conta diferentes perspectivas: valores absolutos, parcimoniosos e os instrumentais (Anunciação, 2018). Foram aplicados os seguintes parâmetros: GFI, TLI e o CFI. Além, disso, foi aplicado o índice *RMSEA* e o *Root-mean-square-of-residuals* (SRMR), que aceita valores até 0,10 (Byrne, 2012; Hu & Bentler, 1999; Kline, 2016; Marôco, 2010). No presente estudo foi utilizado o Estimador DWLS e o Alfa de Cronbach e Ômega de McDonald para aferição da consistência interna.

Para análise da TRI utilizou-se o *Software Factor* (versão 12.04.05) objetivando a calibração dos itens: (a) discriminação e (b) dificuldade, utilizando o modelo de resposta graduada. O parâmetro (a) permite determinar até que ponto os itens identificam os respondentes em diferentes níveis. O parâmetro (b), por outro lado, permite identificar a

proporção de respostas apoiadas pelo indivíduo. Uma pontuação mais elevada neste parâmetro significa que a aprovação desta categoria de resposta é mais difícil (necessitando de níveis *theta* mais elevados, para que o item possa ser endossado) (Samejima, 1969, Santos et al., 2022). Por fim, o *Jasp* para realizar a Modelagem por Equações Estruturais (SEM).

Resultados

Inicialmente, a estrutura bifatorial, com 12 itens, apresentou os seguintes resultados de ajuste ($\chi^2 / gl = 2,51$; CFI = 0,98; GFI = 0,98; TLI = 0,97; RMSEA = 0,08 | 90% CI 0,07 - 0,1|, SRMR = 0,1). Contudo, em uma análise mais aprofundada nos índices de modificação, especificamente, a covariância residual, apontou dois itens em que as covariâncias dos resíduos estavam relacionadas entre si (item 3 e 7). A saber: “enviei mensagens com teor sexual (por ex: você me deixa excitado)” e “enviei mensagens com teor sexual”, respectivamente, o que demonstra serem itens redundantes, assim seguindo o princípio da parcimônia, excluímos o item 7 o qual obteve menor carga. Ademais, os itens 5 e 6 foram fixados no fator assédio de gênero, indo conforme a escala original e com a literatura. Este modelo apresentou, de modo geral, índices de ajuste melhores dos que os apresentados acima ($\chi^2 / gl = 0,84$, CFI = 1,00, GFI = 0,94, TLI = 1,00, RMSEA = 0,00 | 90% CI 0,00 - 0,02|, SRMR = 0,1).

Índices de Discriminação e Dificuldade

Após fixarmos a escala em 11 itens, testou-se cada item individualmente por meio da TRI para verificar a discriminação (a) e a dificuldade (b). Conforme mostrado na **Tabela 6**, a medida é dividida em dois fatores: o ASI, cujos itens apresentaram valores variando de 2,51 a -0,86 no parâmetro discriminação. Já o fator AG teve respostas variando de 2,31 a -0,69. Os itens também apresentaram pontuações elevadas de dificuldade, assim, para que os respondentes pudessem selecionar algumas categorias de respostas (*e.g.*, categoria 4 do item 6), seriam

necessários níveis elevados de *theta*. Por fim, foi aplicado o parâmetro de discriminação multidimensional (MDISC) para classificar os itens considerando seu poder de discriminação ou seu poder informativo no construto. Desta forma, quando um item apresenta um alto valor no parâmetro MDISC, significa que seu poder de discriminação multidimensional também é elevado, diferenciando assim os indivíduos com níveis de traço latente distintos (Piton - Goncalves & Aluísio, 2015).

Tabela 6

Parâmetros dos itens da escala

Itens	a Fator	ASI	a Fator AG	MDISC	b1	b2	b3	b4
1	2,38		-0,41	2,42	1,30	2,12	3,62	6,46
2	2,51		-0,40	2,55	1,43	2,52	4,47	6,78
3	2,24		-0,27	2,25	0,63	1,71	3,15	5,21
4	0,86		0,56	1,03	1,22	1,77	2,89	3,95
5	-0,07	1,68		1,68	2,39	3,81	4,52	9,23
6	1,10	0,69		1,30	3,10	4,12	8,42	8,42
7	1,45		-0,17	1,46	0,82	1,59	2,62	3,76
8	-0,07	2,31		1,31	2,66	4,39	5,44	6,46
9	-0,32	1,77		1,80	2,19	3,17	4,62	5,11
10	2,23		-0,28	2,25	1,34	2,54	4,20	11,37
11	-0,08	1,63		1,64	1,18	2,44	3,91	4,90

Notas: ASI: atenção sexual indesejada; AG: assédio de gênero; MDISC: discriminação multidimensional dos itens; a = Parâmetro de discriminação, b = Parâmetro de dificuldade

Modelagem por Equações Estruturais

Com todos os lambdas [λ] estatisticamente significativos ($p < 0,001$), e valores iguais ou maiores do que 0,30, variando entre 0,32 e 0,87, a estrutura final do instrumento apresentou alfa de Cronbach e Ômega geral de $\alpha = 0,80$ e $\omega = 0,83$. Por fim, as análises indicaram correlações entre os fatores da EASO, a saber: assédio de gênero (AG) e atenção sexual indesejada (ASI) e o comportamento antissocial sexual online (CASO), especialmente, correlação positiva entre a ASI e a CASO ($r=0,54$, $p<0,01$), contudo não houve correlações significativas entre o AG e CASO. A **Figura 5** apresenta com mais detalhes o modelo.

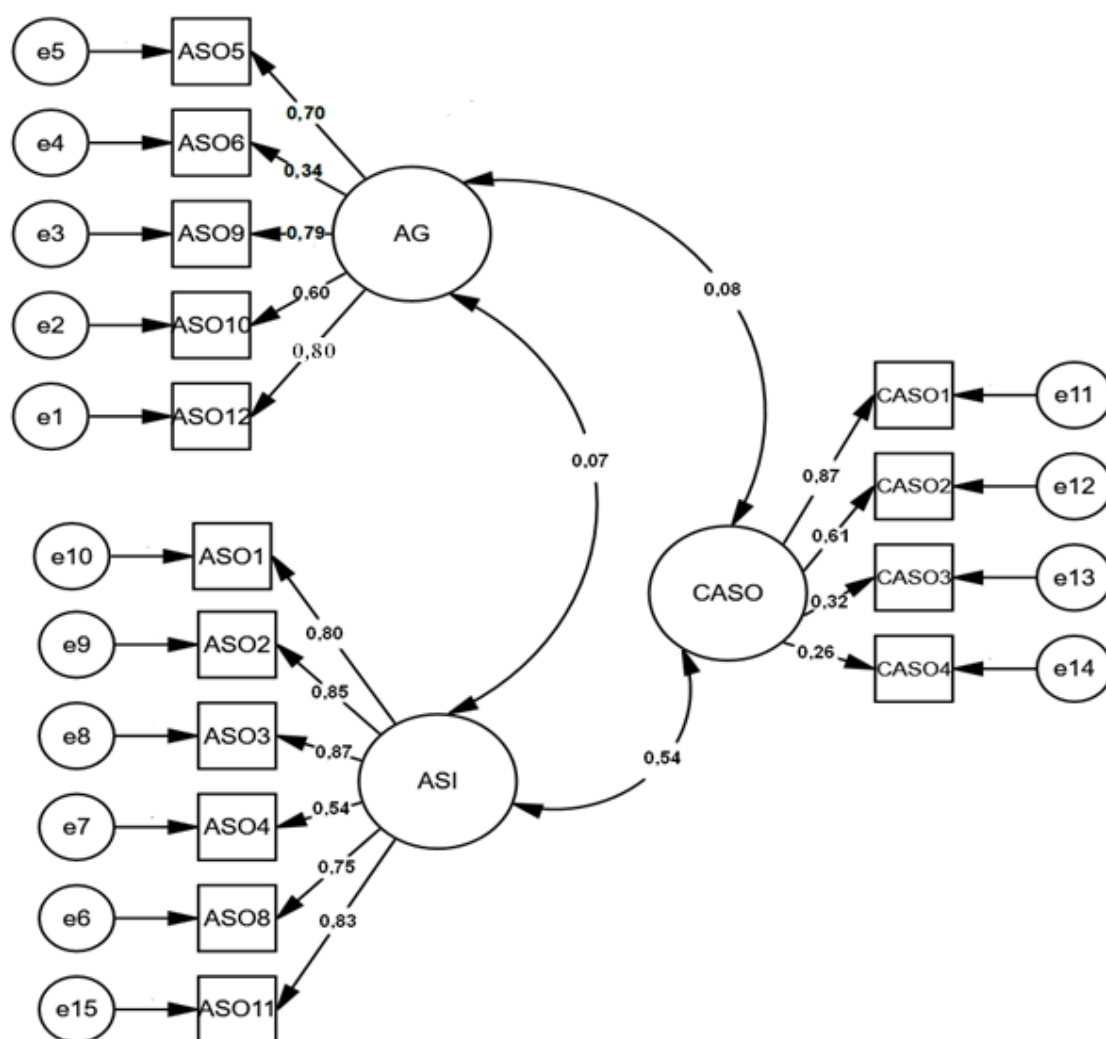


Figura 6. Modelo da EASO

Notas: AG = assédio de gênero, ASI= atenção sexual indesejada, CASO = comportamento antissocial sexual online.

Discussão Parcial

O presente estudo testou o modelo evidenciado no estudo anterior. Os resultados da AFC mostraram que, de fato, o modelo hipotetizado é suportado pela estrutura composta por duas dimensões, indicando um melhor ajuste nesse modelo (Anunciação, 2018; Kline, 2015). A escala também apresentou índices de consistência interna satisfatórios mensurados tanto pelo alfa de Cronbach (DeVellis, 2017), como pelo Ômega de McDonald (ω) (Revelle & Zinbarg, 2009), a saber: $\alpha = 0,80$ e $\omega = 0,83$ superiores aos recomendados na literatura

(Hair et al., 2009; Pasquali, 2010). Acerca dos índices de ajustes, todos foram considerados adequados, à exceção do índice SRMR (0,1) que a literatura aponta valores entre 0,08 e 0,1 com um ajuste razoável (Batista et al., 2020; Hu & Bentler, 1999).

Os parâmetros dos itens com base na TRI e as correlações serão discutidos a seguir. Realizou-se análises de discriminação e dificuldade com base no Modelo de Resposta Graduada de Samejima. Os índices de discriminação variaram entre 2,51 (item 2) e 0,86 (item 4) no fator ASI e 2,31 (item 8) e 0,69 (item 6) no fator AG. Com índices menores, os itens 4 e 6 são considerados de “moderada discriminação” (Baker, 2001; ver também Pasquali, 2018).

Especificamente, o item 06 (“Pressionei alguém para compartilhar nudes”) não é tão eficaz, quanto os outros, em diferenciar participantes com diferentes níveis de ASO (Andrade et al., 2021). Com relação à dificuldade do item, os escores mais altos nesta indicam um maior grau do traço latente, como, por exemplo: 5, 6, e 10, são itens que exigem maior grau de ASO para endossar a categoria (Tezza et al., 2018).

Acerca das correlações, inicialmente destaca-se que nos estudos clássicos de Fitzgerald et al. (1988) a ASI já foi categorizada como uma das categorias de assédio e se manifesta por meio de comentários sexuais não desejados. No estudo de Buchanan e Mahoney (2021) a ASI foi a forma mais comum de assédio sexual online, neste caso, as mulheres apresentaram maiores índices de vitimização do que os homens. Já o CASO seria qualquer ação desviante e prejudicial de natureza sexual perpetuada através do ambiente virtual (Moor & Anderson, 2019). Como, por exemplo, manipular alguém para se envolver em atividades sexuais contra a sua vontade (*e.g.*, mediante insistência ou manipulação emocional) (Stead et al., 2022).

No presente estudo, o fator ASI e a CASO apresentaram correlação positiva ($r = 0,54$, $p < 0,01$), o que demonstra que ambos os comportamentos, de tecer comentários sexuais indesejados e forçar alguém a se envolver em atividades sexuais contra sua vontade, se

relacionam no mundo online. Ainda, o estudo de Santos et al. (2022), indicou a correlação positiva entre a CASO e envio de fotos explícitas ($r = 0,25, p < 0,01$).

Tais comportamentos assumem muitas formas, como, por exemplo, “*dick pics*” em que os homens partilham fotos não solicitadas dos seus órgãos genitais, por meio de aplicativos de mensagens (Hayes & Dragiewicz, 2018). Já o fator AG apresentou correlações não significativas tanto com a ASI ($r = 0,07, p = 0,09$) como quanto a CASO ($r = 0,08, p = 0,06$). Uma possível explicação reside no fato das questões de gênero (*e.g.*, desigualdades e violências) estarem arraigadas e como parte considerada “natural” em nossa sociedade, não sendo tão salientes quanto os comportamentos de ASI e CASO.

Portanto, são crenças, atitudes e comportamentos normalizadas, em que os estereótipos de gênero atribuem comportamentos masculinos (*e.g.*, viris, competitivos) e comportamentos femininos (*e.g.*, receptivas, amorosas) (Glick & Fiske, 1996, 2011). Na pesquisa conduzida por Mandau (2020), os papéis de gênero atuaram na forma como os participantes lidavam com o envio e recepção de conteúdo sexual não solicitado. As mulheres geralmente classificavam o conteúdo como intrusivo (se sentiram violentadas), enquanto os homens acreditavam ser algo normal, natural, era uma forma normalizada de se exibir, elogiar as mulheres ou procurar reciprocidade sexual.

As principais contribuições do estudo se centram nas evidências de validade e confiabilidade da Escala de Assédio Sexual Online, oferecendo um instrumento que não foi encontrado na literatura brasileira. Especialmente, se tratando de uma medida cuja versão explora variáveis para além da vítima, examinando construtos relacionados e apontando direções para a investigação dos fatores que tornam esse comportamento tão comum no ambiente online. Destaca-se ainda a importância da validação de medidas sobre o tema no Brasil, onde há crescentes taxas de assédio sexual online e mais amplamente no cenário latino-americano.

Embora a pesquisa traga evidentes contribuições, ela não está isenta de limitações. Os resultados apresentados e discutidos acima indicam a necessidade de se investigar de forma mais abrangente possível, sabendo que é complexa a tarefa de abarcar o indivíduo em totalidade, fatores que podem influenciar os comportamentos danosos dos sujeitos no meio virtual. A partir da literatura sugerimos que estudos futuros explorem outros processos psicossociais envolvidos neste tipo de comportamento, como, por exemplo, aspectos da personalidade (*e.g.*, narcisismo, Maquiavelismo) ou papéis de gênero (*e.g.*, crenças conservadoras ou igualitárias).

Capítulo 4:

Estudo 3. Personalidade e assédio sexual online: o papel mediador do sexismo ambivalente

Considerando a discussão acima e buscando superar as limitações na literatura, se faz necessário investigar quais variáveis aumentam a probabilidade da perpetuação desse comportamento. Neste estudo buscou-se investigar a relação entre a tríade sombria (variável pessoal) e o assédio sexual online. Especificamente, testou-se também o papel mediador dos componentes do sexismo ambivalente. Para tal, algumas hipóteses foram levantadas, são elas: (H¹) as estruturas de conhecimento (sexismo ambivalente e personalidade) irão se relacionar com o ASO, (H²) e que sexismo ambivalente irá mediar, de maneira positiva e significativa, a relação da personalidade e ASO. As variáveis foram escolhidas com base na literatura atual, considerando duas perspectivas: os fatores internos, considerados subjetivos, como a personalidade, e os fatores externos ou aspectos socioculturais, como o sexismo ambivalente (Schokkenbroek et al., 2024; Martínez-Bacaicoa, et al., 2024).

Neste estudo, a personalidade será abordada através dos traços antagônicos e socialmente desfavoráveis, como os descritos na tríade sombria da personalidade. Os

componentes dessa tríade são: narcisismo (por exemplo, a sensação de superioridade), Maquiavelismo (centrado na manipulação estratégica e sem princípios) e psicopatia (caracterizada pela impulsividade e falta de empatia) (Paulhus; Williams, 2002). A revisão realizada por Santos e Pimentel (2024) apontou que a tríade sombria se relaciona com quatro categorias de comportamentos, entre elas o assédio sexual online. O que pode afetar a relação entre a tríade sombria e o assédio sexual online (ASO)? Uma alternativa é o sexismo ambivalente, que se manifesta em duas dimensões: a benévola (como a crença de que as mulheres precisam ser cuidadas por serem frágeis e dependentes) e a hostil (que envolve a crença na superioridade biológica dos homens) (Glick & Fiske, 1996; 2001). No universo dos jogos online, o sexismo hostil alimenta as crenças sexistas dos jogadores homens, o que provavelmente desencadeia comportamentos de assédio direcionados às jogadoras (Fox & Potocki, 2016).

Participantes

Contou-se com 250 sujeitos em uma amostra não probabilística e por conveniência. Os participantes possuíam idades entre 18 e 69 anos ($M = 26,38$; $DP = 9,35$; $EP = 0,59$). A amostra foi composta, em sua maioria, por indivíduos da região Nordeste (75, 2%), sexo feminino (70%), solteiros (49,2%) e heterossexuais (69,2%). Por fim, se caracterizavam como classe média (61,6%), com ensino superior incompleto (58%), que utilizam rede social *WhatsApp* (40,8%) com mais frequência.

Instrumentos

Escala de Assédio Sexual Online (anexo 1). A versão utilizada (validada no estudo anterior) possui 11 itens, divididos em dois fatores: atenção sexual indesejada (*e.g.*, enviei mensagens de texto, imagens e/ou vídeos com conteúdo sexual explícito) e assédio de gênero (*e.g.*, enviei mensagens preconceituosas contra mulheres, por ex.: “mulher no volante, perigo constante”). A escala de resposta, do tipo Likert, variava entre 0 = nunca e 4 = o tempo todo.

Tríade Sombria da Personalidade (anexo 3). Desenvolvida por Jonason e Webster (2010) e validada para o Brasil por Gouveia et al. (2016), a medida é formada por 12 itens igualmente distribuídos em três traços: Maquiavelismo (*e.g.*, costume bajular as pessoas para conseguir o que quero), narcisismo (*e.g.*, eu tendo a buscar prestígio ou *status*) e psicopatia (*e.g.*, eu tendo a ter falta de remorso). Pode ser respondido em escala Likert de 5 pontos, variando de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

Inventário de Sexismo Ambivalente (anexo 4). Desenvolvida por Glick e Fiske (1996) e validada por Formiga et al. (2002) visando avaliar o sexismo contra as mulheres sob duas dimensões: a hostilidade (*e.g.*, a maioria das mulheres não aprecia completamente tudo o que os homens fazem por elas) e benevolência (*e.g.*, as mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens) em um conjunto de 22 itens. Pode ser respondida em uma escala do tipo Likert de 4 pontos, variando de 1 = Discordo totalmente a 4 = Concordo totalmente.

Questionário sociodemográfico. Caracterização da amostra (*e.g.*, idade, estado civil).

Procedimentos

Já apresentados no estudo anterior.

Análise de dados

Para análises descritivas e correlações bivariadas de *Pearson* utilizou-se o SPSS. Além do *Jasp* para realizar a Modelagem por Equações Estruturais (SEM). O estimador ULS foi aplicado para observar o papel mediador do sexismo ambivalente. Por fim, os índices de ajuste do modelo aplicados já foram detalhados nos estudos anteriores.

Resultados

Inicialmente as relações entre os construtos foram analisadas, em resumo, todos os construtos apresentaram relações positivas e significativas entre si, exceto, a *AtsIn* que não se correlacionou com o sexismo hostil ($r = 0,03$).

Tabela 7

Médias, Desvio Padrão e Correlações Bivariadas

	Média (DP)	1	2	3	4	5
1. AtsIn	0,84 (0,93)	-				
2. AsGênero	0,33 (0,53)	0,38**	-			
3. Sexismo B	2,12 (0,61)	0,14*	0,29**	-		
4. Sexismo H	1,72 (0,60)	0,03	0,26**	0,65**	-	
5. TríadeSom	2,04 (0,72)	0,24**	0,36**	0,18**	0,16*	

Nota: * = $p < 0,05$, ** = $p < 0,01$; AtsIn: atenção sexual indesejada; AsGênero: assédio de gênero.

Modelagem por Equações Estruturais

Posteriormente, testou-se o modelo em que os dois fatores do sexismo medeiam a relação entre a personalidade e ASO. Em resumo, o sexismo benevolente mediou, de forma significativa e negativa, a relação entre personalidade e atenção sexual indesejada. Já o sexismo hostil mediou, de forma significativa e positiva, a relação entre personalidade e atenção sexual indesejada. E por fim, quando aplicado o papel mediador do sexismo hostil na relação entre personalidade e assédio de gênero, a mediação obteve efeitos indiretos positivos.

Este modelo demonstrou valores de ajuste adequados: GFI = 0,92, CFI = 0,94, TLI = 0,93, RMSEA = 0,06 (90% CI: 0,05 - 0,06), SRMR = 0,09. O modelo é detalhado na **Figura 6**.

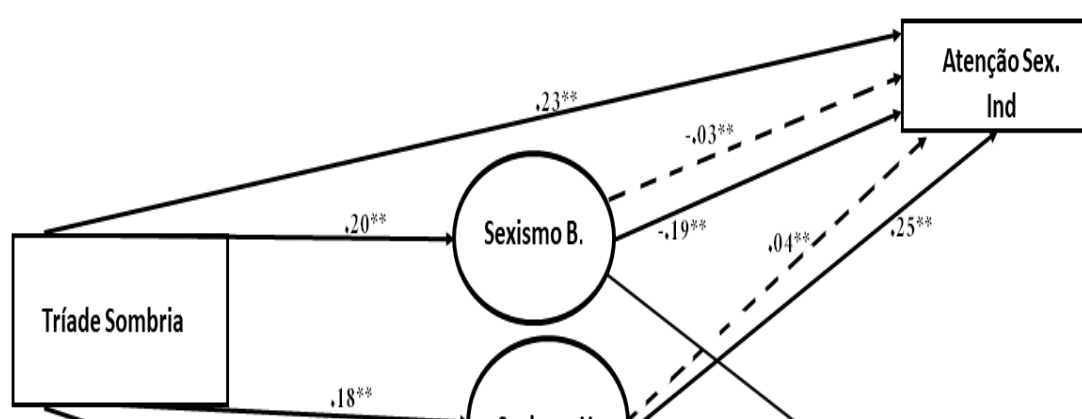


Figura 7. *Sexismo ambivalente medeia a relação entre a personalidade e o ASO.*

Discussão Parcial

Os objetivos do presente estudo foram observar as relações entre o ASO, personalidade e sexismo ambivalente e testar o papel mediador do sexismo em uma amostra nacional. Em síntese, os resultados demonstraram que estes construtos possuem relação entre si, a exceção da atenção sexual indesejada e sexismo hostil e que, o sexismo ambivalente mediou a relação entre a personalidade e ASO, corroborando a hipótese 1.

Considerando o sexismo ambivalente (benévolo e hostil), os resultados similares são encontrados ao que se tem encontrado na literatura. No estudo de Tang et al. (2019) a relação com o assédio sexual em jogos online foi de $r = 0,50$ ($p < 0,01$). Este campo aparenta ser um campo fértil para crenças sexistas, pois, no estudo experimental de Burnay et al. (2019) o sexismo hostil teve uma relação positiva significativa com o assédio sexual ($r = 0,19$). Esta constatação corroborada em outros estudos que concluíram que sexismo pode influenciar o assédio sexual (Fox & Tang, 2014; Yao et al., 2010).

Acerca da personalidade (*e.g.*, narcisismo, Maquiavelismo e psicopatia) estes traços partilham a natureza comum de serem socialmente aversivos, daí a designação de “sombrios”.

Embora tenham tido origem na psicologia clínica, estes traços podem ser encontrados em menor grau entre indivíduos normais e funcionais (Paulhus & Williams, 2002). No estudo de Tang et al. (2019) o Maquiavelismo e a psicopatia previram maior perpetração de assédio sexual. Considerando que estes traços de personalidade envolvem exploração, insensibilidade e falta de empatia, é razoável sugerir que os indivíduos com essas características procurarão oportunidades de exploração sexual no ambiente online.

Com relação ao papel do sexismo ambivalente na relação entre a personalidade e ASO, foi possível observar efeitos diretos e indiretos do sexismo ambivalente na atenção sexual indesejada e no assédio de gênero. Para Sublette e Mullan (2012), em certos ambientes é esperado que o sexismo hostil seja mais determinante e saliente do que o sexismo benevolente. Contudo, nossos resultados mostraram que o sexismo benevolente mediou, de forma significativa e negativa, a relação entre personalidade e atenção sexual indesejada ($\lambda = -0,03, p < 0,01$). Uma possível explicação se centra no fato do sexismo benévolo não ser flagrante, ele é reconhecido como uma postura de cuidado, pois, se entende a mulher como um ser frágil e delicado, mas há a desvalorização das capacidades e habilidades das mulheres (Glick & Fiske, 1996).

Por outro lado, o sexismo hostil mediou, de forma significativa e positiva, a relação entre personalidade e atenção sexual indesejada ($\lambda = 0,04, p < 0,01$). No estudo de Tang e Fox (2016) e Tang et al. (2019) os níveis mais elevados de sexismo hostil predisseram a perpetração de assédio sexual em jogos online. Já na pesquisa de Rodriguez-Castro et al. (2021) o sexismo hostil é um fator que prevê o abuso digital nos encontros.

Por fim, quando testado o papel mediador do sexismo hostil na relação entre personalidade e assédio de gênero, a mediação obteve efeitos indiretos positivos ($\lambda = 0,03, p < 0,05$), pois, o sexismo hostil é referido como a rejeição de mulheres que desafiam os papéis tradicionais de gênero (Hill & Marshall, 2018). Na pesquisa de Seo et al. (2022) o sexismo

hostil foi positivamente associado a atitudes sexistas no ambiente online ($\beta = 0,259$, $p < 0,001$), além disso, resultados mostraram que o assédio em jogos online foi indiretamente influenciado pelo sexismo hostil ($\beta = 0,026$; $p < 0,05$).

Desta forma, quando considerados os pressupostos do GAM e especificamente os fatores causais distais, que são relativamente estáveis e de longo prazo, nota-se por meio dos modificadores ambientais, aqui representadas pelas crenças sexistas, um papel crucial na compreensão da personalidade (tríade sombria) dos sujeitos. Os modificadores ambientais sustentam e moldam sua estrutura, além de afetar características pessoais futuras já integradas ao componente proximal (Allen & Anderson, 2017; Anderson & Bushman, 2018). Por fim, considerando os tipos de fatores causais distais e seus impactos na personalidade, podem levar a mudanças persistentes na tendência a comportamentos agressivos (Allen et al., 2018; Anderson & Bushman, 2018).

Embora a pesquisa traga evidentes contribuições, ela não está isenta de limitações. A primeira se trata do ambiente online, pois, sabe-se que, majoritariamente, pesquisas que investigaram sujeitos que apresentaram este comportamento se deu no espaço de jogos online, assim, uma sugestão seria expandir a investigação para outros contextos (*e.g.*, *Instagram*, *WhatsApp*). A segunda recai sobre o delineamento do estudo ser descritivo correlacional, assim, não podemos inferir explicações de causalidade, tal limitação pode ser superada com futuros estudos explorando outros delineamentos, como, por exemplo, pesquisas experimentais.

Capítulo 5:

Estudo 4. Os impactos da exposição à conteúdo de assédio online no comportamento: o papel mediador dos afetos positivos e negativos

Por fim, buscando suprir a lacuna apresentada no estudo anterior, propomos o quarto e último estudo da presente tese que tem como objetivo testar experimentalmente os possíveis

efeitos da exposição a conteúdos de assédio sexual online, analisando seu impacto a curto prazo e as consequências desse comportamento. A exposição a esse tipo de conteúdo é tratada como variável independente, enquanto o compartilhamento dessa mídia constitui a variável dependente. Além disso, foram explorados como a personalidade e os afetos positivos e negativos influenciam esse processo. No experimento de Santos (2022) a variável manipulada foi o conteúdo antissocial e os resultados indicaram que os sujeitos expostos a esta mídia compartilharam conteúdos similares de forma significativamente maior que aqueles no grupo controle. Portanto, reforça-se novamente a importância da mídia na probabilidade de disseminação de comportamentos prejudiciais (Blankenship et al., 2019; Bushman & Huesmann, 2006; Medeiros et al., 2020).

Além disso, com base nos resultados do estudo anterior, foi demonstrado que os impactos distais (a longo prazo) da exposição a conteúdo sexual online no comportamento estão relacionados por meio de uma correlação positiva entre as variáveis (H1e H2). Essa exposição também pode aumentar a probabilidade da experiência de estados emocionais negativos (Bushman & Huesmann, 2006). Por fim, pesquisas que examinam o ciclo proximal do GAM sugerem que a personalidade afeta o comportamento por meio de rotas relacionadas ao estado interno atual, com os afetos positivos e negativos desempenhando um papel nesse processo (Allen et al., 2018; Santos, 2022). Desta forma, propomos as seguintes hipóteses: os participantes do grupo experimental vão apresentar escores significativamente mais altos de afetos negativos (H3) e menos em afetos positivos (H4), além disso, o papel preditor da personalidade no compartilhamento de conteúdo de ASO (H5) e, por fim, que os participantes expostos ao conteúdo contendo ASO irão compartilhar mais postagens de ASO quando comparados ao grupo controle (H6).

Participantes

Contou-se com 208 sujeitos, divididos igualmente em dois grupos (experimental e controle), em uma amostra não probabilística e por conveniência. Os participantes possuíam idades entre 18 e 64 anos ($M = 30,1$; $DP = 10,88$; $EP = 0,75$). A amostra foi composta, em sua maioria, por indivíduos da região Nordeste (65,9%), sexo feminino (69,7%), solteiros (41,3%) e heterossexuais (66,3%). Por fim, se caracterizavam como classe média (58,2%), com ensino superior incompleto (46,2%). A amostra utilizada atende às recomendações de Kim et al. (2020) para pesquisas sobre os impactos da mídia agressiva, que indicam que cada condição deve ter, no mínimo, 100 participantes.

Instrumentos

Escala de Afetos Positivos e Negativos (anexo 5). Criada por Watson et al. (1988), sua versão de 20 itens foi validada por Gouveia et al., (2019), trata-se de uma medida composta por 20 itens que trazem diferentes adjetivos (*e.g.*, “Feliz”, “Frustrado”) e pode ser respondida numa escala Likert de 5 pontos variando de 1= Nem um pouco a 5 = Extremamente.

Tríade Sombria da Personalidade (anexo 3). Desenvolvida por Jonason e Webster (2010) e validada para o Brasil por Gouveia et al. (2016), a medida é formada por 12 itens igualmente distribuídos em três traços: Maquiavelismo (*e.g.*, costume bajular as pessoas para conseguir o que quero), narcisismo (*e.g.*, eu tendo a buscar prestígio ou status) e psicopatia (*e.g.*, eu tendo a ter falta de remorso). Pode ser respondido em escala Likert variando de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

Questionário sociodemográfico. Caracterização da amostra (*e.g.*, idade, estado civil).

Procedimentos

O estudo foi realizado utilizando formulários online, sendo um para o grupo experimental e outro para o grupo de controle. As versões dos formulários eram idênticas,

exceto pela manipulação da variável independente. Para a distribuição dos participantes, foi utilizada a ferramenta online *Allocate*, que realiza o redirecionamento aleatório para uma das versões do questionário. A ferramenta gera um link compartilhável que encaminha os participantes para uma das versões de forma randômica. O questionário foi adaptado para simular uma rede social chamada “*Secret Friends*” (Santos et al., 2023b), cuja proposta era o compartilhamento de conteúdo e interação entre os usuários, mantendo total confidencialidade sobre suas identidades. De acordo com procedimento de Santos et al. (2023b) o participante foi informado de que faria parte de uma simulação dessa rede social, na qual, inicialmente, receberia conteúdo de outros usuários.

Após visualizar dez conteúdos no “Feed” (**Figuras 8 e 9**), com a opção de curtir e comentar as postagens, o participante podia selecionar, a partir de uma lista com dez conteúdos (sendo sete agressivos e três neutros), aqueles que gostaria de compartilhar com futuros participantes do experimento (resposta comportamental mensurada). As escolhas dos participantes foram pontuadas, sendo que, quanto mais conteúdos agressivos o sujeito optasse por compartilhar, maior seria sua pontuação final. Após essa fase, o participante preenchia as escalas e o questionário sociodemográfico, seguido de um *debriefing*, no qual eram fornecidas informações sobre o objetivo do estudo, os contatos dos pesquisadores responsáveis e a possibilidade de abandonar a pesquisa caso desejasse.

O conteúdo do “Feed” da condição experimental e da atividade de compartilhamento foi desenvolvido com base nos itens da Escala de Assédio Sexual Online (adaptada nos estudos anteriores). Esses conteúdos foram avaliados por 13 psicólogos (9 mulheres e 4 homens, média de idade = 27,46 anos) que deveriam indicar quais representavam mais adequadamente a definição de conteúdo sexual online. Todas as imagens utilizadas foram retiradas de bancos gratuitos com licença para uso não-comercial ou de domínio público.

Foram seguidas as recomendações éticas da Resolução 510/16 para pesquisa com seres humanos.

 @gg10: alguém sabe onde encontrar as fotos? 	COMENTÁRIOS  cara1: eu tbm quero!!  h2m: fala no pv @cara1  A9x: caiu na rede é peixe haha  lol: p mim tbm
--	--

Figura 8. Trecho do Estímulo do Grupo Experimental.

 @gg10: essa gatinha procura um lar 	COMENTÁRIOS  cara1: vamos ajudar pessoaaal  h2m: vou compartilhar!!  A9x: eu quero  @gg10: fala comigo no pv @A9x
--	---

Figura 9. Trecho do Estímulo do Grupo Controle.

Análise de dados

Através do *Software Statistical Package for Social Sciences* (SPSS - versão 21), foram realizadas análises descritivas (para caracterizar a amostra) e uma MANOVA (objetivando analisar se houve diferença significativa entre as condições). Por fim, utilizou-se o software Jasp (Jasp team, 2022) para realizar a Modelagem por Equações Estruturais (SEM) para testar o modelo explicativo proposto. O estimador ULS foi aplicado e os mesmos índices de ajuste trazidos no estudo anterior.

Resultados

Checagem de Manipulação

Nesta primeira análise, essencial para estudos experimentais, observou-se que o grupo experimental considerou os estímulos apresentados significativamente mais agressivos que o grupo controle ($t = -28,96$; $p < 0,01$; $gl = 206$).

MANOVA e ANOVA

Inicialmente, procedemos uma MANOVA para observar a diferença entre os grupos (controle e experimental) para afetos positivos, negativos e o compartilhamento de conteúdo de assédio sexual. Os resultados indicaram efeitos multivariados e uma diferença significativa: Λ de Wilks = 0,837; $F [3,204] = 13,27$; $p = 0,001$; $\eta^2 = 0,163$). A seguir, com o intuito de observar a diferença em cada variável de forma separada, conduzimos uma ANOVA. Observou-se efeitos univariados para afetos positivos ($F [1, 14,43] = 12,65$, $p = 0,001$; $\eta^2 = 0,065$), negativos ($F [1, 20,60] = 12,01$, $p = 0,001$; $\eta^2 = 0,09$), contudo, no comportamento de compartilhar ($F [1,55] = 0,69$; $p = 0,45$; $\eta^2 = 0,003$) os efeitos não foram significativos. Além disso, os participantes do grupo experimental experienciaram mais afetos negativos ($M = 1,94$; $DP = 0,86$), menos afetos positivos ($M = 1,87$; $DP = 0,90$) e maior

probabilidade de compartilhar o conteúdo de ASO ($M = 0,54$; $DP = 1,28$), como pode-se observar na **Figura 10** abaixo.

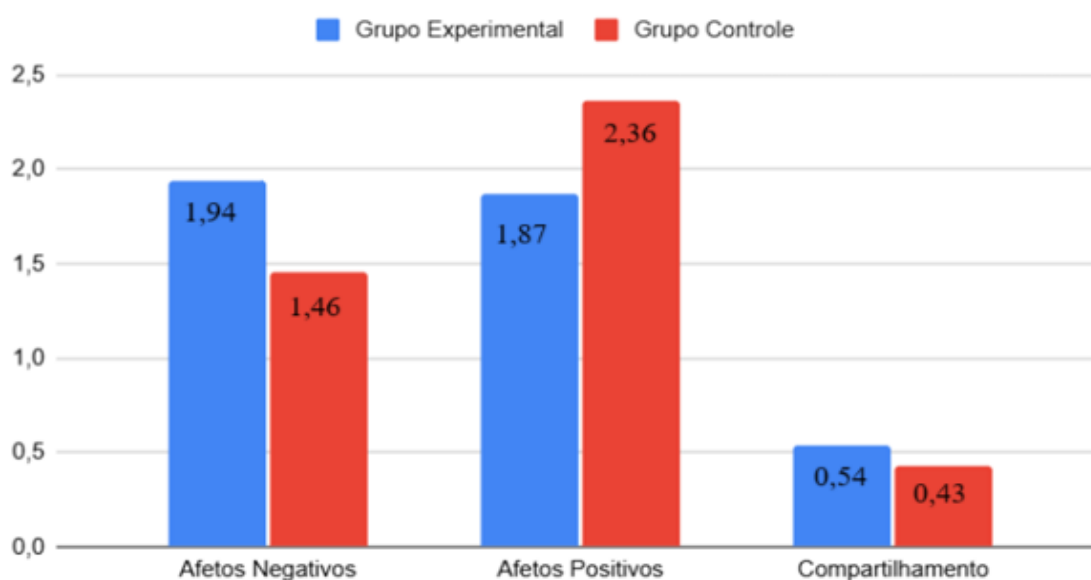


Figura 10. *Médias dos Grupos*

Modelagem por Equações Estruturais

Com base nos resultados anterior, inicialmente, testados os afetos positivos e negativos como mediadores, na relação entre consumir mídias contendo assédio sexual e o compartilhamento deste tipo de conteúdo. Este modelo apresentou os seguintes índices de ajustes: $GFI = 0,95$; $CFI = 0,94$; $TLI = 0,93$; $RMSEA = 0,12$ (IC de 90% entre 0,13-0,12); e $SRMR = 0,11$. Considerando a possibilidade e alcançar índices de ajustes mais adequados, propomos o modelo com apenas os afetos negativos como mediadores da relação entre consumir mídias contendo assédio sexual e o compartilhamento de conteúdo. Este segundo modelo se mostrou mais adequado: $GFI = 0,98$; $CFI = 0,98$; $TLI = 0,97$; $RMSEA = 0,08$ (IC de 90% entre 0,09-0,06); e $SRMR = 0,09$. Primeiramente, os resultados indicaram efeitos do grupo nos afetos negativos ($\lambda = 0,34$; $p < 0,0001$) e o impacto dos afetos no compartilhamento

de conteúdo ($\lambda = 0,15$; $p = 0,008$), por outro lado, os efeitos diretos do grupo no compartilhar não foi significativo. Já os efeitos indiretos dos afetos negativos no compartilhamento ($\lambda = 0,05$; $p = 0,016$). O modelo detalhado pode ser observado na **Figura 11**. Por fim, destaca-se que o construto da personalidade foi testado a partir de duas perspectivas: os traços separadamente e enquanto unidade total. Ainda assim, a personalidade sombria não predisse os afetos positivos e negativos, ou seja, os traços: narcisismo, Maquiavelismo e psicopatia não impactam o comportamento através das rotas afetivas do estado interno atual do sujeito.

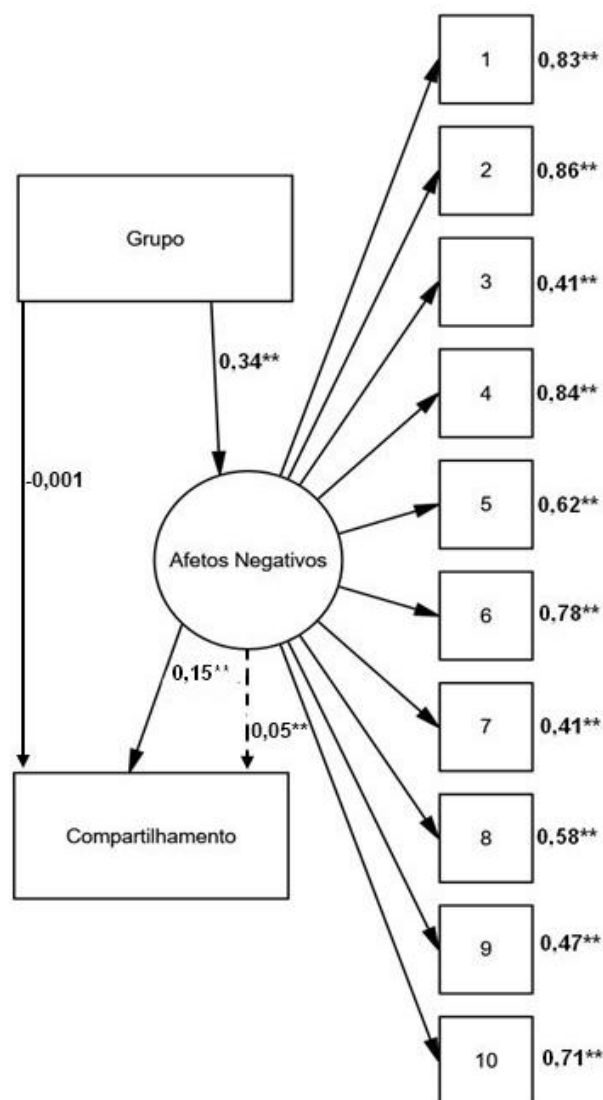


Figura 11. SEM do Modelo Explicativo do Compartilhamento de Conteúdo de ASO

Discussão Parcial

O objetivo deste estudo foi analisar o impacto da exposição a mídias de ASO no compartilhamento deste tipo de conteúdo, bem como investigar o papel dos afetos positivos e negativos. Em resumo, a hipótese principal (H6) do estudo foi corroborada, uma vez que os participantes expostos a conteúdo de ASO compartilharam materiais semelhantes de maneira mais frequente do que os do grupo controle, porém, os efeitos univariados não foram significativos. Isso reforça, mais uma vez, o impacto da mídia na probabilidade de perpetuação de comportamentos danosos (Blankenship et al., 2019; Bushman & Huesmann, 2006; Medeiros et al., 2020).

A partir dos processos proximais do GAM pode-se observar como as entradas individuais e situacionais, juntamente com as rotas afetivas, influenciam o comportamento de compartilhar esse tipo de conteúdo, a partir de efeitos diretos e indiretos no comportamento atual. Destaca-se também o mecanismo de retroalimentação, no qual mídias agressivas são frequentemente consumidas e compartilhadas por usuários das redes sociais e da internet. Cada vez que um conteúdo agressivo é compartilhado, ele se torna um novo estímulo prejudicial disponível no ambiente digital (Santos et al., 2023b).

A exposição constante a conteúdos agressivos pode gerar um ciclo contínuo de escolhas por comportamentos prejudiciais. Konrath et al., (2010) reforçam a gravidade da questão, argumentando que a alta disponibilidade de conteúdo violento nas mídias sociais pode levar à dessensibilização da violência, impedindo processo de raciocínio moral que poderia inibir agressões inadequadas ou estimular comportamentos de ajuda (Mariano, 2020;

Funk et al., 2004). A dessensibilização à violência pode contribuir para o aumento de comportamentos agressivos, como o bullying, e para a dificuldade em perceber a verdadeira condição das vítimas, resultando na incapacidade de oferecer auxílio a quem realmente precisa (Brockmyer, 2013).

Com relação aos afetos, observou-se que os negativos foram maiores no grupo experimental e os positivos foram menores (H3 e H4), contudo, apenas os afetos negativos mediarão a relação entre a exposição e o comportamento de compartilhar. A literatura aponta que em um espaço online (*e.g.*, fóruns) as mensagens de discordância publicadas por diferentes grupos podem despertar o afeto negativo (*e.g.*, raiva) dos usuários e a posterior agressão verbal online (Johnson et al., 2009). Por outro lado, os resultados do estudo de Chiang et al. (2012) indicaram que os afetos negativos despertados após a exposição a mensagens agressivas são limitados, contudo, os usuários com alta distorção cognitiva se comportaram de forma agressiva e o afeto negativo foi despertado sem ler as mensagens. Pesquisas mostram a relação dos afetos negativos com diversos comportamentos online, como por exemplo, seu papel mediador na relação entre o transtorno de jogos na internet e a depressão (Celik et al., 2022).

Já em relação a personalidade, a hipótese de este construto seria um preditor do comportamento de compartilhamento de conteúdo de ASO (H5) não foi corroborada, visto os resultados encontrados. No entanto, o construto da personalidade nesse tipo de contexto não deve ser negligenciado, uma possibilidade é a investigação da personalidade a partir de outros traços, como por exemplo, os cinco grandes fatores de personalidade. A literatura aponta para resultados consistentes sobre a relação entre a personalidade e os afetos (McNiel & Fleenor, 2006; Santos et al., 2021; Letzring & Adamcik, 2015; Mitte & Kämpfe, 2008).

Por fim, considerando os pressupostos do GAM, os resultados obtidos, embora estejam em conformidade com a literatura existente, contribuem para o aprofundamento do

entendimento do fenômeno ao investigar o papel dos afetos negativos nessa relação, ao integrá-los no ciclo proximal do modelo (Anderson & Bushman, 2018). Ademais, o presente estudo amplia as informações existentes ao indicar que experimentar sentimentos negativos no momento atual pode elevar a probabilidade de uma pessoa compartilhar conteúdo agressivo. Isso sugere que, em contextos onde há uma menor percepção de consequências para as ações, como pode ocorrer em plataformas digitais, o comportamento de disseminação de conteúdo agressivo se torna mais provável. Essa dinâmica, portanto, abre a possibilidade de novas investigações sobre como o ambiente virtual, caracterizado pela relativa ausência de punições imediatas, pode influenciar o comportamento dos indivíduos, o que poderia ser explorado de maneira mais aprofundada em estudos futuros.

A partir dos resultados observados no experimento, e em conjunto com os estudos anteriores realizados na pesquisa, é possível apresentar algumas informações sobre os processos distais e proximais que influenciam o comportamento de ASO. A seguir, será apresentada a discussão geral da tese.

Capítulo 6:

Discussão Geral da Tese

O objetivo principal da presente tese foi investigar e analisar o fenômeno do ASO tomando como referência o GAM. Este objetivo foi alcançado através de um programa de estudos, que consistiu em quatro pesquisas, nas quais foi possível explorar este construto de maneira teórica, correlacional e experimental. Em resumo, no Estudo 1, realizou-se uma revisão de escopo da literatura recente, na qual o estado da arte do tema foi examinado e direcionou os estudos seguintes da tese. A partir dos resultados encontrados, propomos no Estudo 2 a adaptação e validação da *Escala de Assédio Sexual Online* (Buchanan & Mahoney, 2021). No Estudo 3 foi possível identificar as relações entre ASO, personalidade e sexismo

ambivalente e o sexismo ambivalente como mediador aplicando os pressupostos do GAM para compreensão dos resultados. Por fim, no Estudo 4 testou-se um modelo de exposição a conteúdos de assédio online por meio de um experimento online. A seguir, discutiremos detalhadamente as descobertas e as suas implicações para questões relevantes, focando nos principais resultados, nas novas informações obtidas e na relação desses achados com diversas questões teóricas.

Resultados Principais

Inicialmente, partimos de um estudo de revisão para nos situar quanto às pesquisas sobre nosso fenômeno de interesse, além de explorar e sistematizar as produções acerca do construto. Nossos resultados apontaram que, majoritariamente, as pesquisas no cenário internacional têm investigado a vitimização por ASO em crianças e adolescentes, o que pode ser explicado pela preocupação com o intenso consumo pela população de adolescentes/jovens que, são as faixas etárias que mais acessam a internet (Ferreira et al., 2020). Contudo, poucos estudos continuam investigando este comportamento na população adulta e nem na perpetração deste. Ainda, de acordo com os estudos analisados o ASO é uma prática contínua que se inicia na infância e se estende até a fase adulta da vida (Salerno – Ferraro et al., 2022), sendo possível encontrar na literatura inúmeros estudos abordando a vitimização por ASO em crianças e adolescentes. Mas, a investigação em adultos não recebe a mesma atenção, menos ainda são os estudos sobre os agressores (Powell & Henry, 2016).

Considerando que a prática de ASO é comum tanto em contextos offline quanto online (Henry & Powell, 2016; Pina et al., 2009), é fundamental ampliar as pesquisas além das vítimas, explorando os processos subjacentes a esse comportamento nos agressores. Isso se justifica pela escassez de investigações sobre os agentes responsáveis, à exceção de dois estudos no campo dos videogames. A literatura carece de informações sobre os mecanismos

psicológicos envolvidos nesse comportamento, bem como sobre como e por que ele se perpetua. Além disso, não foram encontrados estudos específicos no contexto brasileiro, o que limita a possibilidade de generalização dos resultados para essa realidade.

Os achados anteriores nortearam a confecção dos próximos estudos. Por conseguinte, propomos a adaptação e validação da *Escala de Assédio Sexual Online* (Buchanan & Mahoney, 2021), para investigar este comportamento em brasileiros. É proposta uma ferramenta, com parâmetros válidos e fidedignos, que pode auxiliar na compreensão do ASO, que apesar de pouco discutida cresce a cada dia no espaço online. Este estudo, dividido em três partes, nos forneceu um instrumento fixado em dois fatores: atenção sexual indesejada e assédio de gênero que se ajusta ao modelo teórico proposto.

No que diz respeito às correlações encontradas, o fator da atenção sexual indesejada se relacionou com o comportamento antissocial sexual online ($r = 0,54$, $p < 0,01$). Este último se manifesta através de práticas desviantes e prejudiciais de cunho sexual, que ocorrem no ambiente virtual (Moor & Anderson, 2019). No entanto, o fator relacionado ao assédio de gênero não revelou correlações significativas com a atenção indesejada ou com comportamentos antissociais de natureza sexual. Uma possível explicação seria o fato de que as questões de gênero, como desigualdades e violências, estão profundamente enraizadas e muitas vezes vistas como 'naturais' em nossa sociedade. O que torna menos evidentes em comparação com os comportamentos de atenção indesejada ou com o assédio sexual online. Essa naturalização se ampara em crenças, atitudes e comportamentos normalizados, nos quais estereótipos de gênero associam comportamentos masculinos (*e.g.*, viris, competitivos) e comportamentos femininos (*e.g.*, receptivas, amorosas) (Glick & Fiske, 1996, 2011).

Desta forma, considerando os achados acima e a fim de explorar outros processos psicossociais envolvidos neste tipo de comportamento (*e.g.*, personalidade ou papéis de gênero), procedemos com o Estudo 3. Neste são exploradas as relações entre ASO,

personalidade e sexismo ambivalente e o papel do sexismo ambivalente como mediador, ainda, aplicou-se os pressupostos do GAM para compreensão dos resultados. Nossos achados confirmam as hipóteses 1 e 2, onde as estruturas de conhecimento (sexismo ambivalente e personalidade) se relacionaram com o ASO, a exceção da atenção sexual indesejada e sexismo hostil, e o sexismo ambivalente mediou a relação entre a personalidade e o ASO.

A personalidade foi avaliada de maneira global, com base na tríade sombria (narcisismo, Maquiavelismo e psicopatia), uma abordagem que demonstrou melhores associações, como, por exemplo, com o sexismo ambivalente. Dessa forma, indivíduos com altas pontuações na tríade sombria também apresentaram elevados índices de sexismo hostil e benevolente (Navas et al., 2020). Esses achados são apoiados pela literatura atual, especialmente ao considerarmos o comportamento antissocial online (ASO), pois a tríade sombria se relaciona com várias formas de comportamento antissocial online, incluindo o assédio sexual (Santos & Pimentel, 2024). Além disso, os traços de Maquiavelismo e psicopatia foram indicadores de maior propensão à perpetuação de assédio sexual (Tang et al., 2019).

Considerando a hipótese 2 do estudo, o papel mediador do sexismo ambivalente na relação entre a personalidade e ASO, foi possível observar efeitos diretos e indiretos na atenção sexual indesejada e no assédio de gênero. De acordo com Sublette e Mullan (2012), em determinados contextos, espera-se que o sexismo hostil seja mais determinante e evidente do que o sexismo benevolente. No entanto, nossos resultados indicaram que o sexismo benevolente teve um papel significativo e negativo ao mediar a relação entre a personalidade e a atenção sexual indesejada ($\lambda = -0,03$, $p < 0,01$). Uma possível explicação para esse achado reside no fato de que o sexismo benevolente não se manifesta de maneira explícita.

O sexismo hostil teve uma influência positiva na relação entre personalidade e atenção sexual indesejada ($\lambda = 0,04$, $p < 0,01$), confirmando estudos anteriores que associam esse tipo

de sexismo à perpetuação do assédio sexual em jogos online. Além disso, o sexismo hostil também afetou de forma indireta a relação entre personalidade e assédio de gênero ($\lambda = 0,03$, $p < 0,05$), sendo relacionado à rejeição de mulheres que desafiam os papéis tradicionais de gênero. A pesquisa de Seo et al. (2022) corroborou esses achados, identificando associações entre sexismo hostil e atitudes sexistas no ambiente online, além de sua influência no assédio em jogos online.

Neste estudo os pressupostos dos fatores causais distais do GAM são aplicados, já que são relativamente estáveis e de longo prazo, e são subdivididos em modificadores biológicos e ambientais. Considerando que os modificadores ambientais (*e.g.*, crenças sexistas), impactam a personalidade e, conseqüentemente, uma probabilidade maior ou menor de agir. Desta forma, foi possível apresentar achados importantes para compreensão da relação da personalidade (tríade sombria) e o ASO, pois, os tipos de fatores causais distais e seus impactos na personalidade podem causar mudanças persistentes na tendência a comportamentos agressivos (Allen et al., 2018; Anderson & Bushamn, 2018).

Embora os resultados sejam relevantes para entender o fenômeno, possuem caráter descritivo e correlacional, o que significa que não é possível inferir explicações causais a partir desses dados. Para superarmos essa limitação e avançar na compreensão do fenômeno, propomos o quarto estudo com o objetivo de testar experimentalmente os possíveis efeitos da exposição a conteúdos de assédio sexual online, analisando seu impacto a curto prazo e as consequências desse comportamento. Além disso, buscou-se explorar como a personalidade e os afetos positivos e negativos influenciam esse processo

Inicialmente, os resultados apresentados indicam que a hipótese principal (H6) do estudo foi corroborada, uma vez que os participantes expostos a conteúdo de ASO compartilharam materiais semelhantes de maneira mais frequente do que os do grupo controle. Isso reforça, mais uma vez, o impacto da mídia na probabilidade de perpetuação de

comportamentos danosos (Blankenship et al., 2019; Bushman & Huesmann, 2006; Medeiros et al., 2020). Os achados reportados apontam que os participantes do grupo experimental experienciaram mais afetos negativos e menos afetos positivos quando comparados ao grupo controle, o que corrobora as hipóteses 3 e 4 da presente tese. Ainda, foram encontrados efeitos do grupo nos afetos negativos ($\lambda = 0,34$; $p < 0,0001$) e efeitos indiretos dos afetos negativos no compartilhamento de conteúdo ($\lambda = 0,15$; $p = 0,008$), por outro lado, os efeitos diretos do grupo no compartilhar não foi significativo.

Finalmente, destaca-se que personalidade não predisse comportamento de compartilhamento de conteúdo de ASO ou os afetos positivos e negativos, desta forma, a quinta hipótese não foi corroborada. Entretanto, os traços de personalidade nesse contexto não podem ser ignorados. Uma abordagem alternativa seria investigar a personalidade com base em outros aspectos, como os cinco grandes fatores de personalidade. A literatura oferece resultados consistentes sobre a relação entre personalidade e afetos.

Por fim, adotando os pressupostos do GAM na ótica de análise dos resultados foi possível observar os processos proximais (Ver **Figura 2**), que buscam compreender episódios individuais de comportamento agressivo (no presente estudo seria o comportamento de compartilhar mídias de ASO). As três etapas desse processo são compostas pelas: entradas, rotas e resultados. As entradas podem ser agrupadas em duas categorias: pessoais, que se referem a fatores relativamente estáveis do indivíduo durante uma interação, como características biológicas e de personalidade, e situacionais, que envolvem modificadores ambientais imediatos, no caso do nosso estudo seria a mídia consumida no momento (Allen et al., 2018; Blankenship et al., 2019; Prot et al., 2015).

Seguindo o modelo, temos as variáveis pessoais e situacionais as quais podem, em conjunto, aumentar ou diminuir a probabilidade de comportamento agressivo por meio de três rotas inter-relacionadas, que compõem o estado interno do indivíduo: os afetos (*e.g.*, raiva), as

cognições (a ativação e acessibilidade de scripts cognitivos) e a excitação (a reatividade física e psicológica) (Blankenship et al., 2019; Parrott, 2008). No presente estudo, o foco reside na rota dos afetos, investigando os afetos positivos e negativos. Por fim, o impacto das variáveis das entradas no estado interno do indivíduo afeta, assim, os processos de avaliação e decisão, que no nosso caso seria o comportamento de compartilhar dentre as opções disponíveis as postagens com conteúdo de ASO. Visto que esses processos de resultados envolvem a decisão propriamente dita, na qual o sujeito avalia a situação atual e determina qual ação tomar (Allen et al., 2018; Barlett & Anderson, 2011).

Implicações Teóricas e Práticas

A presente tese buscou, de forma geral, explorar e explicar o fenômeno do assédio sexual online a partir dos pressupostos do GAM. Os resultados desta pesquisa se destacam pela contribuição de testar experimentalmente o ciclo proximal do GAM, levando em consideração as entradas individuais e situacionais, as rotas afetivas e o comportamento de compartilhamento desse tipo de conteúdo. Acredita-se ser este o primeiro estudo a explorar esse processo no ASO com uma amostra brasileira, especialmente ao analisar os efeitos diretos e indiretos no comportamento situacional. O GAM se baseia no princípio de que as estruturas de conhecimento, influenciadas por variáveis pessoais e situacionais, podem afetar a forma como o ambiente é interpretado e, conseqüentemente, como os comportamentos são executados. É importante destacar que as conseqüências desse encontro social impactam as respostas futuras do indivíduo, reiniciando o ciclo (Blankenship et al., 2019).

Além das implicações teóricas, o presente estudo supriu lacunas na literatura. No cenário nacional, há apenas estudos de revisão da literatura (Patrocino & Bevilacqua, 2021; Souza & Lordello, 2020) que tratam do *sexting*, não do ASO. Embora ambos se manifestem no ambiente digital, eles possuem diferenças operacionais significativas. No Brasil, os

estudos sobre ASO ou comportamentos semelhantes, como *sexting*, *sextortion* e *revenge porn*, são raros e, predominantemente, abordam a vitimização do público infanto-juvenil. Com isso, nosso estudo foi além ao diversificar a amostra investigada, oferecendo contribuições para a compreensão dos processos envolvidos na manifestação e continuidade desse comportamento agressivo (Deslandes et al., 2024).

Desta forma, tratando-se de um tema de grande relevância social, se faz necessária a aplicação de medidas para combater o assédio sexual online, tanto em termos de políticas públicas quanto de intervenções educacionais e práticas. Sugerimos como primeira ação a criação de campanhas educativas e preventivas contra o ASO. Proporcionar o debate acerca desta problemática não somente nas redes sociais (lugar onde ocorre), mas também em escolas, universidades, congressos, destacando efeitos deste comportamento. Salienta-se que em nosso estudo a desejabilidade social pareceu não afetar as respostas dos participantes. Uma possível explicação está no fato dos sujeitos, e população em geral, não considerarem o ASO uma forma de agressão tanto quanto um comportamento agressivo manifestado fora do espaço online, e isso também se aplica às agressões online de forma geral.

A nível institucional é necessário a discussão de reformas nas políticas de uso das plataformas de redes sociais, como a implementação de mecanismos mais rigorosos de denúncia e punição de comportamentos abusivos. Porém, é necessário destacar que as novas normas de funcionamento do *Instagram* e *Facebook* vão no sentido contrário, já que segundo o *Meta* as plataformas vão dar total peso, ao que eles chamam de liberdade de expressão individual, e deixar de proteger outros. Além disso, as verificações de *fake news* estão sendo substituídas. A checagem independente de fatos dará lugar a avaliações feitas pela própria comunidade, onde os usuários terão a possibilidade de questionar a veracidade das publicações ou adicionar esclarecimentos em postagens que considerem incorretas, em outras

palavras, o ambiente online será um terreno ainda mais fértil para disseminação de discursos de ódio.

Limitações e Direções Futuras

Mesmo com relevantes contribuições, a presente tese não está isenta de limitações. Inicialmente, todos os estudos apresentados neste contexto adotaram amostras por conveniência (não probabilísticas). Isso implica que não são, em sua totalidade, representativas das populações de origem, o que demanda atenção e cautela ao fazer qualquer tipo de generalização. Não foi possível representar homens e mulheres de maneira equitativa, o que impede a realização de análises comparativas das médias entre os gêneros. Uma solução viável para superar essa limitação em estudos futuros seria buscar uma distribuição igualitária ou realizar um estudo exclusivo com homens, considerando que eles são, em grande parte, os principais responsáveis pelas agressões contra as mulheres e que o gênero masculino é um fator de risco para o comportamento agressivo (Smoker & March, 2017).

Uma segunda limitação a ser pontuada, no estudo experimental, refere-se à coleta online, não sendo possível garantir que os participantes realmente estiveram atentos a todos os estímulos apresentados. Ainda, não se pode assegurar que o ambiente em que estavam era adequado (*e.g.*, se havia ruídos externos ou problemas com a conexão à internet), nem se os estímulos apresentados em *smartphones* eram de fácil visualização. Embora os testes tenham sido realizados previamente, para algumas pessoas isso poderia ser um obstáculo. Contudo, pontuamos as vantagens dos experimentos online, pois eles permitem o acesso a amostras mais representativas da população que utiliza a internet, o que é um aspecto crucial em um estudo que investiga o comportamento online (Palan & Schitter, 2018; Zaadnoordijk & Cusack, 2022).

Por fim, a última limitação reside na generalização dos ambientes digitais. Destaque-se que não se realizou uma análise aprofundada dos mecanismos oferecidos por diferentes plataformas digitais (*e.g.*, *Twitter*, *Facebook* ou *Instagram*) ou mesmo a comparação da ocorrência do comportamento em cada rede específica. É importante destacar que as práticas de moderação e os aspectos de anonimato são diferentes em cada uma dessas plataformas, assim, como o perfil do público que as utilizam (Pimentel et al., 2016; Pessoa et al., 2021).

Assim, pesquisas futuras poderiam replicar os resultados aqui encontrados, mas não somente isso: é necessário avançar nas análises, estímulos e diversificação de cenários. Ainda que pesquisas experimentais não apreendam completamente toda a essência e complexidade contextual do mundo real, ainda mais de uma problemática tão enraizada em nossa sociedade, tais achados podem nortear práticas de prevenção e combate ao ASO. Como por exemplo, estudos que explorem outros fatores que contribuem para a perpetração do ASO (*e.g.*, atitudes, personalidade, a partir dos cinco grandes fatores).

Ademais, deve-se investigar como fatores como anonimato e invisibilidade podem influenciar os usuários, proporcionando-lhes uma sensação de liberdade e desinibição para expressar opiniões hostis ou se envolver em comportamentos desviantes (Barak, 2005; Hill & Kears, 2011; Suler, 2004). Por fim, considerando que o GAM se provou um sólido aporte teórico para compreensão do fenômeno, sugerimos a adoção do modelo para explicar processos e mecanismos subjacentes envolvidos na problemática, pois, são esses princípios que se deseja generalizar (Anderson & Bushman, 1997).

Considerações Finais

Os resultados mostram que esta forma de violência é, relativamente, nova e complexa, assim como os fenômenos ligados ao espaço virtual, já que se modificam à medida que avanços tecnológicos são alcançados. As consequências deste novo cenário se traduzem em

demandas teóricas, metodológicas e sociais, frutos da constante expansão da tecnologia da informação e meios de comunicação. Tais demandas, como a falta de leis específicas para os casos de o ASO, mesmo que não seja uma novidade que ele aconteça, parecem contribuir para que essa prática seja cada vez mais frequente e intensa. Vale lembrar que até 2001 não existia no Brasil uma legislação específica para o crime de assédio sexual (Fuzinelli et al., 2019; Fukuda, 2012).

Por fim, quanto à pergunta realizada no título do trabalho: o lugar da mulher é realmente onde ela quiser? Nossos achados indicam que as práticas agressivas contra as mulheres no ambiente online são sustentadas por atitudes, crenças e *scripts*, já enraizados em nossa sociedade desigual. Tais comportamentos ultrapassam a capacidade de adequação do desenvolvimento jurídico, onde a falta de punição é resultado da ausência de normas que efetivamente protejam as mulheres de agressões no ambiente cibernético (Chisala-Tempelhoff & Kyria, 2016; Jesus & Milagre, 2016). Desta forma, soma-se isso às dificuldades encontradas na proteção das mulheres acerca das práticas de agressão offline à profunda lentidão do direito digital. Por fim, destaca-se que a exposição a conteúdos agressivos — especialmente aqueles direcionados às mulheres — impacta a probabilidade de o indivíduo compartilhar esse tipo de material quando mobilizado por afetos negativos. Neste cenário, a mídia está sendo utilizada como instrumento de perpetuação da violência contra esse grupo.

Referências

Agueli, B., Esposito, C., Arcidiacono, C., & Di Napoli, I. (2024). Women as bodies. The role of ambivalent sexism and sexual objectification on non-consensual sharing of sexting images. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 34(1), e2749.
<https://doi.org/10.1002/casp.2749>

- Allen, J., & Anderson, C. (2017). Aggression and Violence: Definitions and Distinctions. In P. Sturme (Ed.), *The Wiley Handbook of Violence and Aggression*, John Wiley Sons, Inc.
- Allen, J. J., Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2018). The General Aggression Model. *Current Opinion in Psychology*, 19, 75-80.
- Almeida, H. (2019). Violence sexuelle et de genre à l'université: du secret à la bataille pour la reconnaissance. *Brésil(s): Sciences Humaines et Sociales*, 16.
<https://doi.org/10.4000/bresils.5348>
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (1997). External validity of “trivial” experiments: The case of laboratory aggression. *Review of General Psychology*, 1(1), 19-41.
<https://doi.org/10.1037/1089-2680.1.1.19>
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology*, 53, 27–51.
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2018). Media Violence and the General Aggression Model. *Journal of Social Issues*, 74, 386-413. <https://doi.org/10.1111/josi.12275>
- Anunciação, L. (2018). An Overview of the History and Methodological Aspects of Psychometrics History and Methodological aspects of Psychometrics. *Journal for ReAttach Therapy and Developmental Diversities*, 1(1), 44-58.
<https://doi.org/10.26407/2018jrtd.1.6>
- Andrade, J., Laros, J., & Lima, K. (2021). Teoria de Resposta ao Item Paramétrica e não-paramétrica. Em: Faiad et al. (Orgs.), Tutoriais em Análises de Dados aplicados à Psicometria. Editora Vozes: Petrópolis, pp. 183–204
- Araujo, A., Bonfim, C., Bushatsky, M., & Furtado, B. (2022). Technology-facilitated sexual violence: a review of virtual violence against women. *Research, Society and Development*, 11 (2). <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i2.25757>

- Arkey, H., & O'malley, L. (2005). Scoping studies: towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology*, 8 (1), 19-32.
<https://doi.org/10.1080/1364557032000119616>
- Asparouhov, T., & Muthén, B. (2010). *Simple second order chi-square correction*.
https://www.statmodel.com/download/WLSMV_new_chi21.pdf.
- Bailer, C., Tomitch, L., & D'ely, R. (2011). Planejamento como processo dinâmico: a importância do estudo piloto para uma pesquisa experimental em linguística aplicada. *Revista Intercâmbio*, 24.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The essence of control*. New York: Freeman.
- Bandura, A., & Walters, R. H. (1977). *Social learning theory (vol.1)*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice hall.
- Baker, F. (2001). *The basics of item response theory*. ERIC. <http://ericae.net/irt/baker>.
- Barak, A. (2005). Sexual Harassment on the Internet. *Social Science Computer Review*, 23, (1). <https://doi.org/10.1177/0894439304271540>
- Baron, M., Broughton, D., Buttross, S., Corrigan, S., Gedissman, A., De Rivas, M... & Hogan, M. (2001). Children, adolescents, and television. *Pediatrics*, 107(2), 423 - 426.
- Bates, S. (2017). Revenge porn and mental health: A qualitative analysis of the mental health effects of revenge porn on female survivors. *Feminist Criminology*, 12 (1), 22–42.
<https://doi.org/10.1177/1557085116654565>.
- Batista, M., Marques, A., Júnior, M., Alencar, G., & Sousa, M. (2020). Tradução, adaptação transcultural e avaliação psicométrica da versão em português (brasileiro) do 14-item Health Literacy Scale. *Ciênc. saúde coletiva*, 25 (7). <https://doi.org/10.1590/1413-81232020257.22282018>
- Barlett, C. P., & Anderson, C. A. (2011). Reappraising the situation and its impact on

- aggressive behavior. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 37(12), 1564-1573.
- Benítez-Hidalgo, V., Henares-Montiel, J., Ruiz-Pérez, I., & Pastor-Moreno, G. (2024). Cyber sexual harassment against women and impact on health. A cross-sectional study in a representative population sample. *Journal of Public Health*, 46(1), 3–11.
<https://doi.org/10.1093/pubmed/fdad182>
- Berkowitz, L. (1984). Some effects of thoughts on anti and prosocial influences of media events: a cognitive neoassociation analysis. *Psychological bulletin*, 95(3), 410.
- Berkowitz, L. (1989). Frustration-aggression hypothesis: Examination and reformulation. *Psychological Bulletin*, 106, 59–73.
- Beran, T., & Li, Q. (2004). Cyber-Harassment: A Study of a New Method for an Old Behavior. *Journal of Educational Computing Research*, 32 (3).
<https://doi.org/10.2190/8YQM-B04H-PG4D-BLLH>
- Blankenship, K. L., Allen, J. J., Kane, K. A., & Anderson, C. A. (2019). The role of attitudes in violence and aggression (pp. 299-336). In D. Albarracin & B. T. Johnson(Eds.) *Handbook of Attitudes*, 2nd Edition, Volume 2: Applications. Routledge.
- Boateng, G., Neilands, T., Frongillo, E., Melgar-Quíñonez, H., & Young, S. (2018). Best Practices for Developing and Validating Scales for Health, Social, and Behavioral Research: A Primer. *Front Public Health*, 11 (6).
<https://doi.org/10.3389/fpubh.2018.00149>
- Borrajo, E., Gámex-Guadix, M., & Calvete, E. (2015). Justification beliefs of violence, myths about love and cyber dating abuse. *Psichotema*, 27(4), 327-333.
<https://doi.org/10.7334/psicothema2015.59>
- Brasil. (2001) Lei n.º 10.224, de 15 de maio de 2001. Altera o Decreto-Lei no 2.848, de 7 de

dezembro de 1940 – Código Penal, para dispor sobre o crime de assédio sexual e dá outras providências.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10224.htm>

Brasil. (2018). Lei n.º 13.718/2018, de 24 setembro de 2018 Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar os crimes de importunação sexual. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm

Branch, K., Hilinski-Rosick, C., Johnso, E., & Solano, G. (2017). Revenge porn victimization of college students in the United States: An exploratory analysis. *International Journal of Cyber Criminology*, 11, 128–142.

<https://doi.org/10.5281/zenodo.495777>.

Brehm, A. (2013). Navigating the feminine in massively multiplayer online games: Gender in World of Warcraft. *Frontiers in Psychology*, 4, 1–12.

<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2013.00903>

Bria, P., Etchezahar, E., Ungaretti, J., & Gómez Yepes, T. (2022). The dark side of sexism in Argentina: Psychometric properties of the Short Dark Triad Personality measure and its relation with ambivalent sexism. *Frontiers in Psychology*, 13, 962934.

<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.962934>

Brockmyer, J. F. (2013). Media violence, desensitization, and psychological engagement. In K. Dill (Ed.), *Handbook of media psychology* (pp. 212–22). Oxford.

Brockmyer, J. F. (2015). Playing violent video games and desensitization to violence. *Child and Adolescent Psychiatric Clinics of North America*, 24, 65–77.

Buchanan, N., & Mahoney, A. (2021). Development of a Scale Measuring Online Sexual Harassment: Examining Gender Differences and the Emotional Impact of Sexual Harassment Victimization Online. *Legal and Criminological Psychology*, 27, (1), 63–81. <https://doi.org/10.1111/lcrp.12197>.

- Burnay, J., Bushman, B., & Laroi, F. (2019). Effects of Sexualized Video Games on Online Sexual Harassment. *Aggressive Behavior*, 45 (2), 214–23.
<https://doi.org/10.1002/ab.21811>
- Bushman, B. J., & Huesmann, L. R. (2006). Short-term and long-term effects of violent media on aggression in children and adults. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 160 (4), 348-352.
- Bussey, K., & Perry, D. (1976). Sharing reinforcement contingencies with a model: A social-learning analysis of similarity effects in imitation research. *Journal of Personality and Social Psychology*, 34(6), 1168.
- Byrne, B. M. (2012). Structural equation modeling with Mplus. Routledge.
- Canhota, C. (2008). Qual a importância do estudo piloto? In: E. SILVA. (Org.). *Investigação passo a passo: perguntas e respostas para investigação clínica* (pp.69-72). APMCG,
- Cassel, J., & Cramer, M. (2008). High Tech or High Risk: Moral Panics about Girls Online. The MIT Press, 53–76. <https://doi.org/10.1162/dmal.9780262633598.053>
- Carnagey, N. L., Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2007). The effect of video game violence on physiological desensitization to real-life violence. *Journal of Experimental Social Psychology*, 43, 489–496.
- Carpenter, S. (2018). Ten Steps in Scale Development and Reporting: A Guide For Researchers. *Communication Methods and Measures*, 12 (1), 25-44.
<https://doi.org/10.1080/19312458.2017.1396583>
- Celik, N., Yesilyurt, F., & Celik, B. (2022). Internet Gaming Disorder: Life satisfaction, negative affect, basic psychological needs, and depression. *Dusunen Adam Journal of Psychiatry and Neurological Sciences*, 35(3), 181-190.
<https://doi.org/10.14744/DAJPNS.2022.00191>

- Champion, A., Oswald, F., Khera, D., & Pedersen, C. (2022). Examining the Gendered Impacts of Technology-Facilitated Sexual Violence: A Mixed Methods Approach. *Archives of Sexual Behavior*, 51. <https://doi.org/10.1007/s10508-021-02226-y>
- Chang, F., Chiu, C., Miao, N., Chen, P., Lee, C., & Chiang, J. (2014). Predictors of Unwanted Exposure to Online Pornography and Online Sexual Solicitation of Youth. *Journal of Health Psychology*, 21 (6), 1107–18. <https://doi.org/10.1177/1359105314546775>.
- Chiang, Y., Lin, S., & Liu, E. (2012). The effects of online discussion forum aggressive messages and cognitive distortion on users' negative affect and aggression. *The Turkish Online Journal of Educational Technology*, 11(2), 238-245.
- Cortina, L., & Areguin, M. (2021). Putting people down and pushing them out: Sexual harassment in the workplace. *Annual Review of Organizational Psychology and Organizational Behavior*, 8 (1), 285–309. <https://doi.org/10.1146/annurev-orgpsych-012420-055606>
- Copp, J., Mumford, E., & Taylor, B. (2021). Online Sexual Harassment and Cyberbullying in a Nationally Representative Sample of Teens: Prevalence, Predictors, and Consequences. *Journal of Adolescence*, 93(1), 202–11. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2021.10.003>
- Dahlqvist, H., & Gådin, K. (2018). Online sexual victimization in youth: predictors and cross-sectional associations with depressive symptoms. *European Journal of Public Health*, 28(6), p.1018–23. 2018. <https://doi.org/10.1093/eurpub/cky102>.
- Dahlqvist, H., Svensson, A., & Gadin, K. (2022). Co-Occurrence of Online and Offline Bullying and Sexual Harassment among Youth in Sweden: Implications for Studies on Victimization and Health, a Short Communication. *International Journal of Circumpolar Health*, 81 (1). <https://doi.org/10.1080/22423982.2022.2130362>.

- Deslandes, S., Pinto, L., Souza, E., & Flach, R. (2024). Digital abuse among dating partners: Perspectives and experiences of adolescents from two Brazilian capitals. *Ciência & Saúde Coletiva*, 29 (5). <https://doi.org/10.1590/1413-81232024295.15552022>
- DeVellis, R. F. (2017). Scale development: theory and applications. Thousand Oaks, CA: Sage
- Dias, I. (2008). Violência contra as mulheres no trabalho: o caso do assédio sexual. *Sociologia, problemas e práticas*, 57, 11-23. <https://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/10081/10088.pdf>
- Diehl, C., Rees, J., & Bohner, G. (2012). Flirting with disaster: Short-term mating orientation and hostile sexism predict different types of sexual harassment. *Aggressive Behavior*, 38, 521–531. <https://doi.org/10.1002/ab.21444>
- Diniz, M. (2017). *Mulheres como eu, mulheres como as outras: assédio moral e sexual contra mulheres na esfera do trabalho*. Editora Lumens Juris.
- Douglass, C., Wright, C., Davis, A., & Lim, M. (2018). Correlates of In-Person and Technology-Facilitated Sexual Harassment from an Online Survey among Young Australians. *Sexual Health*, 15 (4), 361. <https://doi.org/10.1071/SH17208>
- Engelhardt, C. R., Bartholow, B. D., Kerr, G. T., & Bushman, J. B. (2011). This is your brain on violent video games: Neural desensitization to violence predicts increased aggression following violent video game exposure. *Journal of Experimental Social Psychology*, 47, 1033-1036.
- Espino, E., Ortega-Rivera, J., Ojeda, M., Sánchez-Jimenez, V., & Rey, R. (2022). Violence among Adolescents: A Study of Overlapping of Bullying, Cyberbullying, Sexual Harassment, Dating Violence and Cyberdating Violence. *Child Abuse & Neglect*, 134. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2022.105921>.
- European Union Agency For Fundamental Rights. (2014). *Violence against women: an*

EU-wide survey. Main results report.

<http://fra.europa.eu/en/publication/2014/violence-against-women-eu-wide-survey-main-results-report>

Fielding-Miller, R., Shabalala, F., Masuku, S., & Raj, A. (2021). Epidemiology of campus sexual assault among university women in Eswatini. *Journal of Interpersonal Violence*, 36, (21-22), 1-26. <https://doi.org/10.1177/0886260519888208>

Fiske, S., & Taylor, S. (1991). *Social cognition* (2nd ed.). Reading, MA: Addison-Wesley.

Fitzgerald, L., Shullman, S., Bailey, N., Richards, M., Swecker, J., Gold, Y., Ormerod, M., & Weitzmen, L. (1988). The incidence and dimensions of sexual harassment in academia and the workplace. *Journal of Vocational Behavior*, 32(2), 152–175.

Formiga, N., Gouveia, V., & Santos, M. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em Estudo*, 7 (1), 103-111. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000100013>.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública - FBSP. (2023). *17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>

Fox, J., & Potocki, B. (2016). Lifetime video game consumption, interpersonal aggression, hostile sexism, and rape myth acceptance: A cultivation perspective. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(10), 1912-1931. <https://doi.org/10.1177/0886260515570747>.

Fox, J., & Tang, W. Y. (2014). Sexism in online video games: The role of conformity to masculine norms and social dominance orientation. *Computers in Human Behavior*, 33, 314–320. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.07.014>

Fukuda, R. (2012). Assédio Sexual: Uma releitura a partir das relações de gênero. *Simbiótica*,

Ufes, 1(1), 119-135. <https://doi.org/10.47456/simbitica.v1i1.4512>

- Fuzinelli, J., Garcia, L., & Caramaschi, S. (2019). Assédio Sexual: uma análise do conceito entre o público universitário feminino. *Revista educação em debate*, 41 (79), 22–34. https://www.researchgate.net/publication/351126445_assedio_sexual_uma_analise_d_o_conceito_entre_o_publico_universitario_feminino.
- Gentile, D., & Stone, W. (2005). Violent videogame effects on children and adolescents. A review of the literature. *Minerva pediatrica*, 57(6), 337-358.
- Gervais, S., Bernad, P., Klein, O., & Allen, J. (2013). Toward a unified theory of objectification and dehumanization. In S. Gervais (Org.), 60th Nebraska Symposium on Motivation (pp. 1-24). Springer
- Gerbner, G., Gross, L., Morgan, M., Signorielli, N., & Shanahan, J. (2002). Growing up with television: Cultivation processes. In *Media effects* (pp. 53 -78). Routledge.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The ambivalent sexism inventory: differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 491–512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2011). Ambivalent Sexism revisited. *Psychology of Women Quarterly*, 35(3), 530-535. <https://doi.org/10.1177/0361684311414832>.
- Gouveia, V., Monteiro, R., Gouveia, R., Athayde, R., & Cavalcanti, R. (2016). Avaliando o lado sombrio da personalidade: evidências psicométricas do Dark Triad Dirty Dozen. *Revista Interamericana de Psicologia*, 50(3), 420-432.
- Griffiths, M., & Shuckford, G. (1989). Desensitization to television violence: A new model. *New ideas in psychology*, 7(1), 85-89.
- Hair, F., Black, W., Babin, B., Anderson, R., & Tathan, R. (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman.
- Hayes, R. M., & Dragiewicz, M. (2018). Unsolicited dick pics: Erotica, exhibitionism or

- entitlement? *Women's Studies International Forum*, 71, 114-120. <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2018.07.001>
- Henry, N., & Powell, A. (2015). Embodied harms: Gender, shame, and technology-facilitated sexual violence. *Violence Against Women*, 21(6), 758–779.
<https://doi.org/10.1177/1077801215576581>
- Henry, N., & Powell, A. (2018). Technology-facilitated sexual violence: a literature review of empirical research. *Trauma Violence Abuse*, 19 (1), 195–208.
<https://doi.org/10.1177/1524838016650189>.
- Hill, C., & Kearl, H. (2011). *Crossing the line: Sexual Harassment at school*.
<https://www.aauw.org/app/uploads/2020/03/Crossing-the-Line-Sexual-Harassment-atSchool.pdf>
- Hill, S., & Marshall, T. (2018). Beliefs about sexual assault in India and Britain are explained by attitudes toward women and hostile sexism. *Sex Roles*, 79 (7-8), 421-430.
<https://doi.org/10.1007/s11199-017-0880-6>.
- Hirigoyen, M. (2008). *Assédio moral: a violência perversa do cotidiano*. Bertrand Brasil.
- Hom, M., Stanley I., Spencer-Thomas S., & Joiner T. (2017). Women firefighters and workplace harassment: Associated suicidality and mental health sequelae. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 205(12), 910–917.
- Hong, J., Kim, J., Lee, J., Saxon, S., & Thnrnberg, R. (2023). Pathways from Polyvictimization to Offline and Online Sexual Harassment Victimization Among South Korean Adolescents. *Archives of Sexual Behavior*.
<https://doi.org/10.1007/s10508-023-02569-8>.
- Howell, R. T., & Rodzon, K. S. (2011). An exploration of personality–affect relations in daily

- 80 life: Determining the support for the affect-level and affect-reactivity views. *Personality and Individual Differences*, 51(7), 797–801.
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.06.020>
- Hu, L., & Bentler, P. (1999) Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 6 (1), 1-55. <https://doi.org/10.1080/10705519909540118>
- Instituto Patrícia Galvão. (2022). *Percepções sobre controle, assédio e violência doméstica: vivências e práticas*. <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/percepcoes-sobr-aoipec-2022/>
- JASP Team. (2022). JASP (Version 0.16.2) [Computer software].
- Johnson, N. A., Cooper, R. B., & Chin, W. W. (2009). Anger and flaming in computer-mediated negotiation among strangers. *Decision Support Systems*, 46(3), 660-672. <https://doi.org/10.1016/j.dss.2008.10.008>
- Jonason, P., & Webster, G. (2010). The Dirty Dozen: A concise measure of the dark triad. *Psychological Assessment*, 22, 420-432. <https://doi.org/10.1037/a0019265>
- Jonsson, L., Fredlund, C., Priebe, G., Wadsby, M., Svedin, C. (2019). Online Sexual Abuse of Adolescents by a Perpetrator Met Online: A Cross-Sectional Study. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 13 (32). <https://doi.org/10.1186/s13034-019-0292-1>
- Kasumovic, M. M., & Kuznekoff, J. H. (2015). Insights into sexism: Male status and performance moderates female-directed hostile and amicable behaviour. *PLoS ONE*, 10. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0131613>
- Kim, E., Anderson, C., & Gentile, D. (2020). 7 deadly sins of video game violence research. Em: Strasburger (Ed.), *Masters of Media, Controversies and Solutions*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.

- Kline, R. (2015). *Principles and practice of structural equation modeling*. The Guildford Press.
- Kline, R. (2016). *Principles and practice of structural equation modeling*. Guilford Publications.
- Konrath, S. H., O'Brien, E. H., & Hsing, C. (2010). Changes in Dispositional Empathy in American College Students Over Time: A Meta-Analysis. *Personality and Social Psychology Review*, 15(2), 180–198. <https://doi.org/10.1177/1088868310377395>
- Kokkinos, C. M., & Voulgaridou, I. (2017). Relational and cyber aggression among adolescents: Personality and emotion regulation as moderators. *Computers in Human Behavior*, 68, 528–537. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.11.046>
- Kuznekoff, J. H., & Rose, L. M. (2013). Communication in multiplayer gaming: Examining player responses to gender cues. *New Media and Society*, 15, 541–556. doi: <https://doi.org/10.1177/1461444812458271>
- Letzring, T. D., & Adamcik, L. A. (2015). Personality traits and affective states: Relationships with and without affect induction. *Personality and Individual Differences*, 75, 114–120. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.11.011>
- Lim, S., & Cortina, L. (2005). Maus-tratos interpessoais no local de trabalho: a interface e o impacto da incivilidade geral e do assédio sexual. *Journal of Applied Psychology*, 90 (3), 483–496. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.90.3.483>
- Lima, D., Pimentel, C., Santos, I., & Araújo, I. (2021). Psicologia e Música: abordando letras de músicas misóginas. In C. E. Batista & E. M. Ferreira. (Eds.), *Psicologia em foco: Fundamentos, práxis e transformações* (1ª edição, pp. 117-135). Editora e-Publicar.
- Linhares, Y., & Laurenti, C. (2019). Uma análise de relatos verbais de alunas sobre situações

- de assédio sexual no contexto universitário. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 9, (2), 234-247. <https://doi.org/10.18761/PAC.2018.n2.08>
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. (2019). Robust Promin: a method for diagonally weighted factor rotation. Technical report, URV. Tarragona, Spain.
- Lynch, T., Tompkins, J., Van Driel, I., & Fritz, N. (2016). Sexy, strong, and secondary: A content analysis of female characters in video games across 31 years. *Journal of Communication*, 66. <https://doi.org/10.1111/jcom.12237>
- Mackey, A., & Gass, S. (2005). *Second language research: methodology and design*. Lawrence Erlbaum Associates
- Maito, D., Panúncio - Pinto, M., Severi, F., & Vieira, E. (2019a). A universidade como reflexo e agente transformador da sociedade: a contradição movendo a história. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 23. <https://doi.org/10.1590/Interface.190711>
- Maito, D., Panúncio - Pinto, M., Severi, F., & Vieira, E. (2019b). Construção de diretrizes para orientar ações institucionais em casos de violência de gênero na universidade. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 23. <https://doi.org/10.1590/Interface.180653>
- Mariano, T. (2020). *Os Efeitos de Curto e Longo Prazo dos Videogames Violentos na Agressão*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal da Paraíba]. https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18559?locale=pt_BR
- Martínez-Bacaicoa, J., Real-Brioso, N., Mateos-Pérez, E., & Gámez-Guadix, M. (2024). The role of gender and sexism in the moral disengagement mechanisms of technology-facilitated sexual violence. *Computers in Human Behavior*, 152. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2023.108060>
- Marôco, J. (2010). *Análise de Equações Estruturais: Fundamentos Teóricos, Software &*

Aplicações. Report number.

- McNiel, J. M., & Fleeson, W. (2006). The causal effects of extraversion on positive affect and neuroticism on negative affect: Manipulating state extraversion and state neuroticism in an experimental approach. *Journal of Research in Personality*, 40(5), 529–550. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2005.05.003>
- McMahon, S., Wood, L., Cusano, J., & Macri, L. (2018). Campus sexual assault:future directions for research. *Sexual Abuse*, 31(3), 270-295. <https://doi.org/10.1177/10790632177508>
- McNiel, J. M., & Fleeson, W. (2006). The causal effects of extraversion on positive affect and neuroticism on negative affect: Manipulating state extraversion and state neuroticism in an experimental approach. *Journal of Research in Personality*, 40(5), 529–550. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2005.05.003>.
- Medeiros, B., Pimentel, C., Sarment, M., & Mariano, T. (2020). “Brutal Kill!” Violent video games as a predictor of aggression. *Psico-USF*, 25(2), 261-271. <https://doi.org/110.1590/1413-82712020250205>
- Mitte, K., & Kämpfe, N. (2008). Personality and the four faces of positive affect: A multitrait-multimethod analysis using self- and peer-report. *Journal of Research in Personality*, 42(5), 1370–1375. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2008.04.004>
- Moola, S., Munn, Z., Sears, K., Sfetcu, R., Currie, M., Lisy, K., Tufanaru., Qureshi, R., Mattis, P., & Mu, P. (2015). Conducting systematic reviews of association (etiology): The Joanna Briggs Institute's approach. *Int J Evid Based Healthc* 13 (3), 163-9. <https://doi.org/10.1097/XEB.0000000000000064>
- Moor, L., & Anderson, J. R. (2019). A systematic literature review of the relationship between dark personality traits and antisocial online behaviours. *Personality and Individual Differences*, 144, 40–55. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.02>.

- Munn, Z., Peters, M., Stern, C., Tufanaru, C., McArthur, A., & Aromataris, E. (2018). Systematic review or scoping review? Guidance for authors when choosing between a systematic or scoping review approach. *BMC Medical Research Methodology* 18 (143). <https://doi.org/10.1186/s12874-018-0611-x>
- Muris, P., Merckelbach, H., Otgaar, H., & Meijer, E. (2017). The Malevolent Side of Human Nature. *Perspectives on Psychological Science*, 12(2), 183–204. <https://doi.org/10.1177/1745691616666070>
- Nora, C., Zoboli, E., & Vieira, M. (2017). Validação por peritos: importância na tradução e adaptação de instrumentos. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 38 (3). <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.03.64851>
- Palan, S., & Schitter, C. (2018). Prolific.ac—A subject pool for online experiments. *Journal of Behavioral and Experimental Finance*, 17, 22–27. <https://doi.org/10.1016/j.jbef.2017.12.004>
- Paulhus, D., & Williams, K. (2002). The dark triad of personality: narcissism, machiavellianism, and psychopathy. *Journal of Research in Personality*, 36 (6) 556-563. [https://doi.org/10.1016/s0092-6566\(02\)00505-6](https://doi.org/10.1016/s0092-6566(02)00505-6)
- Paulhus, D. L., Curtis, S. R., & Jones, D. N. (2018). Aggression as a trait: the Dark Tetrad alternative. *Current Opinion in Psychology*, 19, 88–92. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.04.007>
- Parrott, D. (2008). A theoretical framework for antigay aggression: Review of established and hypothesized effects within the context of the general aggression model. *Clinical Psychology Review*, 28(6), 933–951. [10.1016/j.cpr.2008.02.001](https://doi.org/10.1016/j.cpr.2008.02.001)
- Pasquali, L. (2010). Testes referentes a construto: teoria e modelo de construção. In L. Pasquali (Ed.), *Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas* (pp. 165-198). Artmed.

- Pasquali, L. (2018). *Teoria de resposta ao item: Teoria, Procedimentos e Aplicações*. Editora Appris.
- Patrocino, L., & Bevilacqua, P. (2021). Sobre risco, violência e gênero: revisão da produção da saúde sobre o sexting entre jovens. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26 (7), 2709-2718. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.07482021>
- Patchin, J., & Hinduja, S. (2018). Sextortion Among Adolescents: Results From a National Survey of U.S. Youth. *Sexual Abuse*, 32 (1), 30–54. <https://doi.org/10.1177/1079063218800469>
- Patchin, J., & Hinduja, S. (2020). *Tween cyberbullying in 2020*. https://i.car-toonnetwork.com/stop-bullying/pdfs/CN_Stop_Bullying_Cyber_Bullying_Report_9.30.20.pdf.
- Pessoa, T., Pimentel, C., Santos, I., & Tavares, S. (2021). Psicologia da Era Virtual (3ª geração): Validação da Escala de Atitudes Perante o Instagram. *Psicologia em Pesquisa*, 15(3), 1-17. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2021.v15.32460>
- Pereira, K., & Amorim, W. (2020). Desengajamento Moral Assédio Sexual no Brasil. *Cadernos Zygmunt Bauman*, 10 (23), 63–82.
- Pimentel, C., Vilar, R., Cavalcanti, J., & Moura, G. (2016). Psicologia da era virtual: estrutura das atitudes frente ao Facebook. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 11(2).
- Pina, A., Gannon, T., & Saunders, B. (2020). An Overview of the Literature on Sexual Harassment: Perpetrator, Theory, and Treatment Issues. *Aggression and Violent Behavior*, 14, (2), 126–38. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2009.01.002>.
- Piton - Gonçalves, J., & Aluísio, S. (2015). Teste Adaptativo Computadorizado Multidimensional com propósitos educacionais: princípios e métodos, *Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação*, 23 (87), 389-414. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362015000100016>

- Powell, A., & Henry, N. (2016). Technology-Facilitated Sexual Violence Victimization: Results From an Online Survey of Australian Adults. *Journal of Interpersonal Violence*, 34 (17), 3637–65. <https://doi.org/10.1177/0886260516672055>.
- Powell, A., & Henry, N. (2019). Technology-Facilitated Sexual Violence Victimization: Results From an Online Survey of Australian Adults. *Journal of Interpersonal Violence*, 34(17), 3637–3665. <https://doi.org/10.1177/0886260516672055>
- Prot, S., Anderson, C. A., Gentile, D. A., Warburton, W., Saleem, M., Groves, C. L., & Brown, S. C. (2015). Media as agents of socialization. In J. E. Grusec & P. D. Hastings (Eds.), *Handbook of socialization* (2nd ed., pp. 376–400). Guilford Press
- Pryor, J. B., Giedd, J. L., & Williams, K. B. (1995). A social psychological model for predicting sexual harassment. *Journal of Social Issues*, 51, 69–84. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1995.tb01309.x>
- Raj, A., Johns, N., & Jose, R. (2020). Gender Parity at Work and Its Association With Workplace Sexual Harassment. *Workplace health & safety*, 68 (6), 279–292. <https://doi.org/10.1177/2165079919900793>
- Ramsey, M. A., & Gentzler, A. L. (2015). An upward spiral: Bidirectional associations between positive affect and positive aspects of close relationships across the life span. *Developmental Review*, 36, 58–104. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2015.01.003>
- Reed, E., Salazar, M., Behar, A., Agah, N., Silverman, J., Minnis, A., Rusch, M., & Raj, A. (2019). Cyber Sexual Harassment: Prevalence and Association with Substance Use, Poor Mental Health, and STI History among Sexually Active Adolescent Girls. *Journal of Adolescence*, 75, (1), 53–62. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.07.005>
- Revelle, W., & Zinbarg, R. (2009). Coefficients alpha, beta, omega, and the glb: Comments

on Sijtsma. *Psychometrika*, 74(1), 145–154. <https://doi.org/10.1007/s11336-008-9102-z>.

Rodríguez-Castro, Y., Martínéz-Román, R., Alonso-Ruido, P., Adá-Lameiras, A., & Carreira-Fernandez, M. (2021). Intimate partner cyberstalking, sexism, pornography, and sexting in adolescents: new challenges for sex education. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18 (4).

<https://doi.org/10.3390/ijerph18042181>

Rosner, L., & Kramer, N. (2016). Verbal Venting in the Social Web: Effects of Anonymity and Group Norms on Aggressive Language Use in Online Comments. *Social Media + Society*, 2 (3). <https://doi.org/10.1177/20563051166664>

Russell, B. L., & Trigg, K. Y. (2004). Tolerance of sexual harassment: An examination of gender differences, ambivalent sexism, social dominance, and gender roles. *Sex Roles*, 50, 565–573. <https://doi.org/10.1023/B:SERS.0000023075.32252.fd>

Safernet Brasil. (2023). *Xenofobia, intolerância religiosa e misoginia foram os crimes denunciados à Safernet que mais cresceram nas eleições*. [https://new.safernet.org.br/content/xenofobia-intolerancia-religiosa-e-misoginia-foram -os-crimes-denunciados-a-safernet-que-mais-cresceram-nas-eleicoes](https://new.safernet.org.br/content/xenofobia-intolerancia-religiosa-e-misoginia-foram-os-crimes-denunciados-a-safernet-que-mais-cresceram-nas-eleicoes)

Salerno-Ferraro, A., Erentzen, C., & Schuller, R. (2022). Young Women’s Experiences With Technology-Facilitated Sexual Violence From Male Strangers. *Journal of Interpersonal Violence*, 37, (19–20), 17860–85. <https://doi.org/10.1177/08862605211030018>.

Salgado, K., & Prodócimo, E. (2017). Bullying e cyberbullying: Duas faces da mesma realidade. *Revista de Estudos Universitários - REU*, 42, 375. 2017. <https://doi.org/10.22484/2177-788.2016v42n2p375-393>

Samejima, F. (1969). Estimation of latent ability using a response pattern of graded scores.

Psychometrika, 34, 1–97.

Sánchez-Jiménez, Virginia., Rodríguez-de Arriba, M., Ortega-Rivera, J., &

Muñoz-Fernández, N. (2024). Can Virtual Reality be Used for the Prevention of Peer Sexual Harassment in Adolescence? First Evaluation of the Virtual-PRO Program.

Psychosocial Intervention, 33 (1), 29-42. <https://doi.org/10.5093/pi2024a1>

Santos, I., & Mariano, T. (2020). Somos todos Psicopatas? Considerações acerca da Tríade Sombria da Personalidade. VirtualBooks Editora.

Santos, I., Nascimento, A., Lima, D., Araújo, I., & Pimentel, C. (2021d). Você é o que Sente? Predizendo Afetos Positivos com a Personalidade Are you what you feel?. *Revista de Psicologia da IMED*, 13(1), 72-84. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2021.v13i1.3870>

Santos, I. (2022). *Comportamento antissocial online: uma abordagem pautada no modelo geral da agressão*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba]. https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/26025?locale=pt_BR

Santos, I., Paiva, T., Lima, D., Mariano, T., & Pimentel, E. (2022). Antisocial sexual behaviour online scale: validation and psychological and sociodemographic correlates. *Journal of Sexual Aggression*, 28 (3), 393-406. <https://doi.org/10.1080/13552600.2021.1999512>

Santos, I., Lima, D., & Pimentel, C. (2023a). Medidas de atitudes no estudo das redes sociais: uma revisão sistemática de literatura. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 11(2), 78-98.

Santos, I., Pimentel, C., Mariano, T., & Dias, E. (2023b). Why do we share aggressive online content? Testing a short cycle model. *Aggressive Behavior*, 49(1), 9-57. <https://doi.org/10.1002/ab.22052>.

Santos, I. S., & Pimentel, C. E. (2024). O lado obscuro da internet: Uma revisão de literatura

- sobre o comportamento antissocial online. *Psico*, 55(1), e39859–e39859.
<https://doi.org/10.15448/1980-8623.2024.1.39859>
- Schokkenbroek, J., Ponnet, K., & Hardyns, W. (2024). Young adults' online and in-person sexual harassment experiences in romantic relationships: exploring the role of relationship type and dark triad personality traits. *International Criminal Justice Review*, 34 (3), 262-283. <https://doi.org/10.1177/10575677231214181>.
- Seo, Y., Oh, P., & Kil, W. (2022). Into the wolves' den: an investigation of predictors of sexism in online games. *Behaviour & Information Technology*, 41 (8), 1740-1754.
<https://doi.org/10.1080/0144929X.2021.1899287>
- Silva, H., & Oliveira, A. (2015). Contribuições do projeto-piloto à coleta de dados em pesquisas na área de educação. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 10 (1). <https://doi.org/10.21723/riaee.v10i1.7584>
- Smoker, M., & March, E. (2017). Predicting perpetration of intimate partner cyberstalking: Gender and the Dark Tetrad. *Computers in Human Behavior*, 72, 390–396.
<https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.03.012>
- Soares, J., Menezes, I., & Maux, S. (2018). Assédio sexual nas redes sociais: normas de conduta e políticas de prevenção nas plataformas digitais. IN XX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 2018, Anais... Juazeiro–BA, 2018.
- Souza, L., & Lordello, S. (2020). Sexting e violência de gênero entre jovens: uma revisão integrativa de literatura. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 36. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3644>.
- Shores, K. B., He, Y., Swanenburg, K. L., Kraut, R., & Riedl, J. (2014). The identification of

- deviance and its impact on retention in a multiplayer game. In the 17th ACM Conference (pp. 1356-1365). New York, NY: ACM Press.
- <https://doi.org/10.1145/2531602.2531724>
- Stead, L., Brewer, G., Gardner, K., & Khan, R. (2022). Sexual coercion perpetration and victimisation in females: The influence of borderline and histrionic personality traits, rejection sensitivity, and love styles. *Journal of Sexual Aggression*, 28 (1), 15 - 27.
- <https://doi.org/10.1080/13552600.2021.1909156>
- Sublette, V., & Mullan, B. (2012). Consequences of play: A systematic review of the effects of online gaming. *International Journal of Mental Health & Addiction*, 10(1), 3-23.
- <https://doi.org/10.1007/s11469-010-9304-3>
- Suler, J. (2004). The online disinhibition effect. *CyberPsychology and Behavior*, 7 (3), 321-326. <https://doi.org/10.1089/1094931041291295>
- Summers, A., & Miller, M. (2014). From damsels in distress to sexy superheroes: How the portrayal of sexism in video games magazines has changed in the last twenty years. *Feminist Media Studies*, 14, 1028–1040.
- <https://doi.org/10.1080/14680777.2014.882371>.
- Subrahmanyam, K., & Greenfield, P. (1994). Effect of video game practice on spatial skills in girls and boys. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 15(1), 13- 32.
- Ståhl, S., & Dennhag, I. (2021). Online and Offline Sexual Harassment Associations of Anxiety and Depression in an Adolescent Sample. *Nordic Journal of Psychiatry*, 75 (5), p. 330–35. 2021. <https://doi.org/10.1080/08039488.2020.1856924>
- Tang, W., & Fox, J. (2016). Men’s Harassment Behavior in Online Video Games: Personality Traits and Game Factors: Harassment in Video Games. *Aggressive Behavior*, 42 (6), 513–21. <https://doi.org/10.1002/ab.21646>
- Tang, W., Reer, F., & Quandt, T. (2019). Investigating sexual harassment in online video

- games: how personality and context factors are related to toxic sexual behaviors against fellow players. *Aggressive Behavior*, 46 (1), p. 127-135.
<https://doi.org/10.1002/ab.21873>.
- Taylor, B., Liu, W., & Mumford, E. (2021). Profiles of Youth In-Person and Online Sexual Harassment Victimization. *Journal of Interpersonal Violence*, 36 (13–14), 6769–96. 2021. <https://doi.org/10.1177/0886260518820673>
- Tezza, R., Bornia, A., Andrade., & Barbetta, P. (2018). Modelo multidimensional para qualidade em website de e-commerce utilizando a teoria da resposta ao item. *Gestão e Produção*, 25 (4), 916 -934. <https://doi.org/10.1590/0104-530X1875-18>
- TIC Kids Online Brasil. (2020). *Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil*. <https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tic-kids-online-brasil-2021/>.
- Till, F. (1980). *Sexual harassment: A report on the sexual harassment of students*. <https://eric.ed.gov/?id=ED197242>
- Tomkins, S. (1978). Script theory: Differential magnification of affects. In *Nebraska symposium on motivation*. University of Nebraska Press.
- Wolff, J., Rospenda, K., & Colaneri, A. (2017). Sexual Harassment, Psychological Distress, and Problematic Drinking Behavior Among College Students: An Examination of Reciprocal Causal Relations. *The Journal of Sex Research*, 54,(3), 362–373. <https://doi.org/10.1080/00224499.2016.1143439>.
- Wolpe, J. (1958). *Psychotherapy by reciprocal inhibition*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Yao, M., Mahood, C., & Linz, D. (2010). Sexual priming, gender stereotyping, and likelihood to sexually harass: Examining the cognitive effects of playing a sexually-explicit video game. *Sex Roles*, 62 (01), 77–88. <https://doi.org/10.1007/s11199-009-9695-4>

- Yeo, T., & Chu, T. (2017). Sharing “Sex Secrets” on Facebook: a content analysis of youth Peer communication and advice exchange on social media about sexual health and intimate relations. *J Health Commun*, 22 (9), 753-762.
<https://doi.org/10.1080/10810730.2017.1347217>
- Zanon, C., Bastianello, M., Pacico, J., & Hutz, C. (2013). Relationships Between Positive and Negative Affect and the Five Factors of Personality in a Brazilian Sample. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 23(56), 285-292. <https://doi.org/10.1590/1982-43272356201302>
- Zaadnoordijk, L. & Cusack, R. (2022). Online testing in developmental science: A guide to design and implementation. *Advances in Child Development and Behavior*, 62, 93-125. <https://doi.org/10.1016/bs.acdb.2022.01.002>
- Zeigler-Hill, V., Besser, A., Morag, J., & Campbell, W. (2016). The dark triad and sexual harassment proclivity. *Personality and Individual Differences*, 89, 47-54, 2016. .
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.09.048>.
- Zillmann, D. (2008). Excitation transfer theory. In W. Donsbach (Ed). *The international encyclopedia of communication*. John Wiley & Sons, Ltda.

ANEXOS

Anexo 1.

Escala de Assédio Sexual Online

INSTRUÇÕES: As perguntas abaixo se referem ao seu próprio comportamento associado às pessoas que você tem um relacionamento afetivo e/ou sexual, pessoas próximas ou desconhecidas. Leia atentamente e responda conforme o quadro indicado abaixo.

0	1	2	3	4
Nunca	Uma ou duas vezes	Poucas vezes	Com frequência	O tempo todo

Você nos últimos 12 meses teve alguma das seguintes experiências enquanto utilizava a internet ou um dispositivo móvel. **Sem me pedirem/ sem ser solicitado eu já...**

- 1) ____ Enviei mensagens propondo sexo a alguém.
- 2) ____ Enviei mensagens, textos, imagens e/ ou vídeos, com conteúdo sexual explícito.
- 3) ____ Enviei mensagens com teor sexual (por ex.: você me deixa excitado)
- 4) ____ Fiz comentários com teor sexual nas fotos de alguém nas redes sociais.
- 5) ____ Enviei mensagens preconceituosas contra mulheres (por ex.: mulher no volante, perigo constante)?
- 6) ____ Pressionei alguém para compartilhar nudes.
- 7) ____ Enviei nudes.
- 8) ____ Enviei mensagens com um comentário negativo sobre o gênero ou orientação sexual de alguém.
- 9) ____ Comentei de maneira preconceituosa sobre a aparência de alguém nas redes sociais.
- 10) ____ Fiz propostas/convites sexuais por meio de mensagem virtual
- 11) ____ Fiz um comentário desagradável sobre a aparência de alguém.

Anexo 2.

Escala de Comportamento Antissocial Sexual Online

Instruções: Leia atentamente as perguntas e responda conforme o quadro indicado abaixo. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, portanto, seja o mais sincero possível.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente

1. ____ Eu uso a internet para moldar minha identidade e aumentar minhas chances de conseguir me envolver sexualmente com alguém. *
2. ____ Eu uso a internet para coagir outras pessoas a se envolver sexualmente comigo.
3. ____ Eu uso a internet para satisfazer minhas necessidades sexuais, independentemente das necessidades de outras pessoas.
4. ____ Eu uso a internet para tirar proveito do anonimato.

Anexo 3.

Dark Triad Dirty Dozen

INSTRUÇÕES. Por favor, avalie sua concordância ou discordância com cada item usando as seguintes diretrizes:

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente

1. ____ Costumo manipular os outros para conseguir o que quero
2. ____ Costumo usar enganações ou mentiras para conseguir o que quero
3. ____ Costumo bajular as pessoas para conseguir o que quero.
4. ____ Costumo explorar outras pessoas para meu próprio benefício.
5. ____ Eu tendo a ter falta de remorso.
6. ____ Costumo não me preocupar com a moralidade de minhas ações.
7. ____ Eu tendo a ser insensível ou indiferente.
8. ____ Eu costumo ser cínico.
9. ____ Eu tendo a querer que os outros me admirem.
10. ____ Eu tendo a querer que os outros prestem atenção em mim.
11. ____ Eu tendo a buscar prestígio ou *status*.
12. ____ Costumo esperar favores especiais dos outros

Anexo 4.

Inventário de Sexismo Ambivalente

Instruções: Por favor, expresse seus sentimentos sobre cada afirmação conforme a escala de resposta, não há respostas certas ou erradas.

1	2	3	4
Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

1. ___ Homem não se sente completo sem o amor de uma mulher
2. ___ Em nome da igualdade, as mulheres procuram privilégios
3. ___ Em catástrofes, mulheres devem ser resgatadas primeiro
4. ___ Mulheres interpretam ações inocentes como sendo sexistas
5. ___ Mulheres se ofendem muito facilmente
6. ___ Ninguém é feliz sem ter um(a) companheiro(a)
7. ___ Feministas procuram que as mulheres tenham mais poder
8. ___ Mulheres têm pureza que poucos homens possuem
9. ___ Mulheres devem ser queridas e protegidas por homens
10. ___ Mulheres não dão valor a tudo o que os homens fazem por elas
11. ___ Mulheres procuram poder controlando aos homens
12. ___ Todo homem deve ter uma mulher a quem amar
13. ___ Homem está incompleto sem mulher
14. ___ Mulheres exageram problemas no trabalho
15. ___ Mulher procura controlar ao homem comprometido com ela
16. ___ Mulheres alegam discriminação em derrotas justas
17. ___ Uma boa mulher deve ser posta no pedestal por seu homem
18. ___ Mulheres atraem sexualmente e depois rejeitam aos Homens
19. ___ Mulheres têm maior sensibilidade moral
20. ___ Homens devem prover segurança econômica as mulheres
21. ___ Feministas fazem demandas irracionais aos homens
22. ___ Mulheres são mais refinadas e têm melhor bom gosto

Anexo 5.

Escala de Afetos Positivos e Negativos

Instruções: Esta escala consiste num conjunto de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Indique em que medida você está sentindo essas emoções no presente momento, utilizando a escala de resposta abaixo.

1	2	3	4	5
Nem um pouco	Um pouco	Moderadamente	Bastante	Extremamente

1. ____ Interessado

13. ____ Encantado

2. ____ Perturbado

14. ____ Remorso

3. ____ Excitado

15. ____ Inspirado

4. ____ Atormentado

16. ____ Nervoso

5. ____ Agradavelmente
Surpreendido

17. ____ Determinado

6. ____ Culpado

18. ____ Trêmulo

19. ____ Ativo

7. ____ Assustado

20. ____ Amedrontado

8. ____ Caloroso

9. ____ Repulsa

10. ____ Entusiasmado

11. ____ Orgulhoso

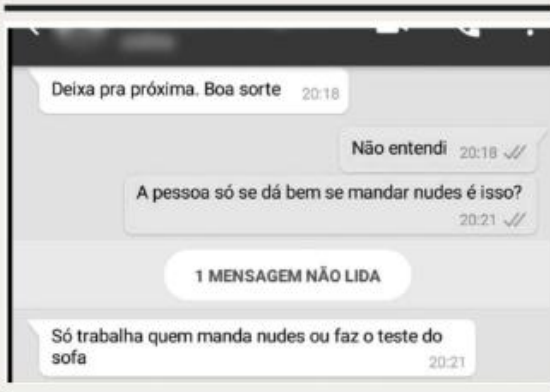
12. ____ Irritado

Anexo 6. Estímulos do Grupo Experimental

POST RECENTE EM DIREÇÃO SEGURA	COMENTÁRIOS
	autoseguro: por isso o seguro tem q tá em dia hahaha eve81: atrapalham demais o trânsito pqp bebel: são muito nervosas, não tem controle kkkk @me: @bebel são todas assim mesmo kkkkkk
lulu_p: é aquele ditado né, mulher no volante perigo constante kkkkk 93 pessoas gostaram.	

POST RECENTE EM CONVERSAS DO ZAP	COMENTÁRIOS
	fr_22p: alguém tem que convidar? dead_10: cadê o LINKKKKK? juan_k: eu tô lá hahaha @lelo: juan_k mitou kkk l_bg: é anonimo mesmo?
andy22: o melhor grupo! falem cmg no PV 88 pessoas gostaram.	

POST RECENTE EM ACHEI NO LINKEDIN



Cel87: Será que tá precisando mesmo?? kkk
56 pessoas gostaram.

COMENTÁRIOS



juan_k: tempos modernos kkk



pe_freitas: isso sempre aconteceu e vai acontecer, nada demais



@phil: deve mandar nude de graça e agora se faz de ofendida



@txt: se fosse p macho ela mandava hahaha

POST RECENTE EM OPINIÃO POLÊMICA



COMENTÁRIOS

@lx6: falou o que muita gente não tem coragem!

Posta foto sensual e acha que o cara vai te chamar pra ir pra igreja ?! Deixa de mimimi

3.838

Responder Ver tradução

3.838 pessoas gostaram

COMENTÁRIOS

jpj8: ele meio que mitou né

b6: e tá errado?

ev2: quer respeito e posta foto que nem uma p....

O q cura GLBT é PORRADA pq t comprovado q isso é pura SAFADEZA!!!

s1nm e outras 138 pessoas gostaram

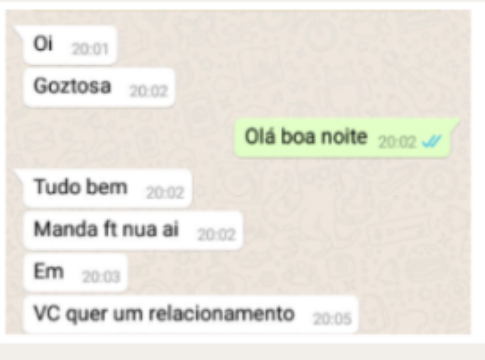
COMENTÁRIOS

=D: e que comece o mimimi

alf8: e ainda querem direitos

f_g1: não pode falar deles, se não vc é cancelado

alf8: vdd @f_g1, agora não pode mais se expressar



Oi 20:01

Goztosa 20:02

Olá boa noite 20:02 ✓

Tudo bem 20:02

Manda ft nua ai 20:02

Em 20:03

VC quer um relacionamento 20:05

@bre postou: novo jeito de chegar na mina
kkkk
75 pessoas gostaram

COMENTÁRIOS



@ce: prioridades kk



rt2: sem enrolação



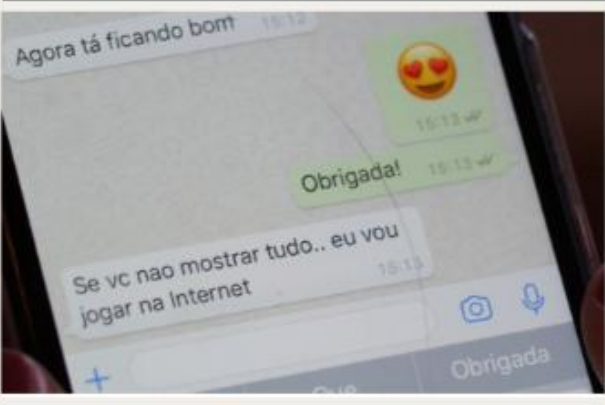
op7: será que ela mandou? kk



bb1: @op7 bem q ele poderia mandar aqui...



@gg10: alguém sabe onde encontrar as fotos?



Agora tá ficando bom 15:12

🥰 15:12 w

Obrigada! 15:13 w

Se vc nao mostrar tudo.. eu vou jogar na Internet 15:13

Obrigada

COMENTÁRIOS



cara1: eu tbm quero!!



h2m: fala no pv @cara1



A9x: caiu na rede é peixe haha



lol: p mim tbm



V9 ACABOU DE POSTAR:



COMENTÁRIOS

v9: elas mandam as fotos e depois reclamam sf

POST RECENTE EM @SSÉD10 NO TRABALHO

Me perdoa mas você além de ser uma mulher linda, ainda é eficiente no trabalho administrativo, obrigado pela resposta.

09:34

hnh7: estão se doendo por um elogio pqp

57 pessoas gostaram

COMENTÁRIOS



ph: quanto drama



@ro: se chamasse de feia iria achar ruim



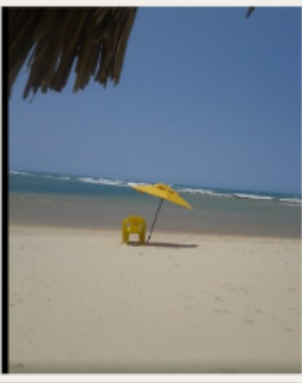
ac_: nada demais



@bs: tem que entrar mudo e sair calado

Anexo 7. Estímulos do Grupo Controle

POST RECENTE EM DIREÇÃO SEGURA	COMENTÁRIOS
	 autoseguro: direção segura, temos por aqui :)  evelin81: que foto linda!  bebel: esse carro é top!!!  @me: @bebel é sim, meu sonho rsrs
lulu_p: motorizada :) 93 pessoas gostaram.	

	COMENTÁRIOS
	 freitaspedro: que dia lindo!  debs10: como eu queria estar :)  juan_k: o mar é lindo demais  @leo: nem me chamou haha  lia_bg: S2 S2
andy22: uma praia cura todos os males. 88 pessoas gostaram.	

POST RECENTE EM BORA TRILHAR?



Cel87: A melhor trilha!!
56 pessoas gostaram.

COMENTÁRIOS



juan_k: na próxima quero ir!



pe_freitas: eu tbm @juan_k



@leo: esse lugar é muito bonito!!!



lia_bg: como faz para participar?

POST RECENTE EM VIAJAR É VIDA



COMENTÁRIOS

@leo: Já estou ansioso pela minha próxima viagem!!



3.838 pessoas gostaram

COMENTÁRIOS



jpj88: que lindos!



b6: melhor amigo do homem



ev2: tbm tenho um desses rsrs

POST RECENTE EM PAIXÃO PELO FUTEBOL



s1nm e outras **138** pessoas gostaram

COMENTÁRIOS



=D: a melhor torcida!



alf8: que fotão



fg: amor que não se mede



alf8: sensação indescritível



@bre postou: jardim em casa rsrs

75 pessoas gostaram

COMENTÁRIOS



@ce: que lindo!



rt2: queria tentar aqui
tbn



op7: comecei meu
pequeno jardim



bb1: @op7 o seu é em
casa ou ap??



@gg10: essa gatinha procura um lar



COMENTÁRIOS



cara1: vamos ajudar
pessoaaaal



h2m: vou compartilhar!!



A9x: eu quero



@gg10: fala comigo no
pv @A9x



V9 ACABOU DE POSTAR:



COMENTÁRIOS

v9: o melhor show da
minha vida!! #Inesquecível
#rock

POST RECENTE EM RECEITINHAS NA WEB



hnh7: receita de hj: bolo de chocolate
57 pessoas gostaram

COMENTÁRIOS



ph: que delíciaa



@ro: deu até vontade
agora kk



ac_: o melhor que temos



@bs: vou testar essa
receita